



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2015

**MARISA ALEXANDRA
MAIA MACHADO**

**O DESAFIO DE LER O MUNDO AO LONGO DA VIDA:
A VIDA E VOZ DE ESTUDANTES SÉNIOR NA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Formação Pessoal e Social, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho a uma parte de mim, o meu filho Xavier, e ao meu complemento, Nando.
Para ti, Nando, deixo as palavras seguintes:

“E então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento. Porventura é isso que desejais, ficardes no mesmo lugar o mais possível um para o outro, de modo que nem de noite nem de dia vos separeis um do outro? Pois se é isso que desejais, quero fundir-vos e forjar-vos numa mesma pessoa, de modo que de dois vos tomeis um só e, enquanto viverdes, como uma só pessoa, possais viver ambos em comum, e depois que morrerdes, lá no Hades, em vez de dois ser um só, mortos os dois numa morte comum; mas vede se é isso o vosso amor, e se vos contentais se conseguirdes isso.”
O Banquete, Platão

o júri

presidente

Professora Doutora Ana Paula da Silveira Simões Pedro
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Luís Maria Fernandes Areal Rothes
Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

O presente estudo resulta da colaboração de pessoas cuja contribuição gostaríamos de salientar.

Glorificamos a minha orientadora, a Professora Rosa Madeira, pela sua sabedoria, pela atenção, pelas aprendizagens que nos proporcionou e pela autoestima que sempre transmitiu. A Professora Rosa Madeira emitiu uma luz intelectual que nos guiou ao longo do estudo.

Agradecemos, profundamente, ao Professor Carlos Alberto Pereira de Meireles Coelho por ter contribuído para a nossa evolução e pelas aprendizagens significativas que recebemos da sua parte.

Agradecemos a preciosa contribuição da Universidade de Aveiro.

Um grande bem-haja aos estudantes que se dispuseram a contar-nos as suas narrativas: Brasilino da Costa Godinho, Manuel Anselmo Figueiredo Gomes Vieira e aos restantes. Estes últimos não são nomeados uma vez que concordaram com o anonimato.

Agradecemos, vivamente, à Dra. Elsa de Almeida pelo seu tempo despendido e pela sua colaboração no presente trabalho.

Realçamos a importância de todos os autores consultados que nos conduziram à mobilização de recursos intelectuais.

Estamos muito gratos pela paciência materna de Fátima Maia como, também, pela sua audácia exemplar na superação de adversidades.

E por fim, louvamos os nossos impulsionadores incomensuráveis: Xavier e Nando.

palavras-chave

Envelhecimentos; identidade; reforma; ciclo de vida; aprendizagem ao longo da vida; Universidade(s) “tradicional” e sénior.

resumo

O presente trabalho surgiu do interesse pela população sénior no seu movimento de procura de inserção e de participação em espaços de troca e de produção de conhecimento, entendimento e intervenção no mundo social. A abertura da Universidade tradicional e a criação de iniciativas de base associativa e local, tais como a Universidade Sénior, tem acompanhado o aumento da população idosa e a simultânea redução da população jovem nas comunidades, o que gera mudanças sociais que requerem uma resposta ativa de todos os Cidadãos e Cidadãs, independentemente da sua idade.

O envelhecimento demográfico, as políticas que atribuem ao indivíduo a responsabilidade pela qualidade do seu envelhecimento sem considerar a heterogeneidade das condições e disposições dos sujeitos face ao envelhecimento, são fatores que se combinam para expor a geração mais idosa a atitudes idadistas.

A aprendizagem ao longo da vida surge como resposta à necessidade de entendimento do mundo, que torna visível os novos papéis e oportunidades de desenvolvimento pessoal e social que se apresentam no período de reforma, participando para a reconstrução da identidade social dos idosos.

Neste estudo exploratório escutamos e procuramos compreender as vivências de um grupo de 5 estudantes com mais de 60 anos, que optaram por frequentar cursos convencionais na Universidade de Aveiro. A realização de entrevistas semi-diretivas nos permitiu compreender a diversidade das condições objetivas e disposições subjetivas que levaram estes estudantes a escolherem a vida académica e a Universidade como espaço de conhecimento e de comunicação intergeracional.

Concluimos que o contexto académico é percebido por todos como uma resposta satisfatória aos seus interesses de conhecimento e desejos de se manterem ativos em contextos de interação social de base intergeracional. A maioria reconheceu na Universidade uma oportunidade de realizar aspirações e projetos pessoais adiados devido a responsabilidades familiares e profissionais. Todos manifestaram interesse em continuar a produzir e a partilhar conhecimentos que possam ser úteis e valorizados pela sociedade. Esperamos que a escuta destes sujeitos contribua para a reflexão sobre a Universidade e que esta seja vivida como espaço de leitura do mundo e de um encontro com a diversidade de visões sobre a realidade atual e desejável.

keywords

Aging; identify; retirement; vital cycle; lifelong learning; University(ies) “tradicional” and Senior.

abstract

The present paper arise due to the increasing interest of senior population towards inclusion and participation in places of exchange and production of knowledge, understanding and also intervening into the social world. The access to traditional University and the conception of basic associative and local initiatives, such as Senior Universities, has been in line with persistent increasing of elderly population and simultaneous reduction of young population, which originates social changes. Thus, an active response of all individuals and citizens is required, regardless of their age.

Demographic aging, various policies concerning life quality for older people without considering groups heterogeneity and dissimilar behaviors that older people assume towards aging, are a combination of factors that expose older generations to age-related attitudes.

Lifelong learning appears to be an answer for older people who search for new understandings of the world, also supports the new personal and social roles that show up during retirement stage, and moreover, contributes for rebuilding of social identity of the elderly.

This paper explores and attempts to understand the experiences of a group of 5 students with more than 60 years, who decided to attend traditional courses in Aveiro University. The research was based on semi-directive interviews, in which we endeavored to know and recognize the objective and subjective arrangements that led these students for selecting learning thru traditional academic system, where the university assumes itself as a place for production of knowledge and identity reconstruction, within an intergenerational atmosphere.

We concluded that academic context contributes with positive answers to different needs of knowledge and allows social helpful interactions with different generations of people. The majority of the interviewed students recognize that University provides opportunities to accomplish assorted personal fulfillments which were somehow postponed due to some familiar, professional or among other particular motives. All students revealed common aspirations to keep contributing to society in a relevant way, as per sharing their long-life experiences and knowledge.

We sincerely wish that listening to the experiences of these aged learners could provide valuable contributions to reflect upon University role as a place for reading of the world and meeting with diversity of multiple visions of the present world.

Índice

Introdução.....	5
I. Enquadramento Teórico	7
1. O Envelhecimento: uma realidade e um desafio	7
1.1. O Envelhecimento como fenómeno demográfico	7
1.2. O Envelhecimento ativo como estilo de vida e política social	9
2. O Envelhecimento como acontecimento e experiência de vida.....	11
2.1. A universalidade e a heterogeneidade da experiência de envelhecer	11
2.2. O desafio da reconstrução identitária na entrada na reforma	13
3. A leitura do mundo como desafio e oportunidade da sua transformação	16
3.1. O mundo que se dá a ler no ciclo de vida.....	17
3.2. O “leitor do mundo” que se descobre sujeito da História.....	20
II. Metodologia	23
4. Orientação metodológica	23
4.1. Problemática da investigação	23
4.2. Opções metodológicas.....	24
4.2.1. Procedimentos de investigação	25
4.2.2. Os sujeitos da investigação.....	27
III. A Universidade como lugar de conhecimento e de reconhecimento	28
5. Contextualização da(s) Universidade(s) “tradicional” e Sénior	28
5.1. A construção da Universidade como espaço institucionalizado	28
5.1.1. O Ensino Superior atento à busca de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida	31
5.2. A construção de uma outra (ideia de) Universidade: a Universidade Sénior	33
5.3. Especificidades dos Universos da(s) Universidade(s) “tradicional” e Sénior	36
6. Da escuta da experiência dos Estudantes à descoberta das potencialidades e	

limites do contexto académico	38
6.1. A população académica sénior da Universidade de Aveiro	39
6.2. O percurso dos estudantes participantes	42
6.2.1. Motivos e escolhas do Curso	47
6.3. Ser e tornar-se Estudante: uma oportunidade de aprendizagem ao longo da vida	52
6.3.1. A adaptação e a relação com os docentes e pares	53
6.3.2. A prática docente, a avaliação formal e a experiência pessoal	56
7. Repensar a(s) Universidade(s): como espaço(s) de (re)conhecimento intergeracional	62
7.1. Dimensão institucional e organizativa	63
7.2. Dimensão pedagógica e afetiva-relacional	65
Considerações (ou desafios) finais	67
Conclusão.....	70
Bibliografia.....	72
Anexos	77

Índice de ilustrações

Ilustração 1 - “Pirâmide” Etária da População Residente em Portugal, 2001 e 2013	8
Ilustração 2 - Idadismo.....	16

Índice de tabelas

Tabela 1 - Situação académica atual	27
Tabela 2 - Caracterização de programas universitários existentes em Portugal	32
Tabela 3 - Caracterização sintética das Universidades Seniores	36
Tabela 4 - Universidade Sénior e Universidade “tradicional”	37
Tabela 5 - Distribuição dos cursos por áreas segundo o Classificador Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF), nível 1	41
Tabela 6 – Distribuição dos estudantes por curso selecionado	42

Tabela 7 - Percursos do estudante A.	43
Tabela 8 - Percursos da estudante G.	43
Tabela 9 - Percursos do Estudante B.	44
Tabela 10 - Percursos do Estudante M.	45
Tabela 11 - Percursos da estudante C.	46

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Distribuição dos estudantes por intervalos de idade	39
Gráfico 2 - Distribuição dos estudantes segundo o sexo.....	39
Gráfico 3 – Distribuição dos estudantes segundo o tipo de acesso ao curso	40
Gráfico 4 - Distribuição dos estudantes segundo o tipo de curso e respectivo nível ...	40
Gráfico 5 - Ano de matrícula	41

Siglas:

US – Universidade Sénior

INE – Instituto Nacional de Estatística

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OMS – Organização Mundial de Saúde

EU28 – União Europeia

ONG – Organização Não Governamental

Introdução

O aumento da população idosa e a redução da população jovem são dados que merecem cada vez mais a atenção das instâncias públicas, tendo em conta as mudanças sociais intensas e rápidas que requerem uma resposta adaptativa e criativa de todos os Cidadãos e Cidadãs, independentemente da sua idade.

Todos os cidadãos devem ter a oportunidade e a possibilidade de aceder a novos conhecimentos, através de um processo de aprendizagem contínua, que além de lhes dar recursos de adaptação à mudança de ritmos e estilos de vida, a novos critérios estéticos e a múltiplas formas de entendimento do mundo, ampliam o seu desenvolvimento pessoal e social.

É neste contexto que se compreende a emergência de intervenções educativas destinadas aos adultos idosos, que associam o interesse de conhecimento a preocupações com a qualidade de vida e a participação social no espaço público, valorizando a sua condição de sujeitos, Cidadãos e membros da comunidade de pleno direito.

O presente trabalho surgiu do interesse pela população sénior que procura a frequência de um curso convencional numa Universidade. Uma primeira aproximação ao movimento de criação das Universidades Sénior em Portugal nos levou a descobrir as iniciativas com que as Universidades tradicionais têm tentado responder à procura de estudantes - reais e potenciais - cuja idade ultrapassa os 60 anos de idade. Neste sentido, procuramos identificar e escutar a experiência de um grupo de estudantes da Universidade de Aveiro pertencentes a este grupo etário.

A primeira parte deste trabalho consta de um enquadramento teórico, organizado em três capítulos, onde é tratada a problemática do envelhecimento como realidade e desafio, salientando-se o envelhecimento demográfico e o envelhecimento ativo, este como estilo de vida e política social; como acontecimento e experiência de vida, através da abordagem da identidade socialmente atribuída aos sujeitos que atingem a idade da reforma situando este momento como ocasião de realização da leitura do mundo e oportunidade da sua transformação pela procura de ofertas de formação e de reconstrução de redes de interação social.

Este facto que parece levar os sujeitos à Universidade: a Universidade “tradicional” identificada e reconhecida como lugar de produção e difusão de conhecimento cien-

tífico e humanístico e à Universidade ou Academia Sénior investida por grupos organizados de Cidadãos que buscam espaços alternativos de aprendizagem ao longo da vida, onde diversos tipos de conhecimento são apropriados em espaços de (inter)ação social e de busca de realização pessoal. Este corpo conduz-nos à segunda parte deste trabalho onde serão apresentadas as considerações teórico-metodológicas que justificam o recurso às entrevistas semi-diretivas, como método exploratório, através do qual procuramos conhecer e dar a reconhecer as disposições subjetivas e as experiências de um grupo de estudantes com idade superior aos 60 anos, que frequenta os cursos tradicionais de uma Universidade.

É a partir das suas vozes que nos propomos refletir sobre a(s) Universidade(s) como espaços de satisfação de necessidades e desejos pessoais e coletivos de leitura do mundo, por sujeitos que, ao pertencerem a um grupo geracional identificado socialmente estritamente segundo a categoria idade, tende a ser social e politicamente invisível ou visado por atitudes idadistas e práticas discriminatórias.

Esperamos que a escuta destes sujeitos, numa fase tardia das suas vidas, contribua para a reflexão sobre a Universidade, vivida como lugar de leitura do mundo e de um encontro com a diversidade. Espaço este que é estimulado, mediado e fomentado pela comunicação entre iguais e onde as diferenças de idade, sexo, pertença social, étnica ou religiosa, naturalidade ou nacionalidade, orientação sexual podem contribuir para o enriquecimento de visões peculiares sobre o mundo.

I. Enquadramento Teórico

1. O Envelhecimento: uma realidade e um desafio

O aumento da longevidade é uma realidade que aumenta as oportunidades da vida de todos e que coloca desafios interessantes à convivência intergeracional e de aprendizagem sobre a diversidade de formas de vida na contemporaneidade.

O aumento da esperança média de vida indica melhorias nas condições de saúde individual e coletiva, que se refletem na estruturação dinâmica da família e na relação com as comunidades e identidades sociais reconstruídas por efeito da globalização social, política e económica, mas também cultural, que como refere Giddens (2012) influencia aspetos íntimos e pessoais da vida de cada indivíduo.

Neste contexto, a compreensão do fenómeno do envelhecimento nas e das sociedades atuais não pode limitar-se à estimativa da sua dimensão ou expressão demográfica e respectivo impacto social. Trata-se de um facto social que requer ser pensado em termos da experiência múltipla e heterogénea dos sujeitos que constituem este segmento da população e não, estritamente, como facto natural.

Neste capítulo nos propomos analisar o envelhecimento como fenómeno demográfico e como objeto de políticas sociais que tendem a remeter para os indivíduos a responsabilidade de se manterem ativos, saudáveis e produtivos, o maior tempo possível.

1.1. O Envelhecimento como fenómeno demográfico

Em 2002 a Organização Mundial de Saúde declarou que havia uma revolução demográfica em curso, em todo o mundo. Na época, estimava-se que as pessoas com idades de 60 anos ou mais eram cerca de 600 milhões e que, até 2025, este número duplicaria, atingindo os dois mil milhões de habitantes em 2050, com maior incidência nos países em desenvolvimento.

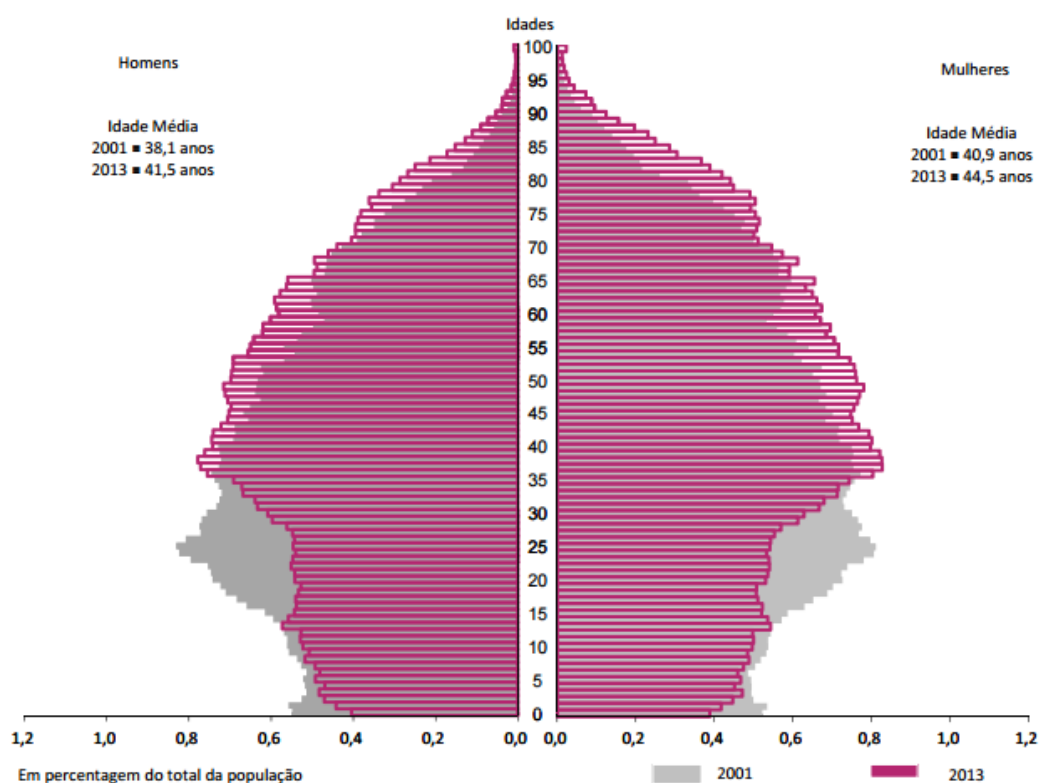
Portugal acompanha esta tendência de aumento da longevidade que tem efeitos na composição e distribuição etária da população conforme demonstram os dados do

INE. Portugal é um dos países com maior proporção de pessoas idosas no seio da EU28.

A população idosa, em 2001, representava 16,5% do total da população e em 2013 esta percentagem subiu para 19,9%. Em 2001 havia 100 jovens com menos de quinze anos para cerca de 103 pessoas com mais de 65 anos, enquanto em 2013 este número subiu para 136 idosos para cada 100 jovens.

A evolução da estrutura da população residente em Portugal, entre 2001 e 2013, ilustra bem a dinâmica social que temos vindo a referir (consultar ilustração 1).

Ilustração 1 - “Pirâmide” Etária da População Residente em Portugal, 2001 e 2013



Fonte: INE, Revista de Estudos Demográficos, 2015.

Em 2012, Rosa atribuiu o envelhecimento demográfico à redução da mortalidade e à redução da fecundidade, que é explicada pela autora como produto de um conjunto complexo de fatores entre os quais se incluem: (i) a maior instrução da população, (ii) o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, (iii) a

terciarização da economia ou a urbanização. A autora realça, no entanto, que o problema não se encontra nos números apresentados pela demografia. A razão dos problemas reside na inadaptação da sociedade perante os acontecimentos, já que “o corpo populacional mudou, mas os modelos organizadores permanecem quase intactos”.

O aumento da população com idade igual ou superior a 65 anos e a diminuição proporcional da população com menos de 15 anos, requer ser analisada como efeito da queda de fecundidade, facto que precisa ser compreendido como expressão de (i) ganhos de autonomia da mulher, (ii) a falta de políticas que facilitem a conciliação da vida familiar e profissional, (iii) a melhoria do acesso a métodos contraceptivos mas, também, e de modo especial como efeito de (iv) o ingresso tardio dos jovens no mercado de trabalho, devido ao aumento da escolarização, (v) o aumento do desemprego dos jovens, (vi) o abrandamento dos fluxos de entrada de emigrantes no país e, (vii) o aumento dos fluxos de saída de jovens portugueses. Todos estes fatores condicionam a decisão de ter filhos e do número de filhos, estando associada ao prolongamento da situação de dependência das gerações mais novas em relação às mais idosas.

O que está em causa parece ser as condições de reprodução de um ciclo de vida pensado como sucessão de fases estanques que se excluem mutuamente e que precisa ser repensado de modo a que as diversas fases da vida se complementem mútua e simultaneamente, em vez de se excluírem mutuamente, conforme sugere Rosa (2012).

1.2. O Envelhecimento ativo como estilo de vida e política social

Foi para responder a esta tendência de envelhecimento demográfico que começaram a surgir da parte de instâncias de governo internacional, algumas recomendações e políticas que preconizam o que vem sendo designado como “envelhecimento ativo”.

Em 1998 a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico definiu o envelhecimento ativo como a capacidade das pessoas terem em conta o modo como envelhecem, de forma a levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia. O foco principal desta instância internacional é promover opções que man-

tenham as pessoas idosas produtivas e que o seu tempo de vida seja investido em escolhas flexíveis, na forma de gastar o tempo, através da aprendizagem, do trabalho, da participação em atividades de lazer e na prestação de cuidados (cf. OCDE, 1998).

De outro ponto de vista, a Organização Mundial de Saúde definiu, em 2002, o envelhecimento ativo como sendo um processo de otimização das oportunidades para a saúde, a participação e a segurança, com o fim de melhorar a qualidade de vida relativamente ao modo como as pessoas envelhecem (OMS, 2002).

A União Europeia assume, no mesmo período, o envelhecimento ativo como orientação para políticas e práticas, ao longo da vida, de modo a que o sénior trabalhe mais tempo e se aposente mais tarde e de forma mais gradual. Justificam esta orientação em nome do aumento da qualidade média da vida dos indivíduos e, ao mesmo tempo como contributo para um maior crescimento, menores encargos de dependência e economia de custos substanciais relativos às pensões e à saúde. Espera-se que cada indivíduo adote estilos de vida saudáveis, trabalhando mais, aposentando-se mais tarde, mantendo-se ativo após a reforma.

Segundo Hutchison, Mikhailovich e Morrison (2006) esta definição incorpora uma perspectiva de curso de vida e está mais próximo da OMS do que a da OCDE, considerando, no entanto, que esta definição é um pouco restrita uma vez que se concentra, em grande parte, na transição crítica do trabalho para a reforma. Para os autores, a OCDE coloca a responsabilidade nos indivíduos e assume que todos os reformados estão na posição de fazer escolhas individuais, de forma autónoma. Esta base estreita é, intencionalmente, política para simplificar a monitorização e os processos de comunicação e, portanto, não leva em conta os vários ambientes que influenciam a saúde e o bem-estar ao longo da vida (cf. Hutchison et al, 2006).

Em Portugal, o Ministério da Saúde, faz vigorar esta orientação em 2004 através de medidas que visam a população idosa, no sentido de que seja melhor informada e formada sobre (i) as melhores formas de praticar uma atividade física moderada e regular; (ii) a estimulação das funções cognitivas; (iii) a gestão do ritmo sono-vigília; (iv) a nutrição, hidratação e alimentação.

A preocupação com o “envelhecimento ativo”, incrementada sobretudo a partir de 2012, pela celebração do Ano Europeu para o envelhecimento ativo e a solidariedade entre gerações, vai no sentido de que pretende-se que as pessoas idosas possam lidar com uma sociedade que se deseja altamente produtiva, requerendo

um elevado grau de flexibilidade no uso do tempo de vida no trabalho, na aprendizagem ou no lazer.

2. O Envelhecimento como acontecimento e experiência de vida

Neste capítulo nos importará apreender o envelhecimento como processo contínuo, que acompanha o ciclo vital. Processo este no qual a reforma constitui um momento crítico, devido à forma como a sociedade tem sido organizada, dando grande centralidade ao trabalho, na distribuição e reconhecimento dos diversos papéis sociais, como também um momento em que a identidade duradoura, reconhecida no emprego, com o qual os sujeitos se identificaram é alterada.

Propomo-nos problematizar as representações sociais que associam a idade à capacidade e que expõem os sujeitos que ascendem ao estatuto de “reformado” a estereótipos e preconceitos que naturalizam atitudes de discriminação e remetem para a invisibilidade, assim como a novos papéis sociais que são assumidos pelas pessoas com mais de 65 anos, cada vez mais, em condições materiais e sociais agravadas pela crise económica.

2.1. A universalidade e a heterogeneidade da experiência de envelhecer

Antes de mais é importante reconhecer que o envelhecimento individual começa na altura da concepção, ou seja, logo após a fecundação do óvulo, onde se inicia a morte das células e o envelhecimento dos órgãos. Esta circunstância nos obriga a reconhecer o envelhecimento como um fenómeno comum a todas as idades.

No entanto, embora envelhecer seja um processo constante e previsível, este envolve crescimento e desenvolvimento, pelo que a forma como uma pessoa envelhece depende de diversos fatores, tais como a constituição genética, as influências ambientais e o estilo de vida. Trata-se portanto de um fenómeno individual e de uma realidade muito heterogénea.

Conforme refere Pimentel (2001) a idade cronológica constitui um marco e uma forma relativamente precisa de identificar um grupo, contudo, as características re-

lativas ao desenvolvimento biológico, psicológico, mental e social, podem ser tão distintas entre indivíduos que qualquer classificação se torna arbitrária e dificilmente encontra critérios homogêneos que a fundamentem.

Lima (2010) define o envelhecimento como um processo universal, gradual e irreversível de mudanças e de transformações que ocorrem ao longo da vida; a autora salvaguarda, no entanto, que o envelhecimento não atinge todas as funções, nem todas as pessoas, da mesma forma, considerando que duas pessoas não envelhecem do mesmo modo, pois envelhecem como aprendem a viver, apesar de as possibilidades de recriação, em qualquer ensejo, sejam infindas.

Para a autora, o envelhecimento individual leva a que mesma pessoa possa ter diferentes idades: a idade biológica, psicológica e social. A idade biológica dependerá do envelhecimento orgânico, ou seja, da intensidade e ritmo das alterações sensoriais e fisiológicas; a idade psicológica dependerá das dimensões cognitiva, afetiva, emocional e da capacidade funcional e, finalmente, a idade social dependerá do papel, do estatuto e hábitos que são fortemente condicionados pela cultura e o contexto histórico do país. Pelo que o desafio do envelhecimento exige compreender o fenômeno, pois é necessário que o sujeito possa participar na construção social do mesmo, em vez de, apenas o experienciar como realidade natural (cf. Lima, 2010).

Também Saldanha (2009) realça que o prolongamento do tempo de vida com qualidade é muito mais do que um simples processo biológico; refere que embora os fatores hereditários ou estado de saúde sejam determinantes, há outros fatores, tais como circunstâncias ambientais, sociais e políticas com que o cidadão ou cidadã idosos têm que interagir.

Para Fontaine (2000), a velhice bem-sucedida está associada à combinação de três categorias de condições. A primeira é a probabilidade de doenças, particularmente, as causadoras de perdas de autonomia. A segunda baseia-se na conservação de um elevado nível funcional nos planos cognitivo e físico. A terceira consiste na manutenção do empenhamento social e bem-estar. Estes três tipos de condições irão associar-se, em proporções variáveis, de acordo com as influências de desenvolvimento que os indivíduos comportaram durante a vida.

Clavijo (1999) refere que se pode diferenciar o "envelhecimento primário" derivado, inevitavelmente, da idade, do que poderia ser chamado de "envelhecimento secundário", que estaria relacionado com a inatividade e/ou com alguns excessos que fazem parte do estilo de vida das pessoas (alimentação irracional, stress, elevada

exposição ao sol, etc.) e o "envelhecimento terciário" que tenderia a ver com o chamado "envelhecimento ativo e saudável", como descritores de estilo de vida desejável para este segmento da população.

A partir desta perspectiva, Clavijo alude que quando uma pessoa adota um estilo de vida saudável e mantém um determinado nível de atividade, ou seja, mantém-se ocupado e interessado em aprender, é muito provável que mantenha um maior nível de desenvolvimento cognitivo e de saúde e, por conseguinte, uma maior capacidade intelectual e competência psicossocial, o que pode levar a uma melhor adaptação ao meio envolvente.

O que importa não esquecer é que o envelhecimento é um processo individual e diferencial, caracterizado por uma grande variabilidade individual em diversos níveis. Os fatores genéticos e as condições ambientais atuam cumulativamente ao longo do tempo e há efeitos individualizados resultantes da forma como cada pessoa influencia naturalmente a sua própria vida (Baltes & Baltes, 1990).

Esta é a razão pela qual Lima (2010) depois de considerar que adotar um estilo de vida saudável é uma forma de prevenir condições patológicas, afirma que cabe a cada um aumentar a sua “reserva pessoal” através da educação, da motivação, do aumento das redes sociais e do fomento de ambientes e contextos ativos.

Este processo de inversão não se faz sem problemas e depende do impacto das atitudes da sociedade face à reforma que são determinantes no valor que é atribuído aos indivíduos em cada fase da vida, contribuindo para a tolerância e reprodução de preconceitos e estereótipos, que este grupo geracional deverá enfrentar e superar na relação com os demais grupos sociais.

2.2. O desafio da reconstrução identitária na entrada na reforma

A reforma representa um marco importante no curso de vida dos sujeitos dado que implica uma transição entre dois tempos sociais distintos, o do trabalho e o do pós-trabalho e impõe uma adaptação social.

É incontornável reconhecer que todas as sociedades usam a idade como critérios de classificação dos indivíduos a quem são atribuídos diferentes expectativas e papéis no processo de reprodução social. As categorias usadas para identificar os ou-

tros e a si próprio mudam segundo os espaços sociais onde se efetuam as interações e as temporalidades biográficas e históricas o que é relevante quando se trata da reforma, momento em que a identidade duradoura, reconhecida no emprego, com o qual os sujeitos se identificaram é alterada.

Existe, no entanto, uma dualidade nas identidades: as identidades para si, que são construídas a partir das trajetórias dos sujeitos, pelas suas experiências e vivências e a identidade para os outros, que no geral, são herdadas pela pertença ao grupo étnico, à nação, à classe social, e são conferidas pelos outros num dado espaço social e contexto histórico.

Para Dubar (1997), a construção da identidade depende dos julgamentos dos outros e das orientações e autodefinições do sujeito. A identidade social articula uma transação “interna” ao sujeito e uma transação “externa” estabelecida entre o sujeito e as instituições com as quais interage e constrói-se durante toda a vida por ruturas e distanciação.

Trata-se de um marco significativo no ciclo da vida que tanto pode desencadear um processo de isolamento social e de desvalorização individual ou, pelo contrário, implicar o início de uma recomposição ativa dos papéis sociais, conforme sugere Quarresma (2008).

Para Pimentel (2001), a atividade profissional, mais do que uma fonte de rendimento, é uma forma de integração social e o indivíduo que entra na reforma vê o seu lugar na sociedade mudar, sente-se deslocado e em muitos casos não sabe onde empregar o seu tempo e energia.

O grau de alteração dos diversos aspetos de pertença social do indivíduo que se reforma e o modo como organiza a sua vida quotidiana dependerá do estilo de vida adotado no passado, podendo ou não a transição entre a atividade laboral e a inatividade, causar ruturas na identidade dos sujeitos.

Segundo Cabral (2013) o isolamento social ou a desvinculação da sociedade pode ocorrer devido a um desfasamento, num curto período de tempo, dos laços sociais desenvolvidos no seio laboral, levando à perda ou à diminuição da rede de amizades e de sociabilidades provenientes da carreira de trabalho.

Dubar (1997) considera que quando os indivíduos entram na situação de reforma, vivem, de imediato, a sua retirada como uma exclusão. A ausência de futuro, a perda de afirmação social, de solidão, de dessocialização instituem sintomas da perda

do laço social que constituíam as relações anteriores de trabalho e do estatuto social próprias do emprego.

De outra perspetiva, Pimentel (2001) considera que o afastamento da atividade profissional traduz-se num significativo aumento do tempo a gerir, pelo que a adaptação social pode passar por um processo de substituição de atividades que mantenha o sujeito ativo, ter objetivos e continuar a aprender e a crescer interiormente em busca de um novo equilíbrio. No entanto, poucos são os indivíduos que estão preparados para o desenvolvimento de novos papéis e funções sociais a partir da participação social, cultural e educacional.

É bastante frequente que com a saída do mundo do trabalho, a rede social dos sujeitos passe a ser sinónimo de família, sendo os seus laços constituídos, essencialmente, por familiares de várias gerações, mas pode, em muitos casos, alargar-se a outros elementos, que diversificam e alargam o suporte social, em função das suas possibilidades e capacidades. O apoio emocional, a longo prazo, cabe aos familiares e aos vizinhos a resolução de questões práticas que requerem atenção imediata. Lima (2010) refere, no entanto, que as redes sociais podem ser modeladas por relações de não-parentesco, tais como os amigos, os vizinhos e os conhecidos, principalmente no caso dos idosos que não casaram ou tiveram filhos ou irmãos, ou que sofreram conflitos e separações que demarcaram as relações familiares. Neste caso a sua inserção depende da complementaridade entre diversos atores sociais e de respostas institucionais (Pimentel, 2001).

García e Osorio (2005) sugerem que a falta de preparação relativamente à reforma pode levar a uma séria desorganização e perturbação da vida e a uma internalização negativa relacionada do papel de reformado, devido à visão da velhice e à percepção de pessoas mais velhas como indivíduos carentes a nível social. Esta percepção pode criar condições de exposição ao idadismo.

Marques e Gorjão (2012) aludem que em Portugal, a discriminação contra os indivíduos mais velhos, apresenta-se como a forma primordial de idadismo, i.e., atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos mais velhos, que pode ser “tão abrasivo como o disparo de uma arma sobre um inocente desarmado”.

O idadismo diz respeito ao preconceito ou discriminação contra ou a favor de um grupo etário. Palmore (1999) divide os preconceitos em relação às pessoas mais velhas em estereótipos negativos, que comportam crenças erradas sobre um grupo, e atitudes negativas, ou seja sentimentos negativos sobre um grupo, neste caso, os

idosos (consultar ilustração 2).

Ilustração 2 - Idadismo

NEGATIVO		
PRECONCEITO	Estereótipos	Atitudes
DISCRIMINAÇÃO	Pessoal	Institucional

Fonte: adaptado de Palmore (1999).

A vida das pessoas idosas pode, efetivamente, ser afetada pelas crenças de que se trata de um grupo homogêneo, por preconceitos sobre a capacidade que desvalorizam os mais velhos enquanto grupo social e, por fim, por atitudes de discriminação, que violam os direitos humanos básicos e a própria democracia.

Para Marques (2011) o combate do idadismo requer um trabalho social e político, mas também pessoal, que pressupõe que cada indivíduo mobilize os seus recursos cognitivos para agir de forma não-idadista. Se não houver intencionalidade política de mudar o conteúdo das representações associadas à velhice e as relações entre as diferentes categorias etárias, dificilmente se poderá desmistificar a ideia de que todas as pessoas idosas são doentes e incompetentes.

Neste sentido, Oliveira (2005) considera que o reconhecimento desta etapa da vida deve ser feito através da libertação dos estereótipos e dos mitos criados sobre as pessoas mais velhas, reforçando o conceito de cidadania, no qual são referenciados os direitos e os deveres.

3. A leitura do mundo como desafio e oportunidade da sua transformação

Neste capítulo pretendemos situar a formação como dimensão que acompanha o ciclo de vida, onde a aprendizagem acontece não só em contextos de educação formal e não formal, mas também no quotidiano, na vida vivida com os outros e em

resposta a acontecimentos, mais ou menos significativos que ocorrem em diferentes contextos. A aprendizagem ao longo da vida foi assumida e preconizada pelas instâncias internacionais e nacionais como condição necessária à adaptação a um mundo onde o conhecimento, a sua construção, difusão e apropriação constitui um elemento fundamental à reprodução e a transformação social. Procuraremos situar a formação como investimento de sujeitos que se preocupam e ocupam da leitura do mundo, como forma de o compreender e inscrever-se nele, enquanto sujeito da história e contemporâneo a outras gerações.

A Universidade herdada como sede da produção de conhecimento e a Universidade recriada como projeto coletivo, de reconstrução de novos lugares de conhecimento e reconhecimento, surgem neste capítulo como espaço entre espaços de ação social, económica, política e cultural; espaços onde a experiência e a memória dos que viveram, direta ou indiretamente, a influência da experiência de duas Guerras Mundiais, a emergência do Estado-Providência e a conquista de direitos humanos, bem como da emergência e superação de regimes ditatoriais e a democratização, não constituam um desperdício, na leitura intergeracional do mundo na sua complexidade e inacabamento.

3.1. O mundo que se dá a ler no ciclo de vida

O modelo de ciclo de vida, construída segundo as categorias sociais educação, tempo de trabalho, estruturas de carreira e o tempo da reforma é recente, dado que foi construído apenas nos dois últimos séculos. Segundo Castells (2011) esta mudança deve-se à Revolução Industrial, à ciência médica e à afirmação dos direitos sociais, cujos avanços, organizacionais, tecnológicos e culturais, tem vindo a alterar o número de horas de trabalho e a sua distribuição no ciclo de vida. Uma das consequências desta alteração, nas últimas décadas tem sido a saída precoce do mercado de trabalho, que estabelecia o ingresso na “terceira fase da vida”. À medida que outros grupos geracionais se encontram nesta situação, o que passa a diferenciar e a distinguir os dois grupos, adultos e idosos, passa a ser o nível de limitação e o capital social, cultural e relacional acumulado durante toda a vida (cf. Castells, 2011).

O lugar dos idosos e a sua necessidade de educação e formação ao longo da vida

alterou-se também devido à evolução e difusão das novas tecnologias de informação e comunicação que trouxeram a globalização social, económica, política e cultural para muitas esferas da vida quotidiana. Há ainda que referir as mudanças na vida privada das famílias e na própria recomposição e noção de família que se reflete no aumento do número de divórcios, de “recasamentos” e de indivíduos que vivem sozinhos.

Mais recentemente a crise, o desemprego e a reestruturação do mundo de trabalho veio criar novas situações de convivência intergeracional que colocam novos desafios e exigências de conhecimento aos idosos.

Assiste-se cada vez mais à atribuição de papéis sociais mais relevantes aos pais com idade avançada, designadamente como fonte de apoio emocional e instrumental aos filhos, quer face a situações de divórcio quer face as dificuldades financeiras. Em muitos casos, a tradicional dependência dos pais em relação ao apoio social dos filhos inverte-se no sentido de serem os mais velhos a ocupar-se do cuidado das gerações mais novas, o que implica o desempenho de múltiplos papéis sociais que os inserem no quadro de interações significativas (cf. Lima, 2010). Cada vez é maior o número de famílias multigeracionais, compostas por mais de quatro gerações, Segundo Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) a emergência de novos processos familiares têm levado à mudança da noção de família nuclear, tanto no que concerne à sua estrutura, como à sua dinâmica.

A durabilidade de laços entre avós e netos, pode chegar a três a quatro décadas, devido ao aumento da esperança média de vida e à melhoria das condições de saúde deste grupo social e ao aumento de pelo menos uma geração na estrutura familiar como refere Vieira (2010).

A velhice deixa de ser vivida estritamente como último estágio da vida, por idosos que constituem um universo social muito variado, composto por reformados precoces e médios, idosos capazes e idosos com vários graus e formas de limitação, com modos de vida distintos, visões do mundo, projetos e objetivos pessoais e de grupo, muito diversificados, como refere Campos (2008). O aumento da escolaridade e da formação, que caracterizava sobretudo a primeira fase da vida tende a durar mais tempo, prolongando-se até à segunda e terceira fases da vida, ou seja, à fase da vida ativa e da reforma, e para além do fim da atividade profissional. Pelo que a organização da vida individual deixa de poder ser pensada e vivida como sucessão de três momentos: a fase de formação, a fase da

vida ativa e a fase da reforma.

Este modelo de ciclo de vida é problematizada por Rosa (2012), que propõe um modelo que concebe a interligação, a complementaridade mútua e simultânea das diversas fases da vida, como condições para a realização pessoal. Havendo esta interligação, a formação continuaria ao longo da vida até o momento em que já não fosse possível absorver conhecimento (cf. Rosa, 2012). Para a autora, o conhecimento é a chave da sociedade atual e uma das suas características interessantes é o facto deste não se encontrar confinado a uma faixa etária e de ser uma fonte inesgotável, uma vez que a sua quantidade não diminui segundo o número dos seus utilizadores, podendo estar, constantemente, a ser produzido, recriado e, por conseguinte, ampliado.

Aprender ao longo da vida é, como refere Alonso (2007), uma realidade inerente a todos os sujeitos; é um modo de enfrentar os desafios na sociedade da globalização e do conhecimento e cria uma disposição positiva para enfrentar as constantes transformações e a complexidade social.

É, no entanto, importante reconhecer que, tal como refere Lima (2007), o desenvolvimento humano e social só pode ocorrer através de uma educação livre e democrática, que não se deixe aprisionar por esquemas reducionistas de subordinação aos imperativos impostos.

A inserção social, a adaptação às novas tecnologias, a adaptação social e cívica, a resposta positiva aos objetivos de desenvolvimento sustentável ou das estruturas ocupacionais e económicas, só são verdadeiramente considerados quando integrados num quadro político e axiológico de referência. Para o autor o debate de tais objetivos fortalece as capacidades de reflexão crítica e de intervenção cívica, para que os atores possam contribuir para a transformação das condições existenciais numa sociedade democrática (cf. Lima, 2007). No mesmo sentido, Finger (2005) considera ainda que a responsabilidade ecológica social é o cenário mais desafiante e intelectualmente mais estimulante, para a redefinição da identidade da educação, à luz dos novos desafios sociais atuais, sem que isto corresponda ao abandono do empenho na mudança social e na ação social.

3.2. O “leitor do mundo” que se descobre sujeito da História

Devemos a Paulo Freire (1980) a imagem da educação como leitura do mundo. A educação é entendida como um ato de conhecimento, como uma prática da liberdade e uma aproximação crítica da realidade. É uma prática que desenvolve a tomada de consciência e a atitude crítica, que liberta em vez de submeter e domesticar, o que implica um posicionamento dialético e político, conforme refere Lima (2014).

Para o referido autor é o posicionamento dialético que permite ao sujeito da educação “ler” o mundo de uma forma não linear e o capacita a analisar os “ditos” e os “contraditos” da história do ser humano. Pelo que, à medida que conhece a realidade, identifica os elementos essenciais para a contestação de posturas e a ratificação de explicações do mundo e do ser humano no seu processo de constituição. Quanto ao posicionamento político, diz respeito à reivindicação dos direitos simultaneamente aos deveres do cidadão e se, no processo da vida social, há ou não ênfase para o desenvolvimento de espaços democráticos. Para Lima, o posicionamento político e dialético, são interfaces de uma sensibilização de uma leitura de mundo e da palavra que devem ser efetuadas, tendo em vista os desafios da sociedade (cf. Lima, 2014).

É esta busca de conhecer, contestar, ratificar explicações e posicionar-se perante o mundo que, a nosso ver, pode explicar o aumento do número de pessoas com idade avançada, grupos de cidadãos e organizações, que buscam nas instituições de formação um espaço de aprendizagem ao longo da vida.

Esta mobilização social, individual e coletiva de busca de conhecimento e de participação na transformação social, tem gerado novas dinâmicas participativas que incluem o associativismo, novas formas de ativismo social e de reivindicação de direitos, iniciativas de ação enquadradas por projetos culturais e sociais e em dinâmicas de desenvolvimento comunitário.

Atualmente existe um número considerável de espaços de intervenção em que os seniores desempenham um papel ativo: associações, organizações sindicais, o voluntariado e diversas iniciativas de economia social e solidária, tais como o Banco de Tempo.

Nestes contextos, a aprendizagem informal decorre nos espaços de vida quotidiana, por meio de conversas, experiências e vivências com a família, colegas, amigos

e da interação com múltiplos agentes sociais.

A Associação dos Aposentados, Pensionistas e Reformados (APRe!) ganha visibilidade no espaço público, enquanto lugar de voz dos aposentados e reformados portugueses, que reivindicam o direito de “ter um papel ativo na definição das políticas públicas, enquanto parceiro social face às instituições públicas e às instituições da sociedade civil” e se define também como espaço de “luta contra a discriminação da terceira idade, contra os sentimentos de medo e de vergonha, o isolamento e a vulnerabilidade que afetam os aposentados e pensionistas e em defesa de um envelhecimento participativo” (2014).

A população sénior continua a manter uma presença relevante nas organizações sindicais, aqui entendidas como lugar de oportunidade de aprendizagem, num momento de grande transformação das formas de organização do mundo do trabalho e das relações laborais, que exige o desenvolvimento de conhecimento e de atividades que promovam a aprendizagem de membros e de não membros. O aumento dos projetos e contextos de voluntariado tem ganhado grande visibilidade social na última década. Para isto, pode ter contribuído a crise social e económica que afetou o país, mas este incremento pode também refletir o impacto da publicação do documento “Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade”, pela Comissão das Comunidade Europeias em 2001.

Neste se reconhecia aos “grupos de voluntários e as associações locais um lugar privilegiado para propor uma aprendizagem à medida das necessidades, promover a aprendizagem dos aprendentes (potenciais) e veicular claramente as necessidades e os interesses destes últimos, encorajando os indivíduos a responsabilizarem-se pela sua própria aprendizagem. A solidariedade e a coesão social da comunidade eram invocados como preocupação, especialmente em tempos de crise social e económica. O documento apresentava a criação do capital social como um meio de fortalecimento da determinação das pessoas em adotar uma mudança positiva que ultrapassaria a comunidade de inserção, incluindo o diálogo intercultural e intergeracional, a integração de migrantes, a proteção civil, o desenvolvimento e ajuda humanitária, a proteção ambiental, a defesa dos direitos humanos e a prestação de serviços sociais.

No campo da economia há que registar o desenvolvimento do Banco de Tempo, sob a égide do GRAAL, que se apresenta como uma ferramenta da economia solidária para o desenvolvimento económico e social. Segundo o Relatório de Avalia-

ção sobre o Balanço da Atividade do Banco do Tempo, em 2013, dos 1590 membros do BdT 26% são pessoas com mais de 60 anos. Devido a limites de tempo, não pudemos inscrever aqui a referência ao papel fundamental que a população sénior tem tido na mobilização e dinamização do debate público sobre a Cidadania, tentado através das mais diversas iniciativas e organizações da sociedade civil.

O que nos importa registrar é que é na criação e ocupação de novos lugares, não exclusivos ou excludentes do ponto de vista geracional, que a população sénior marca, cada vez mais a sua presença enquanto atores sociais relevantes, pela sua redescoberta enquanto testemunhos e sujeitos da história contemporânea.

O desempenho dos idosos nos contextos que buscam a possibilidade de conhecimento e de reconhecimento da sua cidadania efetiva é visto por alguns setores como meio de assegurar um maior sentido de dignidade pessoal e melhor qualidade de vida. Esta possibilidade requer, em todo caso, que seja dada uma atenção especial à qualidade dos próprios espaços públicos e privados onde a participação cívica ocorre.

A falta de condições de acesso e de mobilidade física, assim como os meios de informação e suporte não adequadas podem constranger em vez de potenciar a sua participação ativa em condições de dignidade, em que lhes seja efetivamente possível inscreverem o seu papel de sujeitos de uma história pessoal e coletiva de exercício ou negação do reconhecimento a direitos civis, políticos e sociais. Dependerá da diversidade de forças resultantes da articulação e da relação entre as distintas instituições formativas e a possibilidade das pessoas, todas, poderem aprender e desenvolver, ao longo de toda a vida, atitudes e competências de cidadania.

Na perspectiva de Alonso (2007), a consciência da sua cidadania pode auxiliar os sujeitos na construção de uma sociedade mais justa e solidária, face a um mundo onde as desigualdades de oportunidades, a xenofobia, o individualismo e a exclusão tendem a aumentar. Acrescentamos, face a um mundo onde o idadismo pode constituir uma barreira alimentada pelo preconceito e pelo debate mal informado sobre o envelhecimento demográfico e a sustentabilidade do sistema de apoio social. Pelo que todas as questões relacionadas com estas temáticas merecem ser refletidas com conhecimento atualizado e na sua complexidade.

A busca de conhecimento, de reconhecimento em espaços de formação e aprendizagem ao longo da vida, tais como as Associações, Academias e Universidades Seniores, entre outras, que ganha grande visibilidade nos espaços mediáticos, re-

flete, provavelmente, da parte da geração da reforma ou pré-reforma, uma maior capacidade de enfrentamento do estereótipos sociais e preconceitos idadistas e uma tomada de consciência, do mundo e de si próprio como ser inacabado. A consciência da “inconclusão” é o que, na perspectiva de Paulo Freire (1980), alimenta o constante movimento de busca de ser mais, como vocação ontológica.

II. Metodologia

4. Orientação metodológica

Neste capítulo nos propomos apresentar as linhas metodológicas que regularam a nossa prática de investigação, a começar pela definição da problemática, construída a partir de leituras que deram corpo ao enquadramento teórico e da qual partimos para a definição dos objetivos. Apresentaremos, então, a justificação das opções metodológicas e do esclarecimento sobre os procedimentos de investigação e, finalmente, faremos uma primeira breve apresentação do grupo de estudantes seniores que participaram nesta investigação como nossos entrevistados.

4.1. Problemática da investigação

Nesta investigação pretendemos compreender o papel que a Universidade, vivida como instituição, ideia e/ou ideal de centro de conhecimento e lugar de convivência social, pode desempenhar no enfrentamento de desafios de adaptação dos indivíduos, com idade superior aos 60 anos, a novos ritmos e estilos de vida, critérios estéticos e formas de entendimento e leitura do mundo atual. Pretendemos compreender também se a experiência de autodeterminação do usos do próprio tempo, conquistado com a reforma, e a participação ativa em sistemas de formação, contribui para exercício de direitos de cidadania, numa perspetiva intergeracional e não idadista, indo ao encontro da reflexão crítica que tem sido feita sobre a atualidade e pertinência de um modelo de ciclo vital que segmenta as fases da vida por idades e que são socialmente definidas como tempo próprio de formação, de produção ou de

descanso e lazer.

Para este efeito, procuramos descrever e discutir as trajetórias de inserção de um grupo de sujeitos que ingressaram na Universidade de Aveiro, numa fase tardia da sua vida.

Através da escuta da sua experiência procuraremos identificar os fatores que justificaram a escolha do meio académico tradicional, como espaço de produção de conhecimento e reconstrução identitária, no contexto intergeracional onde persistem preconceitos e estereótipos sobre a “idade própria” para as diversas etapas de formação.

O estudo tem como objetivos gerais:

- 1 - Conhecer o percurso de entrada de estudantes seniores da Universidade de Aveiro, tendo em vista identificar os fatores facilitadores e constrangedores da escolha do contexto académico tradicional, como lugar de formação intelectual, de inserção social e reconstrução sócio identitária.
- 2 - Analisar, do ponto de vista dos estudantes seniores, as disposições e condições de realização das expectativas de resultados e de inserção, inerentes ao estatuto de estudante da Universidade “tradicional”, com base no seu conhecimento sobre a Universidade Sénior.
- 3 - Discutir as potencialidades da Universidade como espaço social inclusivo de todas as diferenças.

4.2. Opções metodológicas

A opção metodológica é de cariz qualitativo e a investigação apresenta-se como um estudo exploratório, dada a falta de documentos e o pouco conhecimento disponível sobre a realidade deste grupo geracional na Universidade “tradicional”.

Iniciámos esta investigação tendo como modelo de referência o método do estudo de caso por corresponder a “um modelo de análise intensiva de uma situação particular que, tal como referem Pardal e Correia (1995), “é mais flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização”. Esta parecia ser uma

proposta adequada ao nosso interesse de estudo, de “compreensão dos fenómenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, numa situação atual no interior do seu contexto real”, como valoriza Yin (2001).

Para contornar as dificuldades no acesso a informações que nos permitiriam considerar diversas dimensões da inserção dos estudantes que participaram nesta investigação, na sua qualidade de sujeitos com idade “atípica”, optámos pela entrevista individual semi-diretiva e entrevista coletiva, através das quais procurámos aceder à experiência vivida, nos diversos espaços sociais que constituem a vida académica e não, estritamente, no espaço de sala de aula como também para além do contexto institucional.

A técnica de entrevista nos pareceu interessante e adequada para “recolher dados válidos sobre as crenças, as opiniões e as ideias dos sujeitos” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2008) numa situação de contacto direto com os intervenientes.

4.2.1. Procedimentos de investigação

O primeiro contacto foi encetado com a Vice-coordenadora da Unidade Integrada de Formação Continuada (UINFOC), através de email, a solicitar uma reunião e a informar o respectivo objetivo. A primeira reunião foi agendada com objetivo de recolher informações sobre a oferta de formação sénior, no ano letivo 2012/2013 (consultar anexo 1) e resultou no encaminhamento para uma das pessoas responsáveis pela reconstrução do projeto de formação sénior a desenvolver brevemente. A segunda reunião teve como finalidade perceber o ponto de situação atual referente à formação destinada aos seniores, na Universidade de Aveiro (consultar anexo 2).

Nesta reunião surgiu o interesse de estudar a população académica sénior da própria Universidade de Aveiro. Do contacto efetuado, com o Gabinete de Planeamento Estratégico da Universidade de Aveiro através de email, foram obtidos dados referentes aos estudantes inscritos no ano letivo 2014/2015, em cursos da Universidade de Aveiro, com idade igual ou superior a 60 anos.

A listagem recebida continha os dados básicos de caracterização dos estudantes (sexo, data de nascimento, tipo de acesso, ano de matrícula, curso, email). A partir destes elementos foram feitos contactos, via email, solicitando a colaboração na investigação através de um convite para uma entrevista.

A este primeiro contacto responderam oito estudantes; destes, cinco aceitaram o convite para a entrevista. As entrevistas foram realizadas pela investigadora. O local e a hora da entrevista individual foram estabelecidos, de comum acordo, com a conveniência do estudante.

Solicitou-se a cada estudante a autorização para a gravação da entrevista, em formato áudio e a permissão para a citação dos dados recolhidos, garantindo o seu anonimato. Após consentimento do estudante, as entrevistas foram gravadas e a sua duração foi, aproximadamente, uma hora.

A seguir a cada entrevista foram realizados os respectivos relatórios (consultar anexo 4), a partir dos registos que foram feitos durante a própria. Depois de efetuada a audição foi feita a transcrição integral das entrevistas individuais (consultar anexo 5).

Por último, realizou-se uma entrevista coletiva com três dos estudantes entrevistados individualmente. O objetivo foi alargar, aprofundar e, tanto quanto possível, enriquecer os termos da discussão aberta sobre algumas dimensões da experiência de estudante, explorando eventuais posições contraditórias e diferenças de opinião entre os participantes, sobre o contexto académico tradicional e as suas práticas, bem como sobre outras propostas educativas (Universidade Sénior, etc.). A seguir, elaborou-se, igualmente, o relatório da entrevista coletiva (consultar anexo 6).

A informação recolhida foi analisada tendo como referência os dados estruturantes do guião que, além da recolha de dados de caracterização pessoal, profissional e social e informação sobre a relação dos estudantes com o sistema educativo e a Universidade; continha tópicos relativos a outras experiências de aprendizagem ao longo da vida (consultar anexo 3). Procurou-se apreender os pontos comuns e captar as diferenças das disposições subjetivas dos sujeitos, nas suas narrativas sobre acontecimentos e relacionamentos. A interpretação decorreu da releitura dos depoimentos à luz das referências teóricas de que partimos para abordar as diversas temáticas.

Para facilitar a apresentação da informação, os estudantes foram identificados através da atribuição da letra inicial do nome. Por conseguinte, os estudantes participantes passaram a ser designados por A., G., B., M. e C. Ressalva-se o facto de dois entrevistados quererem que os seus testemunhos não fossem anónimos, pelo que a sua identificação constará noutra parte deste trabalho.

4.2.2. Os sujeitos da investigação

O grupo participante é constituído pelos cinco estudantes que responderam ao contacto estabelecido por email e que aceitaram dar o seu contributo, de acordo com a disponibilidade.

Trata-se de três sujeitos do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 67 e os 83 anos. Todos os estudantes encontram-se em situação de reforma. Contudo, uma entrevistada, apesar de se encontrar aposentada, leciona numa Universidade.

Destes, quatro têm nacionalidade portuguesa e uma tem nacionalidade brasileira. Os estudantes portugueses são naturais de: Vila Real (1), Aveiro (2) e Santarém (1). Três residem no concelho de Aveiro, um no concelho de Anadia e uma no concelho do Porto. Três estudantes vivem sozinhos atualmente, um por viuvez e outra por estar a fazer doutoramento fora do país de residência; dois são casados. Quatro dos entrevistados têm filhos. Na tabela 1 podemos observar a situação académica atual de cada estudante.

Tabela 1 - Situação académica atual

ESTUDANTE	IDADE (ANOS)	TIPO DE CURSO	DESIGNAÇÃO DO CURSO	ANO DE FREQUÊNCIA
A.	68	Licenciatura	Gerontologia	1º
G.	69	Mestrado	Psicologia Forense	2º (matrícula suspensa)
B.	83	Programa doutoral	Estudos Culturais	3º
M.	67	Programa doutoral	Engenharia Civil	1º
C.	68	Programa doutoral	Informação e Comunicação em Plataformas Digitais	2º

III. A Universidade como lugar de conhecimento e de reconhecimento

A Universidade, vivida como instituição, ideia e/ou ideal de centro de conhecimento e de reconhecimento pode contribuir para o enfrentamento de desafios de adaptação dos indivíduos mais velhos, através de um entendimento e leitura do mundo atual.

5. Contextualização da(s) Universidade(s) “tradicional” e Sénior

Os lugares de conhecimento e/ou de reconhecimento podem ser perspectivados como espaços de ideias e ideais, institucionalizados ou não como vamos abordar a seguir para tentar identificar algumas especificidades que diferenciam os Universos simbólicos e sociais da(s) Universidade(s) “tradicional” e Sénior.

5.1. A construção da Universidade como espaço institucionalizado

A Universidade “tradicional” é para Santos (2004) uma “instituição que liga o presente ao médio e longo prazo pelos conhecimentos e pela formação que produz e pelo espaço público privilegiado de discussão aberta e crítica que constitui”.

Na Europa, no século XII, devido ao incremento demográfico e ao crescimento das cidades, propiciou-se o intercâmbio intelectual, o que ampliou a leitura e a necessidade de locais para instrução, dando origem às escolas das catedrais que progrediriam para as universidades, das quais a primeira a surgir foi em Bolonha.

Arroteia (1996) conta que a origem da Universidade em Portugal remonta aos finais do século XII por D. Dinis, recebendo a confirmação do Papa Nicolau IV, em 1290. O autor menciona que a sua criação veio responder “às necessidades específicas sentidas pela Igreja e por aquele monarca em facultar aos estudantes uma formação mais adequada” e a par disso, representou “o esforço de afirmação cultural do nosso país face a Castela e à perspectiva ameaçadora de anexação de Portugal”.

O curso Estudo Geral começou a funcionar em Lisboa e em 1308 é transferido para

Coimbra, alternando entre as duas cidades até 1537, instalando-se definitivamente em Coimbra (Universidade de Coimbra, 2015).

No ano de 1559 fundou-se uma universidade em Évora, ficando os Jesuítas os seus responsáveis. Todavia, em 1759, Marquês de Pombal expulsou os jesuítas, pelo que a Universidade de Évora foi extinta. Contudo, a vocação pedagógica do estabelecimento manteve-se.

De acordo com Arroteia (1996), em 1836/37, foram criadas a Escola Politécnica de Lisboa e a Academia Politécnica no Porto, ambas destinadas “à preparação dos futuros oficiais do exército e da marinha”. Para além destas instituições, ainda foram fundadas, em Lisboa e no Porto, as Escolas Médico-Cirúrgicas, o Conservatório de Arte Dramática e as Escolas de Belas Artes.

O autor referencia que “com a proclamação da República, em 1910, a universidade portuguesa experimentou uma série de transformações que se operaram não só ao nível do alargamento da rede mas ainda na criação de novas faculdades e na remodelação dos seus planos de estudos”. Assim, em 1911, houve faculdades que passaram a constituir formalmente a Universidade do Porto. Em 1930 foi constituída a Universidade Técnica.

Posteriormente, a expansão do sistema educativo tornou-se um projeto dominante e, assim, se criou novas instituições, em 1973. As contempladas foram: Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Minho em Braga, a Universidade de Aveiro, o Instituto Universitário de Évora e ainda os Institutos Politécnicos de Covilhã, de Vila Real, de Faro, de Leiria, de Setúbal e de Tomar (Arroteia, 1996). O autor relata que, em 1979, o Instituto Politécnico da Covilhã foi substituído pelo Instituto Universitário da Beira Interior e o Instituto Politécnico de Vila Real deu lugar ao Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro. Durante a década de oitenta, estes institutos são convertidos, respectivamente, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e na Universidade da Beira Interior.

Ainda nos anos 70, o ensino superior continuou a ser reforçado com a criação do Instituto Universitário dos Açores que, em 1980, foi transformado na Universidade dos Açores e o Instituto Universitário de Évora deu lugar à Universidade de Évora, em 1979. Ainda neste ano ocorreu a criação da Universidade do Algarve. Em 1988, alargou-se a rede com a fundação da Universidade da Madeira que funcionava como Instituto Universitário da Madeira, desde 1976 e com a criação da Universidade Aberta.

Foram criadas ainda as Escolas Normais Superiores de Beja, Bragança, Castelo Branco, Funchal, Guarda, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre e Viseu, bem como os Institutos Politécnicos de Coimbra, Lisboa, Porto e Santarém por reconversão e fusão dos institutos industriais e comerciais e escolas de regentes agrícolas. Devido a esta extinção, surgiram os Institutos Superiores de Contabilidade e Administração e os Institutos Superiores de Engenharia (Arroteia, 1996).

Continuou-se o alargamento do ensino superior com a inclusão das Escolas Superiores Agrárias (E.S.A.s) no ensino superior politécnico. Portanto, em 1981 começaram a funcionar as E.S.A.s de Santarém e de Coimbra; em 1983 a E.S.A. de Castelo Branco e em 1986 as E.S.A.s de Beja e de Viana do Castelo. Entretanto, em 1985, diversificou-se a rede na área da tecnologia e de gestão. Por conseguinte, abriram-se novas escolas superiores em Faro, Guarda, Leiria, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Santarém e Portalegre, o que originou a extensão da rede de ensino superior a todos os distritos do continente (Arroteia, 1996).

A missão das instituições do ensino superior, de acordo com Simão, Santos e Costa (2005) lida com “a civilidade e participação, a aliança entre a ciência e a cultura, a inovação e competitividade, a independência e vanguarda de pensamento em articulação com a ética e transparência, a qualidade e a procura incessante da excelência e do mérito, o empreendedorismo e a capacidade de risco”.

Por conseguinte, presentemente, além da criação, gestão e transmissão do conhecimento, a sociedade, também, encara o papel do ensino superior como “um elemento decisivo de inclusão social, habilitando os cidadãos com melhores oportunidades”, isto porque são chamadas a “promover a unidade de saber, de fazer progredir o conhecimento, de se adaptar às profissões do futuro e ao espírito empresarial, de manter os saberes em permanência, de fazer progredir a justiça social e de acelerar a abertura do mundo” (Simão et al., 2005).

Em 1998, na conferência mundial sobre a educação superior, uma das missões defendidas era proporcionar um espaço aberto para o ensino superior e para o espaço de aprendizagem ao longo da vida, facultando oportunidades de desenvolvimento individual e mobilidade social, a fim de educar os cidadãos para participarem ativamente na sociedade (Unesco, 1998).

Passados 11 anos, além de voltarem a tratar da temática Aprendizagem ao Longo da Vida, constata-se de que um dos pontos abordados na conferência mundial sobre a educação superior incidiu no objetivo de que as instituições devem atender às

necessidades, em constante mutação, de novos e diversos alunos (Unesco, 2009). Pelo que se denota que revelaram uma certa preocupação com os grupos “invisíveis” de estudantes universitários.

Já Almeida, em 2007, tinha realçado que se encontravam a ingressar na Universidade uma maior diversidade de estudantes, citando mesmo que “observa-se um aumento progressivo dos novos públicos, geralmente alunos mais velhos”.

Neste contexto, Rothes (2007) defende que se deve apostar no aumento de estudantes mais velhos no ensino superior. Este é um desafio que necessita de um elevado esforço das instituições quer educativas, quer governamentais.

Por conseguinte, o autor sugere que as instituições educativas do ensino superior “a) desenvolvam cursos gerais ou disciplinas específicas para apoiar o acesso de novos públicos ao ensino superior; b) promovam a modularização das formações; c) estimulem novas abordagens pedagógicas, recorrendo nomeadamente ao ensino à distância a ao apoio tutorial; d) repensem os modos e os instrumentos de avaliação e classificação; e) diversifiquem as ofertas formativas no ensino superior, promovendo cursos de curta duração com diferentes configurações, os quais, desde que esteja instalado um sistema eficaz de validação, poderão, mesmo não conferindo um grau académico, atrair cada vez mais públicos alargados”.

Ao nível governamental, segundo Rothes (2007), é importante que se promova: “a) novos modos de validação de saberes e competências; b) a criação de serviços de orientação; c) a promoção de cursos para acesso de novos públicos; d) o desenvolvimento do ensino à distância; e) a diversificação das ofertas formativas”.

5.1.1. O Ensino Superior atento à busca de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida

No âmbito da diversidade de formação na área da educação contínua, existem, em Portugal, instituições do ensino superior que se encontram proativas perante a Aprendizagem ao Longo da Vida e que, por isso, dinamizam programas universitários muito heterogéneos quanto às suas características, conforme se pode verificar na informação contida na tabela 2.

Os programas universitários são disponibilizados pelas instituições de ensino superior (públicas/privadas) e consistem numa formação para adultos de âmbito universitário que facilita o acesso à educação e à cultura a um grupo específico de pes-

soas, a partir de determinada idade (Osório, Rumbo & Cid, 2007). É a própria universidade enquanto instituição que gere, desenvolve, promove e mantém as respectivas atividades.

Jacob (2012) situa os programas universitários entre as ofertas educativas das Universidades Seniores e os cursos da Universidade “tradicional”.

Tabela 2 - Caracterização de programas universitários existentes em Portugal

Instituição	Designação	Início	Destinatários	Organização curricular	Duração	Certificação	Propina
Universidade do Porto (Faculdade de Letras)	Programa de Estudos Universitários para Seniores	2006	Maiores de 50 anos e licenciados	Unidades curriculares próprias	3 anos / 180 horas por ano	Certificado / Certificado de presença	900€ / ano
Instituto Politécnico de Leiria (IPL)	Programa 60+	2008	Maiores de 50 anos e sem habilitações específicas	Unidades curriculares das licenciaturas ministradas pelo IPL e unidades curriculares próprias (ex.: Informática, Inglês)	Semestral	Unidades de crédito do ensino superior	60€ + 25€ por unidade curricular
Universidade de Évora	Universidade de Sênior Túlio Espanca	2009	Todas as idades e sem habilitações específicas	Educação Popular Disciplinas livres Cursos breves	Intemporal	Sem certificação	Grátis
Universidade Católica do Porto	“Católica 4º Ciclo”, Programa Universitário (50+)	2010	Maiores de 50 anos e sem habilitações específicas	Unidades curriculares próprias	3 anos	Certificado / Certificado de frequência	160€ + 139€ x 9 meses
Universidade de Lisboa	Curso Sênior de Ciência, Tecnologia e Cidadania	2010	Maiores de 50 anos e com habilitação superior ao 10º ano	7 Áreas temáticas 24 unidades curriculares próprias	Semestral (3 semestres + trabalho final)	Certificado de frequência / Avaliação opcional	100€ / semestre

Academia de Ciências de Lisboa	Instituto de Estudos Académicos para Seniores	2010	Maiores de 50 anos e sem habilitações específicas	Cursos livres	1 ou 2 horas / semana	Sem certificação	Grátis
ISLA (e RUTIS)	Pós-graduação em Cidadania Sénior	2012	Maiores de 50 anos e com habilitação superior ao 10º ano	8 Unidades curriculares próprias	1 ano / 162 horas	Pós-graduação ou especialização	75€ x 10 meses

Fonte: adaptado de Rediteia, citado em Jacob, 2012.

Contudo, é de salientar que os dados contidos na tabela 2 foram revelados em 2012. Pelo que desde este ano é muito provável que tenham surgido mais programas universitários, destinados ao público sénior, dinamizados pelas instituições de ensino superior, tal como sucedeu por exemplo, na Universidade de Aveiro, como veremos adiante.

5.2. A construção de uma outra (ideia de) Universidade: a Universidade Sénior

Pinto (2008) aponta como causas da criação das Universidade Seniores (US) o envelhecimento demográfico e as inevitáveis repercussões na adaptação da população a novos estilos de vida após o término das suas atividades exercidas até à reforma.

Refere a autora que as US portuguesas não pertencem ao ensino escolar regular. Por conseguinte, seguem os princípios básicos da aprendizagem não-formal e legalmente, não podem nem avaliar nem certificar.

A sua criação foi inspirada no modelo inglês de universidades da terceira idade, pelo que segundo Monteiro e Neto (2008) não são exigidos pré-requisitos aos alunos, nem para a execução da sua matrícula, nem para a frequência de qualquer disciplina.

Para além da oferta de unidades curriculares, as US também dinamizam outros ti-

pos de atividades, tais como palestras, *workshops*, oficinas, seminários, conferências, entre outras e os seniores podem desempenhar até três papéis simultaneamente: alunos, professores e dirigentes (cf. Jacob, 2012).

O autor caracteriza as Universidades Seniores como “um espaço de aprendizagem não formal para maiores de 50 anos, no seio de uma estrutura organizada (normalmente uma associação ou uma autarquia) onde estes podem partilhar os seus conhecimentos, adquirir mais competências e experienciar novas atividades”. Os seus princípios básicos são desenvolver o convívio salutar e útil entre os seniores, combater a exclusão social e proporcionar aos mais velhos a possibilidade de aprenderem ou ensinarem, segundo Jacob (2008).

Existem milhares de Universidades Seniores a nível mundial. A sua organização tem como base um de quatro modelos: (i) modelo francês ou continental, em que as US são criadas pelas universidades tradicionais, têm professores remunerados, garantem certificação e seguem um modelo mais formal; (ii) o modelo norte-americano (Institutes for Learning in Retirement - ILR's); (iii) o modelo misto ou híbrido (associa o modelo francês ao modelo britânico) e (iv) o modelo britânico ou inglês, que é seguido por Portugal. Neste as US surgem no seio de organizações sem fins lucrativos, os professores são voluntários e não garantem certificação, cabendo a cada universidade definir o que pretende para os seus alunos e a partir daí organizar-se como tal (Jacob, 2007).

A primeira Universidade Sénior foi fundada em Toulouse (França), no ano de 1973 (ZAWiW, 2006) e o debate sobre a necessidade de formação científica para idosos deve-se ao professor francês Pierre Vellas, em 1972.

A primeira Universidade Sénior em Portugal surgiu em 1976 com a criação da Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa (UITIL). Em 1979, brotou a Universidade Popular do Porto. Em 1987 seguiram-se a Universidade de Lisboa da Terceira Idade (ULTI) e a Academia de Cultura e Cooperação de Lisboa. Na década de 70, a maioria estava situada nas cidades de Lisboa e Porto (cf. Jacob, 2011).

Na segunda metade da década de 1980 outras cinco surgiram, três implantadas no Norte e duas em Lisboa, mas foi ao longo da década de 1990 que começou a existir um maior número de US: sete na primeira metade e nove na segunda metade (Velloso, 2011),

Em 1998 foi criada a Federação Portuguesa das Universidades, Academias e As-

sociedades para a Terceira Idade (FEDUATI), com vista à conjugação de interesses e uma melhor organização e coordenação na defesa dos seus objetivos junto das entidades públicas e privadas (Madaleno, 2003).

Entre 1998 e 1999 foram identificadas 26 US, em Portugal Continental, que tinha cerca de 5077 alunos (Veloso, 2011). Destes 630 frequentavam a ULTI e 500 a Universidade do Autodidacta e da Terceira Idade do Porto (UATIP); que eram as duas maiores do país, no respectivo ano letivo (Monteiro & Neto, 2008).

A partir de 2000 é que se verificou uma expansão acentuada. Em 2003, abarcava cinco dezenas, das quais quatro em vias de formação e uma das quais em território insular (Pinto, 2008). Em 2005 existiam, aproximadamente, 54 US (Monteiro & Neto, 2008).

A Associação Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS) foi constituída em 2005, como Instituição Particular de Solidariedade Social de apoio à Comunidade e às Universidades da Terceira Idade (Pinto, 2008), tendo em vista criar e manter uma rede de contactos e atividades entre as US nacionais. O trabalho organizado em rede permite trocar informações e programas educativos entre as várias US, organizar conferências nacionais e locais, reduzir despesas, angariar apoios e descontos para os alunos e editar folhetos informativos (Jacob, 2007).

Em 2008, a RUTIS apresentou cerca de 98 US como membros, de todo o país, abrangendo 16000 alunos (Jacob, 2008). No ano 2011, as US chegaram a 190, das quais 172 encontram-se registadas na RUTIS, mobilizando, aproximadamente, 30000 alunos (Jacob, 2011). Em 2015, o site temporário da RUTIS informa que atualmente, existem 38400 alunos a frequentar as US.

Segundo Veloso (2011) este aumento do número das US deve-se a “uma maior visibilidade do problema social da terceira idade através dos *media*, da celebração de determinadas datas dedicadas às pessoas idosas e da expansão de um mercado dirigido a esta população”. Jacob (2011) atribui este crescimento à consciencialização do Estado e da sociedade em relação ao envelhecimento demográfico e ao papel desempenhado pelas pessoas mais velhas; a uma maior exposição mediática das US e à existência de uma rede organizada.

Para Rothes (2006), a US é uma instituição educativa que aposta na construção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida e na possibilidade de tornar essa aprendizagem um modo agradável de ocupação dos tempos livres que promove o

desenvolvimento pessoal. Adotando um cariz não-formal, é um espaço formativo onde as pessoas de um modo empenhado e livre, podem concretizar as suas aspirações de realização pessoal, de enriquecimento intelectual, de desenvolvimento do seu potencial criativo e de convivência solidária. Tantos educandos como educadores assumem-se como parceiros racionalmente motivados e cooperantes na conceção e realização das estratégias de aprendizagem conducentes a uma melhoria de resolução de problemas e promoção das suas potencialidades de atualização.

A seguir apresentamos a tabela 3 que sintetiza a caracterização das US.

Tabela 3 - Caracterização sintética das Universidades Seniores

Designação	Destinatários	Organização curricular	Duração	Certificação
Universidade Sénior / Universidade da Terceira Idade / Academia / Instituto / Outras	Maiores de 50 anos e sem habilitações específicas	Unidades curriculares próprias	Semestral / Anual	Sem certificação

Fonte: citado em Jacob, 2011.

5.3. Especificidades dos Universos da(s) Universidade(s) “tradicional” e Sénior

Na tabela 4 tentamos construir um paralelismo entre o que consideramos serem especificidades da Universidade Sénior e da Universidade “tradicional”, enquanto universos sociais que são objetos da procura de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, pela população sénior.

Não pretendemos esgotar as diversas dimensões que caracterizam um e outro contexto, mas apenas sintetizar alguns fatores que, no estado atual do nosso conhecimento, nos parecem relevantes nas escolhas de um destes dois contextos pelos adultos idosos: a dimensão institucional e organizacional e a dimensão pedagógica e afetivo relacional.

Tabela 4 - Universidade Sénior e Universidade “tradicional”

		UNIVERSIDADE SÉNIOR (US)	UNIVERSIDADE “TRADICIONAL”
DIMENSÃO INSTITUCIONAL E ORGANIZACIONAL	MISSÃO	(Co) Produção, descoberta e troca de diversos tipos de conhecimento, com recurso a múltiplas linguagens. Informação sobre serviços, eventos culturais e sociais. Promoção de direitos de cidadania. Fruição de tempo.	Produção de conhecimento científico e humanístico. Difusão, debate e crítica cultural. Formação para a investigação, inovação e intervenção em diferentes áreas, na história e sociedade contemporânea.
	PLANO DE ESTUDOS	O plano de estudos é elaborado de acordo com o público-alvo. Flexibilidade na escolha das unidades curriculares.	Plano de estudos pré definido segundo normas do conselho científico para titulação e obtenção de grau.
	REGULAMENTO	Criado internamente, segundo a natureza da Instituição: Autarquia, Associação, Cooperativa, etc.	Orientado por políticas do ensino superior. Estatuto carreira docente e Estatuto do Aluno.
	DESTINATÁRIOS	Maiores de 50 anos.	Todas as idades.
	CONDIÇÕES DE ACESSO	Não exigem habilitações específicas como também não são exigidos pré-requisitos específicos.	O acesso é condicionado de acordo com o grau e tipo de diplomas.
	CERTIFICAÇÃO	Não existe certificação.	Certidão final do curso.
	PROPINA	Até 25€/mês (76% das US) Superior a 25€ (24% das US)	Propina anual dos 1º e 2º ciclos na UA*: 1067,85€. Propina anual do 3º ciclo na UA*: entre 2000 a 2750€.
DIMENSÃO PEDAGÓGICA E AFETIVO-RELACIONAL	CURRÍCULO E COMUNICAÇÃO	Cariz cultural e social: foco na relação; experiência, atividades, participação ativa, trocas de saberes e convivialidade.	Cariz académico: foco no conhecimento; na prática de produção, apropriação crítica e sua difusão.
	ATIVIDADES E RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE	Acentuada predominância de atividades socioculturais. Foco na inserção e participação social dos participantes	Atividades académicas típicas: Pesquisa. Leitura, Escrita, etc. Foco nos conteúdos e habilitação para acesso a oportunidades.
	PRÁTICA PEDAGÓGICA	Diálogo a partir da experiência do sujeito ao longo da vida.	Transmissão e debate de conteúdos. Métodos didáticos.
	RELAÇÃO DOCENTE/DISCENTE	Alternância de papéis (Dirigente / Docente / Discente)	Complementaridade e hierarquia de papéis.
	RELAÇÃO ENTRE PARES	Intrageracional	Intergeracional
	TIPO DE APRENDIZAGEM	Aprendizagem não-formal	Aprendizagem formal
	AVALIAÇÃO	Não há avaliação formal e nem práticas de avaliação.	Avaliação por unidade curricular. Assiduidade, Participação,....

UA* - Universidade de Aveiro

Contamos que esta primeira sistematização constitua um recurso na escuta, compreensão e reflexão sobre as experiências dos sujeitos que convidamos a participar na investigação.

6. Da escuta da experiência dos Estudantes à descoberta das potencialidades e limites do contexto académico

A Universidade de Aveiro pertence à região Centro, nomeadamente na sub-região do Baixo Vouga, que, segundo o INE (2012) conta com uma população residente de 390 822 habitantes.

Trata-se de “uma fundação pública com regime de direito privado que tem como missão a intervenção e desenvolvimento da formação graduada e pós-graduada, a investigação e a cooperação com a sociedade” criada em 1973 e que é frequentada por cerca de 15000 alunos em programas de graduação e pós-graduação (2015).

A Universidade de Aveiro define como sua missão “criar conhecimento, expandir o acesso ao saber em benefício das pessoas e da sociedade, através da investigação, do ensino e da cooperação; assumir um projeto de formação global do indivíduo; ser ator na construção de um espaço europeu de investigação e educação, e de um modelo de desenvolvimento regional assente na inovação e no conhecimento científico e tecnológico”. Do ponto de vista estratégico assume-se como “um parceiro privilegiado de empresas e de outras entidades nacionais e internacionais, com as quais coopera em diversos projetos e programas e às quais presta importantes serviços, sendo por isso um espaço de investigação onde se desenvolvem produtos e soluções inovadoras que contribuem para o avanço da ciência e tecnologia” (2015).

Relativamente à Aprendizagem ao Longo da Vida, a Universidade de Aveiro ofereceu, no ano letivo 2012/2013, um programa de formação para públicos seniores denominado «Encontros com a Ciência», com duas formações: «Introdução ao multimédia» e «Histórias com Sabor a Matemática», baseadas em unidades de formação acreditadas com ECTS. As unidades de formação podiam ser frequentadas por qualquer tipo de público, acima dos 50 anos, sendo integralmente desenhadas a ajustadas para os candidatos que a elas se destinam (Jornal Online UA, 2012). Este programa encontra-se no entanto, em fase de reestruturação, estando a Universidade a refletir sobre modalidades interessantes e flexíveis que atendam às disponibilidades reais de tempo, de uma população cuja atividade, segundo foi dado a saber nas primeiras experiências realizadas, precisa ser cuidadosamente planeada tendo em vista a conciliação de diversos interesses e papéis sociais desempenhados na família, na comunidade e no espaço público em geral.

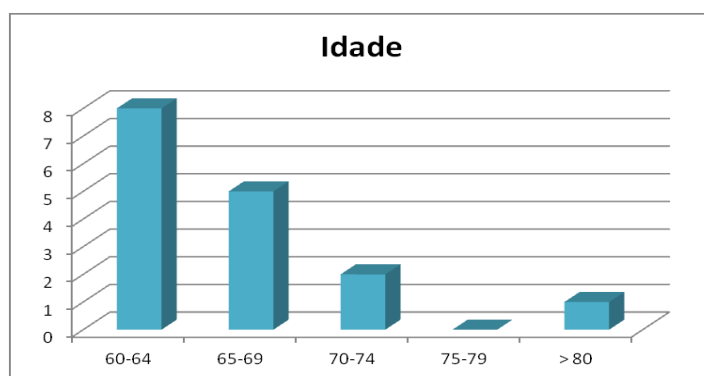
6.1. A população académica sénior da Universidade de Aveiro

A caracterização da população académica sénior da Universidade de Aveiro foi elaborada considerando os dados concedidos pelo Gabinete de Planeamento Estratégico da Universidade de Aveiro.

Existem 16 estudantes inscritos em cursos da UA, com idade igual ou superior a 60 anos, no ano letivo 2014/2015 (dados até à data de 31 de dezembro de 2015).

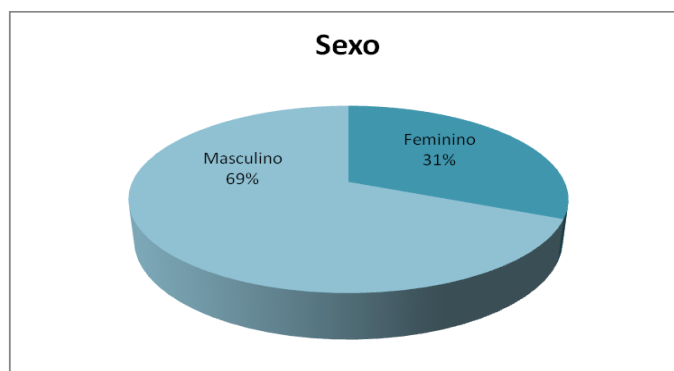
Nesta faixa etária, o intervalo de idades entre os 60 e os 64 anos é o que representa o número mais elevado de pessoas (8) e o que não regista número de pessoas é o escalão entre 75 e 79 anos. Contudo, é de realçar que existe um aluno com mais de 80 anos (consultar gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição dos estudantes por intervalos de idade



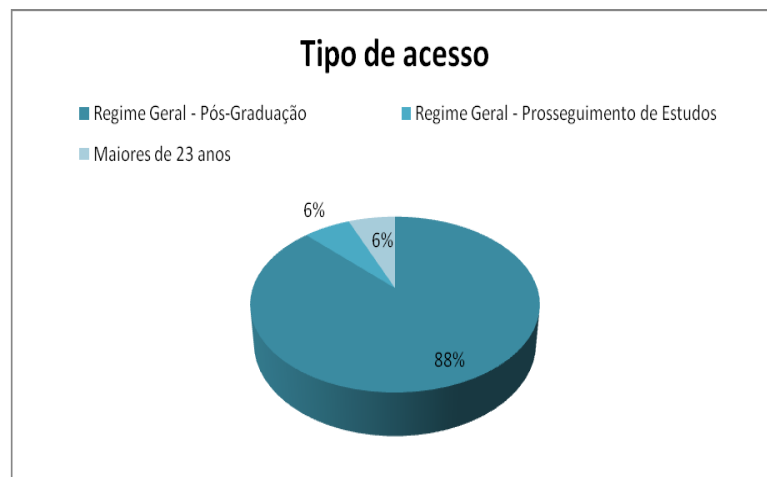
Verifica-se a predominância do sexo masculino nos estudantes mais velhos. Ou seja, regista-se uma taxa de 69% (11) de homens, no total da população académica sénior e 31% de mulheres (5), conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Distribuição dos estudantes segundo o sexo



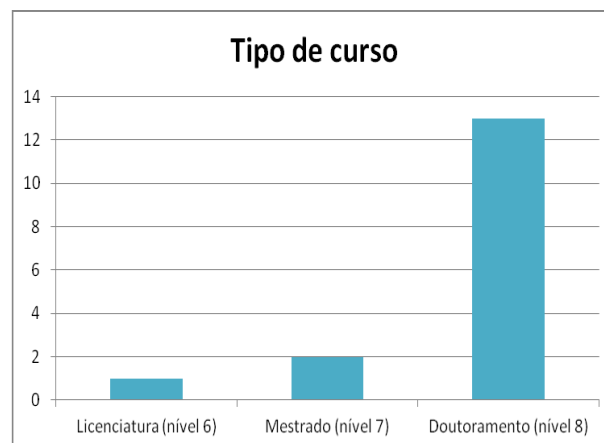
Constata-se que a população académica sénior acedeu à UA, essencialmente, através do Regime Geral – Pós-Graduação, 88% (14), havendo também estudantes cujo acesso foi através do concurso Maiores de 23 anos e também por meio do Regime Geral – Prosseguimento de estudos (consultar gráfico 3).

Gráfico 3 – Distribuição dos estudantes segundo o tipo de acesso ao curso



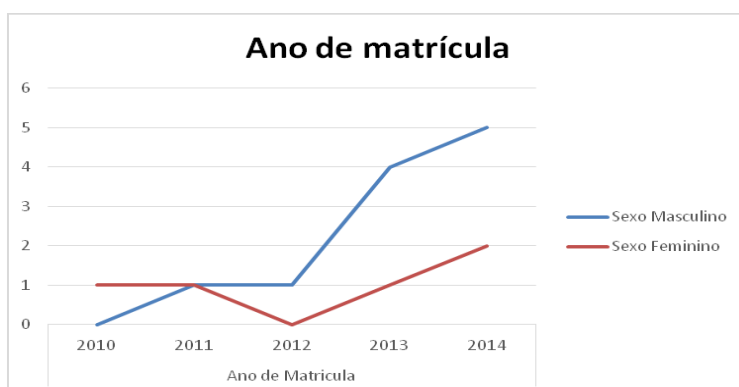
Treze estudantes encontram-se a frequentar o Doutoramento, nível 8. Dois estudantes estão a realizar o mestrado, nível 7, e apenas um frequenta uma licenciatura, nível 6 (consultar gráfico 4).

Gráfico 4 - Distribuição dos estudantes segundo o tipo de curso e respectivo nível



No ano 2010 se matriculou apenas uma estudante do sexo feminino. No ano 2011 matricularam-se dois estudantes, um do sexo masculino e um do sexo feminino. Em 2012, matriculou-se somente um estudante do sexo masculino. A partir do ano 2013 é possível constatar que houve um aumento significativo de estudantes seniores na Universidade de Aveiro, quer do sexo masculino quer do sexo feminino. Dos últimos anos, 2014 foi o que teve mais pessoas matriculadas (7), conforme gráfico 5.

Gráfico 5 - Ano de matrícula



Relativamente às áreas de cursos escolhidas pelos estudantes e segundo o Classificador Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF), nível 1, verifica-se que a área selecionada pelos estudantes que mais predomina é a das ciências sociais, comércio e direito (5), seguida da área das ciências, matemática e informática (4) e por sua vez da área da engenharia, indústrias transformadoras e construção (3). Dois estudantes encontram-se a estudar na área das artes e humanidades. A área de educação e a área de saúde e proteção social da UA tem um estudante em cada, como se pode verificar através da consulta da tabela 6.

Tabela 5 - Distribuição dos cursos por áreas segundo o Classificador Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF), nível 1

CURSOS POR ÁREAS CNAEF	N.º DE ESTUDANTES
0 - Programas gerais	0
1 - Educação	1

2 - Artes e humanidades	2
3 - Ciências sociais, comércio e direito	5
4 - Ciências, matemática e informática	4
5 - Engenharia, indústrias transformadoras e construção	3
6 - Agricultura	0
7 - Saúde e proteção social	1
8 - Serviços	0
9 - Desconhecido ou não especificado	0

Os cursos escolhidos pelos estudantes são variados. Os que apresentam dois estudantes são: Estudos Culturais, Engenharia Civil e Ciências e Tecnologias da Saúde. Os restantes têm um estudante, conforme tabela 7.

Tabela 6 – Distribuição dos estudantes por curso selecionado

DESIGNAÇÃO DO CURSO	N.º DE ESTUDANTES
Estudos Culturais	2
Matemática para Professores	1
Psicologia Forense	1
Contabilidade	1
Gerontologia	1
Informação e Comunicação em Plataformas Digitais	1
Engenharia Civil	2
História das Ciências e Educação Científica	1
Ciências e Tecnologias da Saúde	2
Engenharia e Gestão Industrial	1
Políticas Públicas	1
Multimédia em Educação	1
Biologia de Plantas	1

6.2. O percurso dos estudantes participantes

Os percursos de vida dos estudantes participantes são diversificados. Para uma melhor perceção e compreensão dos mesmos, faremos uma breve apresentação (i) do percurso académico, ou seja a participação em processos de formação, referindo o tempo de afastamento e o momento do ingresso no sistema educativo, explicitando a situação académica atual, ou seja, tipo de curso, designação e ano de frequência e (ii) do percurso profissional, ou seja, da implicação e experiência adquiri-

da no contexto da sua atividade profissional.

Estudante A. - Frequenta o 1º ano da Licenciatura em Gerontologia.

Tabela 7 - Percursos do estudante A.

PERCURSO ACADÉMICO			
ANO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE/CURSO/FORMAÇÃO	IDADE (ANOS)	TEMPO DE AFASTAMENTO DO SISTEMA EDUCATIVO
1969	Frequência de Física e Matemática do antigo 7º ano	68	1969-2014 Cerca de 45 anos
2014	Ingresso no curso de Gerontologia na Universidade de Aveiro, através do concurso Maiores de 23 anos		

PERCURSO PROFISSIONAL	
ANO	DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE
1974	Começou a trabalhar num banco em Lisboa.
1999	Terminou a atividade profissional. Entrou em situação de reforma.

Estudante G. - Frequentou o 2º ano do Mestrado em Psicologia Forense (matrícula suspensa).

Tabela 8 - Percursos da estudante G.

PERCURSO ACADÉMICO			
ANO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE/CURSO/FORMAÇÃO	IDADE (ANOS)	TEMPO DE AFASTAMENTO DO SISTEMA EDUCATIVO
n.d.	Realização da 4ª Classe em Vila Pouca, distrito de Vila Real.	69	1970/71-2004 Cerca de 33 anos
	Iniciou a formação para enveredar pela vida religiosa.		
1968	Entrou no curso de enfermagem (bacharelato) no		

	Porto.		
2004	Realizou o complemento de formação em enfermagem, adquirindo o grau de licenciada.		
2008	Ingressou no curso de Psicologia na Universidade de Aveiro.		

n.d.* - nenhuma data

PERCURSO PROFISSIONAL	
ANO	DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE
1965	Começou a trabalhar numa escola de enfermagem no Porto.
n.d.	Trabalhou no Hospital de Estarreja.
n.d.	Trabalhou em hospitais pertencentes à congregação religiosa.
1985	Pediu uma licença temporária para sair da congregação religiosa. Posteriormente, saiu definitivamente da congregação.
1987	Iniciou funções de enfermagem no Hospital de Aveiro.
2004/ 2005	Terminou a sua carreira profissional. Entrou em situação de reforma.

Estudante B. - Frequenta o 3º ano do Programa Doutoral em Estudos Culturais.

Tabela 9 - Percursos do Estudante B.

PERCURSO ACADÉMICO			
ANO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE/CURSO/FORMAÇÃO	IDADE (ANOS)	TEMPO DE AFASTAMENTO DO SISTEMA EDUCATIVO
n.d.	Curso industrial de serralharia mecânica.	83	Cerca de 60 anos
2008	Inscrição em 4 disciplinas isoladas do curso Línguas, Literaturas e Culturas, com 77 anos.		
n.d.	Conclusão da licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, com 81 anos. Diploma em Estudos Avançados em Estudos Literá-		

	rios (1º ano do Programa Doutoral)		
--	------------------------------------	--	--

n.d.* - nenhuma data

PERCURSO PROFISSIONAL	
ANO	DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE
n.d.	Realizou um estágio gratuito na repartição técnica da câmara local.
	Trabalhou num gabinete técnico de uma empresa empreiteira (associação de uma firma suíça e de uma firma portuguesa) na área de construção de barragens a nível mundial.
	Entrou nos quadros do Ministério das Obras Públicas da Direção Geral dos Serviços de Urbanização, em Ponta Delgada. Foi colocado na Direção de Urbanização dos Açores. Desempenhava a função de desenhador.
	Diretor (e proprietário) de um gabinete de engenharia. Trabalhou na área de engenharia civil.

n.d.* - nenhuma data

Estudante M. - Frequenta o 1º ano do Programa Doutoral em Engenharia Civil.

Tabela 10 - Percursos do Estudante M.

PERCURSO ACADÉMICO			
ANO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE/CURSO/FORMAÇÃO	IDADE (ANOS)	TEMPO DE AFASTAMENTO DO SISTEMA EDUCATIVO
n.d.	Curso de formação de serralheiro na Escola Industrial e Comercial de Aveiro	67	1º - cerca de 20 anos 2º - cerca de 30 anos
1986	Ingresso no curso de Engenharia Civil, no Brasil.		
1991	Conclusão do curso de Engenharia Civil (17,7).		
1999	Obtenção de “equivalência plena” das unidades curriculares do curso de Engenharia Civil, na Universidade de Aveiro.		
2013/2014	Realização do 2º ano do Mestrado em Engenharia Civil, na Universidade de Aveiro.		

n.d.* - nenhuma data

PERCURSO PROFISSIONAL	
ANO	DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE
n.d.	Torneiro, controle de qualidade e desenhador na Metalúrgica Casal.
	Projetista na Sorfam (empresa de construção de navios).
1975	Trabalhou no Brasil, como <i>Project Manager</i> .
1996	Trabalhou em Portugal, na “Sonec”.
2006	Trabalhou na Argélia.
2009	Voltou a trabalhar no Brasil.

n.d.* - nenhuma data

Estudante C. - Frequenta o 2º ano do Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais.

Tabela 11 - Percursos da estudante C.

PERCURSO ACADÉMICO			
ANO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE/CURSO/FORMAÇÃO	IDADE (ANOS)	TEMPO DE AFASTAMENTO DO SISTEMA EDUCATIVO
n.d.	Estudou Economia Doméstica de nível médio.	68	n.d.
	Realizou a graduação em Ciências Sociais.		
	Fez especialização em Comunicação Rural.		
	Realizou Mestrado em Biblioteconomia.		

PERCURSO PROFISSIONAL	
ANO	DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE
n.d.	Professora em escolas secundárias e em escolas agrotécnicas federais, na área do magistério.
2015	Professora do curso de Biblioteconomia, numa Universidade no Brasil, no estado federal de Alagoas.

n.d.* - nenhuma data

6.2.1. Motivos e escolhas do Curso

Motivos da frequência da Universidade

A procura da universidade foi uma escolha pessoal para os estudantes em causa.

Os testemunhos de alguns entrevistados revelam um certo pesar em relação ao facto de não terem prosseguido estudos, devido a opções relacionadas com a vida profissional e familiar. O tempo ocupado na atividade profissional e a responsabilidade de contribuir para a sustento da família são os motivos mais invocados. Ao chegar a fase da reforma e analisar as suas prioridades, decidiram concretizar atividades adiadas e que nunca deixaram de desejar ao longo da vida familiar e profissional.

A intenção de A. era estudar o curso de Medicina quando concluísse o 7º ano da Antiguidade. Porém, esta sua vontade foi impedida por ter sido designado para combater na Guerra Colonial, em Guiné-Bissau.

“Olhe, eu vim da Guiné traumatizado. Porque já não contava ir para a Guiné nem nada, e depois o stress da guerra, o clima... Eu vim psicologicamente em baixo, muito em baixo mesmo. Estava ainda dependente dos meus pais e não me parecia bem naquela altura ir estudar. Fui trabalhar e olhe, agora estou aqui.” (A.)

Todavia, A. manteve o desejo de estudar.

“... eu tinha pensado nisso ao longo dos anos... um dia lembrei-me e reuni a família e disse: _ Epá, e se fosse para a Universidade? Acho que era uma boa ideia.”

Ao ser informado que podia candidatar-se através do regime de maiores de vinte e três anos refletiu:

“(...) Já podia ter feito isso quando me reformei mas não me fui informar. Pronto, está bem, a partir daí parece que se abriu uma luz no cérebro e falei, reuni a família... A minha filha inscreveu-me em Aveiro.” (A.)

O estímulo da mulher e da filha, parecem ter sido fundamentais para a satisfação de um projeto de vida antigo.

Para B. o interesse em estudar na Universidade foi resgatado da sua adolescência.

“... entrar na Universidade foi sempre um objetivo de vida... ficou logo delineado nos primeiros anos da adolescência... tinha que ir procurar

uma cidade com esses equipamentos para eu prosseguir, para tirar o curso de liceu e ir para a Universidade... Esta determinação de estudar já remonta de há muitos anos... quando eu entro na Universidade, já ia na sexta tentativa sem nunca ter desistido... determinação que vinha desde a adolescência...” (B.)

O estudante B. justifica o seu desejo de estudar com o relato de um incidente crítico da sua juventude, que envolveu uma figura familiar significativa, a quem solicitou apoio por dificuldade de meios para custear as despesas do curso:

“Fiz uma primeira tentativa... de abordagem ao meu avô que tinha meios de fortuna para me custear os estudos na obtenção do curso de engenharia civil no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Fiz-lhe o pedido e ele depois de uma pausa de alguns segundos fez-me a observação de que isso custava muito dinheiro! E, até, dava-me uma alternativa: era de que me comprava uma bicicleta e ele tinha o seu escritório e as suas instalações industriais a cinco quilómetros da cidade de Tomar, e portanto, comprava-me a bicicleta e eu ia para a oficina da fábrica ou para o escritório e eu disse logo que não queria, não queria. Bem, de modo que, isso foi a minha primeira tentativa de prosseguir carreira académica.” (B.)

A atitude resiliente de B. levou-o a naturalizar esta recusa de apoio do avô, como estímulo para a construção da sua “identidade” atual como denota o excerto a seguir.

“... devido às dificuldades económicas e à negativa do meu avô, que eu andei anos e anos a censurar, e que hoje até me contemplo nessa recusa, porque fiz-me... criou-me uma personalidade própria e assim, imensas dificuldades para ser o homem que sou hoje.” (...) acredito que sou um homem mais completo, que seria se tivesse seguido, apoiado pelo meu avô, portanto sem esforço, com a vida mais facilitada. Não seria com certeza a mesma pessoa.” (B.)

O adiamento do projeto de ingressar na carreira académica é também justificado por responsabilidades familiares assumidas ao longo da vida, por três dos estudantes entrevistados.

“Então pensei muitas vezes mas não tinha disponibilidade, para já, pois quando fui para Lisboa já tinha uma filha com meio ano. Entretanto, tinha que me deslocar no domingo a noite ia para Lisboa, na sexta-feira à tarde vinha para cima e andava nisto sem disponibilidade nenhuma...” (A.)

“... quando lá surgia uma oportunidade, não muito acentuada, uma leve oportunidade e eu ia apresentar, mas, havia qualquer prioridade que se entrepunha e eu tinha que optar, e tinha que pôr de lado a ideia do estudo. Portanto, quando eu entro na Universidade, já ia na sexta tentativa

sem nunca ter desistido... Está a ver o esforço enorme que não é e que tive de desenvolver ao longo da minha vida para eu dar os estudos aos meus filhos! Estão aí, formados! ” (B.)

O depoimento que se segue é de uma estudante do sexo feminino, que nos pareceu interessante por referir constrangimentos relacionados com o agravamento da dependência e necessidade de cuidado da geração anterior, neste caso, da sua mãe.

“... eu sempre gostei de estudar. Sempre. Mas a vida, às vezes, nos impõe essas barreiras e uma delas que eu tive que conviver foi... primeiro criar os filhos. Tive que dedicar aos filhos.... Depois disso tive minha mãe que era viúva... e... teve cancro da mama... e ficou em minha casa... e eu não tinha coragem nem para fazer outro curso nem tinha condições porque ela ficou muito dependente... Ela ficou na minha casa e então eu não podia viajar para outros países... Eu fechei, tudo o que era meu, de desejos de coisas, eu fechei. Guardei. Quando ela faleceu, foi quando eu recomecei... pensei, vou dar continuidade porque este projeto vem desde os anos 80 (...).” (C.)

Os motivos de ingresso na Universidade em idade tardia podem, no entanto, dever-se a uma auto-percepção de limites de capacidades para uma determinada ocupação, que antes poderia ter sido pensada como atividade a investir na fase da reforma. No excerto que se segue, vemos como o projeto de regresso ao estudo pode surgir como procura de manter o mesmo nível de atividade, neste caso optando pela atividade intelectual em alternativa à atividade física, como forma de realização pessoal.

“Não posso andar nas máquinas, não posso apanhar calor... Tenho deixado e vou ter que deixar, não é? Se não posso tenho que me dedicar para outro lado e tentar manter a minha mente ocupada e procurar realização pessoal.” (A.)

A ocupação do tempo com atividade intelectual foi, também, um dos motivos com que G. justifica a sua procura da Universidade. No entanto esta entrevistada acrescenta-lhe uma nova dimensão: o evitamento de más recordações.

Como veremos, esta estudante opta por tentar este esquecimento com a ocupação do tempo no aprofundamento do conhecimento sobre o comportamento e atitudes do ser humano.

“... estava reformada, não tinha obrigação de nada, achei digo assim, ia ficar em casa a remoer, a reviver coisas... menos agradáveis... digo assim, não, eu tenho que me ocupar, tenho que arranjar algo de obrigatório e foi nesse sentido que eu vim para a Psicologia... no fundo, a razão

foi ter algo em que me ocupar obrigatório, não é? Porque senão, uma pessoa andava por aí um bocado perdida... minha preocupação e as interrogações dentro de mim para se perceber o porquê de... pronto de muitos comportamentos e atitudes do ser humano. E foi isso o que me levou portanto ter uma obrigação e a tentar perceber porque é que muita coisa acontece. No fundo... foi isso a razão da minha vinda.” (G.)

É de notar que a estudante G. vive sozinha atualmente e não tem filhos, pelo que a descontinuidade da atividade profissional pode ter um peso agravado por estas circunstâncias.

No caso do estudante M., a situação era diferente no momento da reforma. Vive com a mulher e tem duas filhas, que apesar de terem vidas autónomas, mantêm laços com a casa. Sem responsabilidades familiares ao seu encargo M. quis ocupar o tempo livre conquistado com a nova condição de reformado e a atividade académica.

“Eu estava em casa sem fazer nada. Vou fazer o quê? Não, eu vou viver a vida académica... E eu ia ficar em casa a fazer o quê se eu não tenho trabalho? Vou ficar como um velho sentado no sofá a ver televisão? Não.” (M.)

Os motivos que levaram estes estudantes a procurar a vida académica podem, no entanto, ser abalados por exigências inerentes ao estatuto académico.

Esta é uma possibilidade que surge quando as tarefas e os prazos constroem a possibilidade de autodeterminação dos estudantes sénior na escolha da forma de uso de um tempo, socialmente designado como tempo de descanso e de lazer, ou seja, como fase da reforma.

A estudante G. anulou a matrícula durante este ano letivo, em que se esperava que realizasse tarefas individuais de pesquisa para a realização da tese.

“G. - Por isso a razão de deixar a tese... não me sentia a ir para uma biblioteca e estar ali a pesquisar... ler, ver, ir... Isso não me dizia nada, achava que para mim havia outras coisas mais interessante (...) Neste momento nunca sabemos o amanhã...” (G.)

Ao argumentar que prefere estar livre para realizar outras atividades, G. refere a falta do incentivo de obter um diploma ou o estatuto social e profissional correspondente.

“Porque eu ao fazer o curso não foi como finalidade vir a exercer como

psicóloga... o fazer a tese, no fundo, fui muito incentivada a fazê-la, toda a gente me dizia tu não deixes, não deixes, continua, é só mais um bocadinho, só mais um bocadinho... mas aquilo para mim, de facto, não era para ter o certificado, o diploma, ser a senhora psicóloga... Isso para mim não é o mais importante, portanto, deixei..." (G.)

Ao contrário, M. inclui, entre os motivos que justificam a frequência na Universidade, a possibilidade de partilha de conhecimentos científicos, no curso.

"E eu ando aqui: primeiro, porque gosto. Segundo, para deixar alguma coisa para quem vier depois de mim. Se eu tenho cabeça para isso, porque é que eu não hei-de utilizar?... Tudo aquilo que eu descobrisse... fosse partilhado com toda a gente... Eu faço isto, o Doutoramento, é para isso." (M.)

Este entrevistado alega que frequentou o segundo ano do mestrado por razões estatutária e de solidariedade familiar.

"Eu para me inscrever na Ordem dos Engenheiros, com todas as políticas, eu não podia. Eu tinha que fazer um Mestrado. Então, vim aqui, inscrevi-me. Só tive de fazer a tese... o Mestrado eu fi-lo para poder inscrever na Ordem dos Engenheiros, já estou inscrito, para poder ajudar o meu genro." (M.)

Quanto às razões da escolha pessoal da área do curso, estas são variadas. Alguns dos entrevistados seguiram a área inerente à sua carreira profissional, outros optaram por investir numa área distinta.

Para A. a escolha de Gerontologia decorre da sua atividade como voluntário.

"Era poder, enfim, dar um apoio lá no centro social, já que até temos vários no concelho. Sem fins lucrativos, quer dizer, sem a preocupação de emprego..." (A.)

Quanto a G. foi o gosto pela Psicologia, enquanto meio de acesso à compreensão dos comportamentos e atitudes humanas e a proximidade geográfica da Universidade de Aveiro que justificaram a escolha do Curso.

"... sempre gostei de Psicologia e... como a Psicologia veio aqui para Aveiro, mais oportunidade tinha de... não é?... de me inscrever aqui do que ir para fora." (G.)

"... minha preocupação e as interrogações dentro de mim para se perceber o porquê de... pronto, de muito comportamentos e atitudes do ser humano." (G.)

Por sua vez, B. optou por uma área distinta da que desenvolveu durante a sua carreira profissional. Considerou que a área das Humanidades seria aquela que proporcionaria maior valorização pessoal e a possibilidade de dar um melhor contributo para a sociedade.

“E portanto, fiz a opção: Engenharia não, não vale a pena. Eu não lucrava nada, o que tinha de exercer de engenharia, já exerci. Portanto, no aspeto profissional não tem interesse nenhum. Interessa sim a valorização pessoal e o contributo que eu posso dar à sociedade. E, de maneira que, foi nessa perspetiva que eu optei pelas humanidades, pelas letras.” (B.)

Quer o estudante M. quer a estudante C. deram continuidade às áreas onde já se encontravam inseridos ao nível profissional.

“Porque o curso está ligado ao curso em que eu trabalho no Brasil.” (C.)

Como pudemos constatar nesta primeira escuta do testemunho dos estudantes entrevistados, apesar da heterogeneidade dos seus percursos individuais no período da reforma, a sua opção pelo ingresso na vida académica e escolha dos cursos têm, em comum, a manifestação do seu interesse em estudar. No entanto este interesse é materializado como forma de concretizar um desejo antigo, de ampliar e partilhar o seu conhecimento em alguma área, mobilizar, ativar e desenvolver recursos intelectuais e, sobretudo, de usar ou apropriar-se do próprio tempo em atividades que cumprem a função da sua realização pessoal.

As razões de escolha do curso também diferem no sentido de que, enquanto dois estudantes prosseguiram estudos numa área relacionada com a profissão que exerceram na designada fase de produção, os outros viram neste reingresso a oportunidade de aprofundar interesses intelectuais, na mesma área. Em todos os casos também justificam as suas escolhas com a possibilidade de dar um melhor contributo para a família, as instituições de solidariedade social ou a sociedade através da contínua leitura do mundo e da sua compreensão.

6.3. Ser e tornar-se Estudante: uma oportunidade de aprendizagem ao longo da vida

Tal como já foi abordado, a reforma é um marco significativo no ciclo da vida e o

período pós-reforma tem vindo a assumir uma importância na vida dos indivíduos, onde sobressai a possibilidade de recomposição ativa de papéis. No caso dos estudantes entrevistados esta possibilidade tem sido investida na adoção do papel de Estudante universitário. Papel que, como veremos, implica um esforço de adaptação a novas posições sociais, que incluem a relação com docentes e com colegas, com um currículo formal e a vivência e exposição a práticas de avaliação formal que colocam dificuldades e constituem desafios.

6.3.1. A adaptação e a relação com os docentes e pares

De acordo com os testemunhos dos estudantes, a adaptação ao contexto académico foi um processo relativamente simples.

O estudante A. referiu que *“não foi assim difícil e ainda estou a adaptar-me... quase tudo para mim ainda é novo.”*

Para B., a adaptação académica parece ter sido igualmente livre de dificuldades, pois tal como refere: *“Não tive problemas nenhuns! Fui sempre muito respeitado, acarinhado, convívio fraternal. Não houve problemas de nenhuma espécie.” E “Regressar às salas de aula depois de sessenta e tal anos de ausência e... foi uma sensação indescritível”.*

Este estudante fez questão de sublinhar que nunca pretendeu um tratamento diferenciado devido à idade.

“... a primeira aula que eu tive... eu, no final da aula, pedi à professora para me deixar dirigir aos meus colegas... e dirigi-me aos meus colegas no sentido de que eles me considerassem como igual, nem mais nem menos que eles. Não queria um tratamento especial, e queria que fossemos todos tratados no mesmo plano de camaradagem, sã, aberta, transparente. E visando bem esse aspeto. E pronto, isto foi o ponto de partida. Num clima que se foi gerando, se foi cimentando sempre sem problemas.” (B.)

Visto que o estudante B. ingressou na universidade já nos meados de outubro, fez questão de se comparar com os seus pares.

“Eu até costumava dizer aos professores e aos meus filhos e familiares, que eu tinha entrado para a Universidade, tinha entrado num comboio em que os meus colegas já estavam à frente na carruagem da primeira classe e eu estava na cauda na terceira classe!” (B.)

O estudante M., também, refere que teve uma fácil adaptação, o que atribui às qualidades pessoais e, mais especificamente, ao facto de ser extrovertido.

“A adaptação, para mim, foi fácil. O ano passado eu já comecei a conviver com as pessoas...” “Foi, porque eu gosto de me dar bem com toda a gente. Eu bato nas costas de toda a gente. Eu sou por natureza extrovertido.” (M.)

Todavia, a estudante C. sentiu que havia algumas barreiras a enfrentar no contexto académico e que atribui a sua condição de aluna estrangeira.

A relação estabelecida com os docentes parece ter tido um valor especial na qualidade da experiência destes estudantes.

“...tenho sido muito apoiado e temos uma relação que, de certo modo, no meu tempo julgo que não seria assim... Uma relação muito aberta e muito cordial. São muito atenciosos e não fazem mais porque não podem.” (A.)

“... os professores estão sempre disponíveis.” (A.)

“A minha relação foi normal, foi maravilhosa para mim... Para mim, o tempo de estudo, de aulas, foi maravilhoso. Sentia, digamos que, aqui na universidade eu acabei por senti-la como sendo a minha casa... como algo de maravilhoso para onde eu vinha com todo o prazer. Depois, tanto os professores, como os colegas... de facto, eu conheci gente maravilhosa...” (G.)

“Nunca fui tratada de maneira diferente. Foi sempre tudo igual, tudo igual. Não havia cá nenhuma diferença nesse aspeto. Portanto tinha que apresentar os trabalhos como todos, tinha que fazer os exames como todos...” (G.)

O estudante B. referiu, no entanto, uma situação que relativiza a sua afirmação, ou seja, *“A relação com os professores foi ou muito boa ou razoável.”*

Tal se deve a uma situação problemática vivida na relação com uma docente e que se encontra referenciada mais adiante.

Embora a estudante C. tenha referido algumas dificuldades de adaptação no 1º ano, valoriza a qualidade da relação com o docente que assume a função de seu orientador.

“... o meu orientador, que é uma pessoa, por sinal, espetacular. Foi uma

... pessoa, de todos eles, foi uma pessoa iluminada. Está dentro desse país, dentro das dificuldades que eu encontrei... e, conheci ele há um mês atrás por indicação de uma menina brasileira aqui da Educação e ela me falou sobre esse professor... mas eu não conhecia... olhe, é uma pessoa iluminada... estou sendo orientada por uma pessoa fantástica.”
(C.)

O estudante M. valorizou dois aspectos positivos da sua experiência pessoal: a acessibilidade na comunicação com os docentes e a sua implicação como agente de produção de conhecimento. Refere: *“Eu converso com todos os professores daqui.”* (M.)

Narra, também, o pedido de uma docente, para que lecionasse uma aula a 14 mes-trandos. O estudante referiu que este tipo de experiência merecia ser transmitida para “fora” da Universidade, uma vez que revela uma “abertura” significativa nas metodologias do processo ensino-aprendizagem.

Os testemunhos dos entrevistados denotam também satisfação com a relação com os colegas, à sua chegada e adaptação à Universidade, mas há variações na forma como tentam inserir-se no grupo, em contexto académico.

A estudante G. refere o seguinte: *“... quis ser praxada como todos” e (as praxes) “são provas a que as pessoas são submetidas e que, por vezes, é importante para as pessoas crescerem, para se tornarem mais integradas no grupo”*

A sua percepção é de que a sua inserção dependeria dos outros atores e lugares sociais enquadrados como respostas institucionais. Esta forma de integrar-se foi facilitada pelo facto de viver sozinha, podendo adaptar os seus ritmos ao dos seus pares, ou seja aos colegas da Universidade.

A estudante G. valoriza os anos curriculares do curso como um período gratificante, na medida em que tinha aulas com o grupo-turma, assumindo estas ocasiões como tempos-espaço de convívio entre pares. Refere, também, que o segundo ano do mestrado, período de realização da dissertação, como um tempo “solitário” de produção de conhecimento.

Admitimos que este possa ter sido um fator que contribuiu para que G. tivesse anulado a matrícula para dedicar o seu tempo ao voluntariado. Aliás, a preservação da sua experiência de sociabilidade entre pares e convivialidade, em contexto intergeracional, foi procurada através da entrada na Tuna.

“... meti-me na tuna. Porque eu gostava de cantar, gostava de música e gosto do convívio... e na tuna tinha isso tudo...”

A estudante C. também valoriza a convivência e interação entre pares com idades diferentes. Relata:

“... eu acho muito positivo misturar jovens com pessoas de mais idade. Não gosto muito de... dessa história de ficar idoso só com idoso.” (C.)

“Acho que é uma troca, acho mais salutar misturar...mas também não sei se todos os idosos vão aceitar... mas se a gente começa a trabalhar com essa questão idoso-jovem, eles começam a respeitar mais, a conviver, a aprender e todos fazem essa aprendizagem. Por exemplo, se eu estou com dificuldade no celular eu pergunto, não tenho barreira nenhuma (...).” (C.)

Esta experiência não ocorre, no entanto, sem dificuldades e constrangimentos, o que a estudante atribui ao fechamento do grupo de colegas do seu país de origem e a abertura das colegas do país de acolhimento.

“Eu percebi nesse curso que fiz, algumas brasileiras foram terríveis comigo... em não colaborar, em não ajudar... Teve uma menina que foi terrível que não queria que eu entrasse no grupo porque o grupo já estava formado... e uma portuguesa não, muito pelo contrário, foi muito boa... eu acho o português muito solidário (...), eu tenho percebido isso.” (C.)

6.3.2. A prática docente, a avaliação formal e a experiência pessoal

A prática de avaliação formal do conhecimento produzido e difundido na Universidade, segundo a estrutura de cada unidade curricular, e como parte do plano de estudos aprovado previamente para cada curso, é vivido como um constrangimento em algum momento do percurso destes estudantes.

A assiduidade revelou ser uma preocupação para o estudante A.: *“se faltasse muito podia chumbar por faltas”*.

Esta situação de indiferenciação de critérios e de práticas de avaliação em relação aos estudantes, em idade da reforma, pode ser problemática como no caso, em que sendo a viticultura uma das outras atividades a que A. destina o seu tempo libertado da ocupação laboral quotidiana, o obrigou a cumprir o requisito de prova do

estatuto de trabalhador-estudante.

Os testemunhos de M. e G., revelam a importância de manterem algum tipo de responsabilidade, como forma de estruturação do tempo, tal como tinham na época produtiva (horários, prazos, tarefas...).

“Eu estava em casa sem fazer nada. Vou fazer o quê? Não, eu vou viver a vida académica... E eu ia ficar em casa a fazer o quê se eu não tenho trabalho? Vou ficar como um velho sentado no sofá a ver televisão? Não.” (M.)

“... estava reformada, não tinha obrigação de nada,... digo assim, não, eu tenho que me ocupar, tenho que arranjar algo de obrigatório e foi nesse sentido que eu vim para a Psicologia... no fundo, a razão foi ter algo em que me ocupar obrigatório, não é?” (G.)

Contudo, perante as práticas de avaliação mais comuns no contexto académico, os estudantes manifestam sentimentos contraditórios e vivem uma grande tensão relativamente a expectativas de resultados, comuns aos dos seus pares.

“...já se sabe que os momentos de avaliação tem sempre tensão, mesmo nós com mais experiência sentimos sempre alguma pressão. Não são só aos novos e portanto, quem quer fazer um bocadinho as coisas como deve ser e para o resultado também tem que se preparar um bocadinho...” (A.)

Um dos estudantes torna ainda mais evidente a preocupação e a exigência interna de obter bons resultados nos momentos de avaliação formal.

“Fui a exame apanhei dezasseis.” (B.)

“... depois fui por aí fora e sempre com boas notas” (B.).

“Tirei a licenciatura com quinze. Para a minha idade também não está mal [ri].” (B.)

“... eu fiz isso tudo, não foi com notas elevadas mas fiz.” (G.)

“Tirei dezasseis.” (M.)

Apesar dos resultados académicos não terem qualquer efeito, tal como acontece relativamente à carreira profissional dos estudantes mais novos, a avaliação é experienciada por estes estudantes como um risco de frustração do seu esforço e desilusão com uma classificação que não corresponda ao desejável.

Desta experiência nos falam a estudante C. e o estudante B.

“... eu fiz um trabalho, que eu considero um trabalho bom e ele colocou nove vírgula nove. Eu refiz o trabalho (...) e ele depois do nove vírgula nove, colocou dez... nunca com este professor, eu estou no nível que ele quer.” (C.)

“... na área de espanhol, em que a professora entendia que eu deveria pronunciar melhor o espanhol. E eu insistia neste ponto: se em português há sons que eu não consigo pronunciar corretamente, e com a idade que tenho, como é que podia pronunciar corretamente certos sons em espanhol? Impossível! Mas ela não se convencia. Isso foi um problema, um problema que até suscitou algumas disposições escritas que eu tive de fazer, e... mas... portanto, houve um certo mau estar. Mas ultrapassei isso, não entrei em conflito aberto com a professora. Está ultrapassado.” (B.)

O mesmo estudante refere, no entanto, outra situação, em que a sua reação ao insucesso face a expectativas internas e externas foi bastante diferente.

“O Latim é um cadeirão, para quem sabia alguma coisa de Latim... mas eu não sabia nada! Ai meu Deus! Apanhei sete no teste! Digo eu assim, para mim próprio: Começas bem Godinho! Começas bem! Foi assim de repente uma desilusão” (B.)

Neste caso, B. naturaliza a situação adversa como estímulo à ação e afirmação da personalidade:

“Eu reagi logo. Era natural. Era a primeira vez na vida que tinha uma classificação de sete. Era a primeira vez na vida. Fiz apelo a toda a minha energia e capacidade de raciocínio. E, então acabei por ter dezasseis. Está tudo dito!” (B.)

Numa atitude diferente da de B., a estudante C. problematiza e sugere a necessidade de reflexão sobre a particularidade dos estudantes de idade avançada e das circunstâncias familiares de cada um.

“... por uma questão de avaliação que eu considere injusta, e foi tão injusta que eu abandonei a disciplina e com isso não pude dar andamento ao meu curso... o ano passado em Fevereiro, foi o casamento do meu filho, do meu filho mais velho... (...) Ele pediu um trabalho... e mandou escrever um trabalho com dezasseis páginas, tinham que ser dezasseis páginas, no tempo que eu viajando para o Brasil para o casamento do meu filho que eu não poderia perder... e era o último a casar...” (C.)

Refere, ainda, que a pressão da avaliação é muito alta devido ao receio de retenção.

“... há uma ameaça constantemente... cuidado que você é reprovado na avaliação, na defesa do projeto e tese... quer dizer, há muitas ameaças...” (C.)

No seu ponto de vista, a avaliação não se pode resumir à solicitação de um trabalho.

“... a avaliação não é só um trabalho que se faz, tem de se ter em conta a participação do aluno na sala de aula, as colaborações...” (C.)

“... a avaliação tem de ser formativa porque se você não souber trabalhar é claro que não produz (...), tem que se verificar as dificuldades, as barreiras... eu acho que não é fácil avaliar. E essa avaliação não deve ser só de trabalho escrito, bom, o trabalho escrito, mas há outras barreiras, dificuldades que tem de ser vistoriadas... e não é assim.” (C.)

A estudante C., que também é docente universitária, aponta diferenças entre o sistema de avaliação em Portugal e no Brasil e critica a exposição pública dos estudantes.

“As notas aqui são divulgadas para todo o mundo tomar conhecimento. No Brasil não. Eu trabalhei em duas universidades públicas e você não coloca o nome do aluno mas apenas o número da matrícula e a nota, certo... eu discordo disso porque isso gera constrangimento...” (C.)

“... o colega vai e olha aquela pessoa de tanta idade, tão velha mas está tirando piores notas que eu que sou jovem... as pessoas se esperam do mais velho a melhor nota, não é?” (C.)

A estudante G. relatou a sua experiência de dificuldade numa disciplina que teve que frequentar durante quatro semestres. Face ao risco de nova reprovação a estudante alegou que não ia exercer a profissão de psicóloga ao que teve como resposta imediata: “_ G. és igual aos outros. Não és especial”.

Face a esta barreira percepcionada como intransponível, a estudante teve como única solução o pedido de acreditação da referida disciplina ao abrigo da sua densa experiência profissional.

O estudante B. faz, também menção, ao impacto de práticas de docência e de avaliação que não têm em conta a diversidade que, em alguns casos, se traduz em desvantagens no percurso de aprendizagem.

“Eu tinha que ir para casa e tinha que ir procurar nos livros e na internet o que eu não tinha recolhido na aula... E agora, depois, outro tanto tempo para estudar, que era aquilo que normalmente os meus colegas faziam.” (B.)

A estudante G. refere como diferença a ter em conta a questão da memória na idade avançada.

“Há coisas que, com certeza, o ser humano está mais preparado para aprender em determinada altura, como memorizar...” (G.)

Os estudantes entrevistados apresentam também como fatores particulares, dignos de atenção por parte da própria instituição universitária, os encargos financeiros. Os estudantes B. e M. referem a perda de rendimentos como um constrangimento inerentes ao período de reforma

“As maiores dificuldades que eu tive foram de natureza financeira. São dois amigos meus que me estão a pagar as propinas que eu não tenho dinheiro.” (M.)

O estudante M. refere as normas protegidas pelas barreiras burocráticas como um fator que quase o levou à desistência da Universidade:

“Eu matriculei-me e pedi equivalência a uma série de cadeiras porque eu já as tinha feito.” E porque tinha currículo profissional e trabalhos académicos.” (M.)

O atraso na resposta, justificado por um problema informático (Paco), levou-o a ficar com o seu percurso bloqueado, pelas disciplinas que ficaram em atraso. Ao dirigir-se ao Reitor, o estudante M. argumentou o peso agravado destas circunstâncias num percurso académico que tem a particularidade de ocorrer numa idade tardia.

“... um rapaz ou uma moça de dezoito anos, vinte ou vinte e um pode deixar para o próximo semestre. Eu não sei se vou viver até defender a minha tese. Então, eu não tenho tempo para perder tempo”. (M.)

Uma outra dimensão a ter em consideração nas práticas docentes e nas exigências de avaliação, que não tem em conta particularidades desta fase da vida, é reclamada por C. Esta estudante refere o valor acrescentado que o apoio e a presença de familiares têm neste percurso académico, que passa por momentos de trabalho solitário.

“... apesar de ter que enfrentar, digamos assim, uma barreira muito forte da distância familiar. Mas hoje com as novas tecnologias, a gente prevalece disso e (...) fala com o filho, vendo os netos, essas coisas todas...” (C.)

“Tenho bastantes amigos aqui. Participo no Facebook... são ferramentas modernas e eu tenho há muito tempo já...” (C.)

Também a estudante G. refere o impacto desta dimensão pessoal.

“Houve uma grande dificuldade mas não tem a ver com o curso... tem a ver com aquilo que existia dentro de mim, que era eu conseguir conviver com situações paralelas que eu estava a viver em relação ter-me separado... Foi, sobretudo, essa parte... e essa parte não tem a ver com amigos, tem a ver com a parte da família” (G.)

Neste momento contaram os apoios sociais da Universidade, a dizer a LUA, um serviço integrado inclusivo de apoio e aconselhamento emocional, psicológico e emocional aos estudantes, durante a noite

“Fui pedir ajuda a um organismo, a LUA, em que fazem parte estudantes voluntários e especialistas também voluntários.” (G.)

Uma situação relatada por B. nos dá conta do peso dos afetos, como fator a considerar.

“Tenho uma nota muito intrigante. Que ainda hoje me deixa muito pensativo. Repare nisto, nesta coincidência. Eu tinha um ano de frequência... eu entrei em outubro de 2008, e no dia dois de junho, fazia precisamente um ano sobre a data que a minha mulher tinha morrido, à mesma hora que ela morreu, estava a fazer um teste de espanhol, em que me era pedido que fizesse uma... elaborasse um texto de apreço, de exaltação da pessoa amada. Impressionante isto! Olhe, passei todo o teste a chorar. Não conseguia aguentar as lágrimas. Todo o teste não consegui escrever...A professora não sabia, não fazia ideia nenhuma da data em que tinha morrido a minha mulher, e aquela coincidência é uma marca indelével na minha vida. É intrigante, não é?” (B.)

7. Repensar a(s) Universidade(s): como espaço(s) de (re)conhecimento intergeracional

Como nos deram a saber os estudantes que entrevistámos, a Universidade foi uma escolha consciente de um espaço reconhecido como lugar de produção e/ou difusão do conhecimento científico, regulado por normas e expectativas de desempenho muito particulares.

As disposições que os trouxeram à Universidade nos deram a perceber a heterogeneidade de um grupo que deve ser identificado estritamente pela pertença a uma mesma categoria de idade e pelos riscos de discriminação inerentes à sua passagem para a chamada fase da reforma, e que os expõe objetiva e subjetivamente a preconceitos e estereótipos associados ao idadismo.

Estas são barreiras socialmente invisíveis com que os sujeitos em idade pós-reforma se confrontam, com mais ou menos recursos, o que pode condicionar a opção livre entre continuar a sua aprendizagem ao longo da vida no contexto da Universidade “tradicional”, na Universidade Sénior ou em outros contextos, associações, sindicatos ou projetos, que enquadram a sua participação ativa na sociedade, enquanto cidadãos e cidadãs.

Ao escutar as experiências dos estudantes que entrevistámos, percebemos esta “terceira fase de vida”, assim definida pelo modelo de ciclo de vida tradicional, como um tempo aberto, ou seja como momento de decisões, escolhas e de novos investimentos pessoais.

O ingresso em cursos convencionais da Universidade, parece orientar-se por determinados propósitos, em que se inclui a satisfação de necessidades de conhecimento. A possibilidade de estar e conviver com outras pessoas, de diversas idades surge como uma realidade secundária, mas parece ser vivida subjetivamente como fonte de reconhecimento pessoal, social e institucional e possibilidade de afirmação de uma outra identidade social, enquanto par.

Esta condição social parece favorecer o sentimento de “reinvenção de si mesmo”, que se reforça com a transformação da forma de ler o mundo social, onde o envelhecimento pode não determinar circunstâncias de isolamento, quando a atividade é investida no acesso a novas oportunidades de desenvolvimento pessoal e social.

Os estudantes que escutámos, ao encontrarem-se na situação de reforma, procura-

ram na Universidade a oportunidade de desenvolverem antigos projetos de vida adiados pelo surgimento de novas responsabilidades familiares, profissionais ou obrigações cívicas, mas também devido a falta de recursos financeiros e apoios sociais.

Alguns encontraram, na rotina da vida universitária, condições de esforço de trabalho similares ao do mundo do trabalho que lhes dá um sentido de continuidade da sua existência como sujeito ativo e “útil” à sociedade. Outros encontraram, neste contexto, as condições propícias para recompor a sua rede de interações e interesses sociais, para manterem um ritmo de vida que previne ou atenua a solidão, devido ao afastamento dos companheiros de trabalho.

Constatamos que o acesso à Universidade “tradicional”, com idade avançada, pode ser vivido, em algum momento do percurso, como um desafio ou uma meta muito difícil de realizar com a mesma competência com que viveram as suas experiências profissionais e em outras áreas da vida. Esta experiência justifica quer a paragem ou desistência temporária, quanto a mobilização de esforços adicionais para darem continuidade a um segundo curso, para atingir o nível seguinte.

Por outro lado, há que referir alguns constrangimentos vividos pelos estudantes deste grupo etário, na designada Universidade “tradicional”, por efeito das suas normas, dos prazos e expectativas de rendimento, regulados por regras e discursos codificados e pouco familiares nos mundos da vida em sociedade. Estes constrangimentos merecem ser refletidos, atendendo à possível necessidade de haver critérios específicos de frequência dos cursos convencionais, contribuindo para a construção e afirmação de uma Universidade inclusiva de todas as diferenças.

7.1. Dimensão institucional e organizativa

Um fator facilitador do acesso à Universidade por estudantes, de todas as idades, parece ser o grau de difusão e de acesso à informação sobre ofertas de formação, sobre vias de acesso regular e especial e respectivos procedimentos e prazos de candidatura.

Da página da Universidade de Aveiro, consta informação sobre o concurso de Maiores de 23 anos, sobre cursos de preparação para os exames e são disponibilizados computadores com acesso à Internet nos períodos de candidatura. Seria impor-

tante saber se a divulgação destes recursos chega ao conhecimento de potenciais estudantes idosos, segundo as suas circunstâncias e condições sociais de inserção familiar, institucional ou de vida individual, dado que nem todos têm acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Todavia, é de realçar que os familiares, amigos ou vizinhos, podem constituir elementos importantes no acesso a esta informação, o que implicaria uma divulgação social de maior alcance sobre as potencialidades da educação ao longo da vida e sobre as capacidades e direitos de cidadania das pessoas pertencentes a um grupo geracional crescente e pouco reconhecido pelas suas capacidades de ação.

A existência de projetos ou equipas destinados a estas atividades e ao apoio direto e indireto aos idosos, na escolha do curso, planos de estudo, horários, propinas e recurso poderia facilitar o acesso deste público a rede de instituições de ensino superior que, como vimos, abrange todo o território nacional. Seria interessante que os programas ou aplicações informáticas fossem universalmente acessíveis, o que implica que fossem tomadas em conta as diferenças de capacidade do maior número possível de grupos de utilizadores.

Por outro lado, seria importante ter em conta a diminuição de rendimentos da população em situação de reforma, o que segundo diversos indicadores sociais, tem vindo a ser agravado por efeito das crises social e económica. Todos os indivíduos deveriam poder estudar e aumentar os seus recursos de entendimento da realidade, ou de leitura do mundo atual, o que só será possível se se tiver em consideração o acréscimo de despesas familiares que tem decorrido da coabitação de várias gerações em muitas famílias afetadas pelo desemprego ou precarização do mundo do trabalho e das relações inter e intrafamiliares. Lembramos que o pagamento das propinas foi a dificuldade maior revelada por dois estudantes do curso de doutoramento.

Embora este problema seja comum a outros estudantes, estas situações deveriam ser vistas, na sua particularidade, pelo horizonte temporal de realização que é muito mais restrito no caso das pessoas, de idade avançada, que ingressam na Universidade com outras aspirações que não a acreditação da formação para fins profissionais ou de carreira científica. Estabelecer um critério que permitisse ter em consideração o valor da pensão de velhice possibilitaria atenuar despesas com as propinas, taxas de inscrição, acesso a transporte e materiais para, assim, evitar excluir estudantes com aspirações de realização no acesso a conhecimento científico em

ambiente académico.

Se é certo que as dificuldades apresentadas pelos estudantes entrevistados, na sua heterogeneidade, permitiu a identificação dos problemas que temos vindo a referir, certo também é que nos permitiu desenvolver uma outra percepção e olhar sobre a sua existência e participação mais ativa e crítica na vida universitária.

Além de desestabilizarem o preconceito de que se trata de um grupo com facilidades de horário para frequência das aulas e outras atividades, pela responsabilidade de cuidado dos netos ou de familiares dependentes, nos obrigaram a questionar, também, estereótipos de género devido às transformações na estruturação familiar ocasionados pela inserção plena das mulheres no espaço público e não apenas no espaço profissional.

A discussão de práticas e critérios de acesso e de avaliação, dos horários e da flexibilidade das ofertas de unidades curriculares devem por isso merecer toda a atenção e cuidado, por parte das instituições de ensino superior na sua ligação com a comunidade, com todas as instâncias públicas, serviços, instituições de apoio a idosos e organizações que partilham interesses emancipatórios deste grupo social face a determinações da sua subordinação ou desqualificação social. Entre estes parceiros, sublinhamos a cooperação com as Universidades Sénior enquanto projetos interessantes de formação e educação ao longo da vida, que se inspiram em práticas socioeducativas inovadoras e que desafiam as instituições de cariz académico, pela sua vitalidade e visibilidade social.

7.2. Dimensão pedagógica e afetiva-relacional

A possibilidade de criar relações com pessoas de diversas idades potenciada pela relação entre pares, no ambiente da universidade pode constituir esta como um espaço de realização e de formação integrada de diferentes gerações, através do reconhecimento de interesses afins de conhecimento e de enriquecimento intelectual.

Numa sociedade que envelhece rápida e subitamente com o aumento da esperança de vida e da diminuição da taxa de natalidade, a experiência de convivência intergeracional positiva torna-se uma urgência, devido à persistência de preconceitos e estereótipos negativos e recíprocos entre os grupos e indivíduos mais jovens e

mais velhos.

As crenças negativas afetam desigualmente os mais idosos, levando a supor, por exemplo, que a presença de estudantes mais velhos deve-se ao seu insucesso, e não à atualização das suas aspirações e realização de projetos adiados, por razões que são enfrentadas atualmente por outros jovens, que se encontram em circunstâncias similares.

As percepções e atitudes idadistas exigem a inclusão de uma abordagem direta das representações sobre o envelhecimento, através do currículo escolar nos diversos ciclos e de outros cursos de educação formal e não-formal, ao longo da vida. A participação e a narrativa sobre as trajetórias de vida dos idosos, pertencentes a diversos grupos sociais, poderia constituir um recurso na sensibilização e processo de formação que se impõe neste momento, como em nenhum outro, como condição de coesão social e de preservação da qualidade do relacionamento intergeracional.

Os estudantes que entrevistámos são testemunhas ou portadores de memórias narradas das duas Guerras Mundiais e do surgimento do Estado-Providência que lhes sucedeu. Preservam a memória da transição entre regimes ditatoriais e democráticos. A narrativa das suas trajetórias de vida poderia facilitar a relação pedagógica ou relações de tutoria na iniciação ou estudo aprofundado da história contemporânea, onde as diversas áreas de conhecimento foram tomando corpo e voz.

Esta poderia ser uma forma de evitar o abandono da aprendizagem formal mas, também, informal dos estudantes que integram o sistema educativo nos seus diversos níveis e vias de ensino.

A formação de docentes no que respeita ao fenómeno do envelhecimento, como realidade e desafio social e como experiência universal e pessoal, seria uma forma de promover as mudanças culturais e sociais indispensáveis à crítica e superação de comportamentos e atitudes idadistas.

É neste campo de ação, quase inexplorado, que pensamos no contributo da Universidade e de toda a rede do ensino superior, no envolvimento de docentes mas, também, deste grupo específico de discentes, ou melhor, de estudantes ou aprendizes que encontram, na sua idade, motivos e razões para acorrer, sem concorrer com os seus pares de outras idades, a um currículo científico que se deseja cada vez mais aberto ao mundo exterior e global.

Considerações (ou desafios) finais

É tendo em conta as experiências académicas destes estudantes entrevistados, com idade avançada, que concluímos esta investigação sem respostas mas enriquecidos com as seguintes questões que podem ser exploradas em estudos posteriores.

- i. Em que condições os estudantes, em idade de reforma, poderiam ter acesso a um plano de estudos comum aos seus pares, sem sentir a “sobrecarga” de trabalho inerente à simultaneidade da frequência e avaliação, a diversas disciplinas semestrais, tendo em conta a multiplicidade de papéis sociais e interesses adquiridos ao longo da sua vida?
- ii. Como construir um currículo centrado no sujeito cujas condições e disposições de aprendizagem assentam na acumulação e reflexão de experiências não contemporâneas aos seus pares, preservadas por memórias não valorizadas socialmente?
- iii. Como estes estudantes gerem a questão da assiduidade, na falta de condições, para invocarem o estatuto de trabalhador-estudante, de modo a fazer face a outros compromissos de cuidados de familiares dependentes e/ou responsabilidades sociais e políticas que fazem parte das suas escolhas e circunstâncias atuais?
- iv. Como se gerem as diferenças de perceção, de ritmo e de necessidades de tempo de estudo e execução de outras tarefas académicas, em grupos heterogéneos, em que os pares com menos idade estão mais aptos ao cumprimento de prazos e preservados do efeito da perda das horas de sono indispensáveis à preservação da saúde?
- v. Como conciliar a justiça na avaliação com a especificidade das tarefas de avaliação em contexto académico, numa lógica formativa, não centrada nos resultados e na sua respetiva creditação?

A entrevista, a estes estudantes, nos permite avançar com algumas propostas, a partir de um olhar diferente sobre uma Universidade que tem sido vivida também como espaço social, potencialmente inclusivo da diversidade geracional.

A sua experiência de vida pessoal, familiar, profissional e social acumulada, nos permite definir o trabalho docente universitário como um desafio, numa sociedade progressivamente envelhecida e submetida a rápidas transformações sociais.

Vários aspectos passaram a merecer a nossa reflexão: o uso de um tempo próprio, que torna mais perceptível o esforço de trabalho exigido aos docentes. Esta opinião nos dá conta da empatia com sujeitos que se sentem contemporâneos, mas libertados pela reforma, da rotina e exigências do espaço de produção.

É o estudante A. que o refere:

(os docentes) “têm uma carga letiva muito grande, há dispensa de muitos professores... Agora um professor tem de fazer o que dantes dois ou três faziam e portanto não está fácil. Muitos já pensam na reforma e no tempo que chegarem à reforma se há reforma (...). Em termos de funcionamento noto e temos conversado que há um bocadinho de stress nos docentes, precisamente por isso...”

Foi também a experiência vivida pela estudante G. que nos levou a focar a atenção nos fatores humanos e na dimensão humana das relações estabelecidas neste espaço social, quando afirma:

“... é natural que haja sempre algo para melhorar mas eu, no todo, nas aulas, nos docentes... sempre os achei maravilhosos. A universidade em si, também, só tenho a dizer bem e de todas as pessoas que trabalham, desde os funcionários que estão por aí, desde os que estão nos serviços para nos atender, eu só tenho a dizer bem.” (G.)

O estudante B. por sua vez, expressa preocupações com os estudantes dos PA-LOP enquanto seus pares; dá visibilidade e voz às dificuldades deste grupo no uso da língua portuguesa e se dispõe a participar na resolução do problema que enuncia.

“Eu a grande sugestão que eu dava, não é para os estudantes mais velhos, mas para utilização, benefício, valorização e facilidade de aprendizagem dos estudantes provenientes das antigas colónias portuguesas, ia no sentido de lhes ser facultado... de lhes ser facultada uma aprendizagem do português. Porque eu tenho um contato contínuo com as estudantes, tenho até bons amigos nesse meio, e tenho me apercebido da extrema dificuldade que têm em se exprimir em português. Eu imagino como é que estes estudantes podem escrever os seus testes, não é?! Redigir os seus escritos com tantas deficiências de expressão... Como será possível?! E não são alunos do secundário! São alunos de mestrado ou de doutoramento! Eu fico perplexo.” (B.)

Quanto ao estudante M. a sua experiência empresarial o leva a sugerir o estreitamento da relação entre a universidade e a indústria. Propõe que se tente *“... penetrar um pouco mais na colaboração com a indústria. Mas claro, ser de alguma forma compensada.... Se eu for mandar fazer um trabalho científico eu pago! Se um empresário mandar fazer à Universidade, tinha que o pagar.”*

Como também propõe *“uma articulação mais livre, menos formal entre os Diretores dos Departamentos.”* invocando a memória de uma situação ocorrida em 1999.

“Em noventa e nove comecei a levar os serviços aqui da Universidade de Aveiro para ensaiar provetes de betão porque estava a fazer uma obra pública, no quartel na GNR de Sangalhos e o cliente exigia que os cortes de prova fossem iniciados num laboratório creditado... Na altura ainda havia uma distância muito grande empresa/Universidade. Mas não era só culpa das empresas. Das Universidades também. Elas olhavam um pouco de lado para os empreiteiros.” (M.)

Finalmente a estudante C. mobiliza a sua experiência como docente, para sugerir a realização de cursos/workshops sobre inovação didática, novas metodologias de ensino e novas abordagens pedagógicas no ensino superior.

“... os professores através de um trabalho da pós-graduação, da graduação,... fazer workshops no sentido de que esses professores trabalhem com novas metodologias de ensino...” (C.)

Conclusão

O envelhecimento é um processo pessoal, universal e contínuo em todos os seres humanos. Pode ser observado no envelhecimento demográfico, em algumas mudanças de uma sociedade que se encontra perante desafios que exigem uma atitude de aprendizagem ao longo da vida.

Algumas recomendações e políticas europeias preconizam o designado “envelhecimento ativo”, que pressupõe a libertação de constrangimentos inerentes a esta fase do ciclo de vida, de modo a participarem numa sociedade que se pretende produtiva e flexível, no uso do tempo de trabalho, formação ou lazer.

A reforma e a transição entre dois tempos, o do trabalho e pós-trabalho, impõem uma adaptação social. Esta transição pode, no entanto, ser vivida como oportunidade de recomposição ativa de papéis sociais ou como uma barreira à inclusão e à realização pessoal, como processo de isolamento social e de desvalorização individual.

A procura de atividades gratificantes, úteis e proveitosas para a família e comunidade pode constituir um objetivo e continuação da aprendizagem ao longo da vida. Os avanços organizacionais, tecnológicos e culturais estão, contudo, a transformar o ciclo de vida que torna invisível a interligação das idades entendidas como diferentes fases da vida. A complementaridade mútua e simultânea, das fases de formação, produção e de lazer e descanso, pressupõe a necessidade de uma educação ao longo da vida e acesso ao conhecimento, para uma maior qualidade e dignidade de vida.

A prática da cidadania cria condições para que as pessoas mais velhas se descubram sujeitos da sua própria história pessoal, exercitando direitos civis, políticos e sociais pela participação ativa na vida social de instituições e em movimentos sociais, enquanto formas de enfrentar os desafios sociais e a própria incompletude como ser humano.

A aprendizagem ao longo da vida proporciona aos adultos mais velhos novas oportunidades de aquisição de um maior controlo, individual e coletivo, sobre as suas vidas. Neste contexto, torna-se possível abalar os estereótipos e mitos criados sobre as pessoas mais velhas pelo recurso a novas tecnologias de informação e comunicação e à globalização do conhecimento.

A leitura do mundo torna-se menos ingénua e mais crítica, o que contribui para a participação dos sujeitos na promoção da qualidade de vida e inclusão de todos os membros da comunidade, enquanto sujeitos com plenos direitos à participação social.

As organizações sindicais, voluntariado, Banco de Tempo, as Associações, Academias e Universidades Sénior, refletem esta tomada de consciência do mundo e de si. Cabe à Universidade e à rede de ensino superior, em geral, superarem a distância entre as ideias e os ideais, desenvolvendo-se como espaços de Vida das ideias e sobretudo das Pessoas, contribuindo para a formação de cidadãos ativos e informados, independentemente da sua idade.

A Universidade “tradicional” pode assim ser investida e reconhecida não só pelo seu interesse de conhecimento mas também pela qualidade da interação intergeracional que promove e proporciona no quotidiano, onde a realização de aspirações e de projetos pessoais adiados possam enriquecer múltiplas leituras do mundo na diversidade de visões sobre a realidade atual e desejável.

Bibliografia

- Arroteia, Jorge Carvalho (1996). *O ensino superior em Portugal*. Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães.
- Baltes, Paul B.; Baltes, Margret M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: The modelo of selective optimization with compensation. In Baltes, Paul B.; Baltes, Margret M. *Successful aging: perspectives from the behavioral sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-34.
- Cabral, Manuel Villaverde (Coord.); Ferreira, Pedro Moura; Silva, Pedro Alcântara; Jerónimo, Paula; Marques, Tatiana (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Castells, Manuel (2011). *A sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dubar, Claude (1997). *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Finger, Matthias (2005). A Educação de adultos e o futuro da sociedade. In Canário, Rui; Cabrito, Belmiro (Org.). *Educação e Formação de adultos: mutações e convergências*. Coimbra: Educa.
- Fontaine, Roger (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Freire, Paulo (1980). *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Editora Moraes.
- Giddens, Anthony (2012). *O mundo na era da globalização* (8ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Hutchison, Katja, Mikhailovich Terese; Morrison, Paul (2006). *A review of the literature on active ageing*. Austrália: University of Canberra.
- Jacob, Luís (2011). Universidades da Terceira Idade: Criar novos projetos de vida. In Jacob, Luís; Fernandes, Hélder (Coord.). *Ideias para um envelhecimento ativo*. Almeirim: RUTIS.
- Lessard-Hébert, Michelle; Goyette, Gabriel; Boutin, Gérald (2008). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, Licínio C. (2007). *Educação ao longo da vida: Entre a mão direita e a mão*

esquerda de Miró. São Paulo: Cortez Editora.

Lima, Margarida Pedroso (2010). *Envelhecimento(s)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Marques, Sibila (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Monteiro, Helena; Neto, Félix (2008). *Universidades da Terceira Idade: Da solidão aos motivos para a sua frequência*. Porto: Legis Editora.

Oliveira, José H. Barros (2005). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Legis Editora.

Osório, Agustín Requejo; Rumbo, Begoña; Cid, Xosé, M. (2007). Programas universitários para idosos. In *As pessoas idosas: contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 307-339.

Palmore, Erdmand Ballagh (1999). *Ageism: negative and positive* (2ª ed.). New York: Springer Publishing Company.

Pardal, Luís António; Correia, Eugénia. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Pimentel, Luísa (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.

Pinto, Maria da Graça L. Castro (2008). *Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes, depois*. Porto: FLUP.

Rosa, Maria João Valente (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Roths, Luís Areal (2006). As ovelhas negras: uma iniciativa educativa numa universidade da terceira idade. In L. C. Lima (org.), *Educação Não-Escolar de Adultos. Iniciativas de Educação e Formação em Contexto Associativo*. Braga: Universidade do Minho/Unidade de Educação de Adultos, pp. 103-119.

Saldanha, Helena (2009). *Bem Viver para Bem Envelhecer: Um desafio à Gerontologia e à Geriatria*. Lisboa: Lidel.

Santos, Boaventura de Sousa (2004). Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. In Baldi, César Augusto (Org.). *Direitos Humanos na Sociedade Cosmopolita*. Rio de Janeiro/São Paulo/Recife: Renovar.

- Simão, José Veiga; Santos, Sérgio Machado; Costa, António de Almeida (2005). *Ambição para a excelência, A oportunidade de Bolonha*. Lisboa: Gradiva.
- Sousa, Liliana; Figueiredo, Daniela; Cerqueira, Margarida (2004). *Envelhecer em família: os cuidados familiares na velhice*. Porto: Âmbar.
- Veloso, Esmeraldina (2011). *Vidas depois da reforma – Políticas públicas no contexto português e práticas educativas numa Universidade da Terceira Idade em Portugal*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Vieira, Sacha Cristine Lima (2010). *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*. (Tese de mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Yin, Robert K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi, 2ª edição. Porto Alegre: Bookman.

Outras Referências Bibliográficas

- Almeida, Leandro (2007). *Transição, Adaptação académica e xito escolar no ensino superior*. Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación. Vol. 15, 2, Ano 11º. Universidade do Minho.
- Alonso, Luísa (2007). *Formação ao longo da vida e aprender a aprender*. In Conselho Nacional de Educação (2007). [Aprendizagem ao Longo da Vida no Debate Nacional sobre Educação](#).
- APRe! (2014). [Associação dos Aposentados, Pensionistas e Reformados](#).
- Associação Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS), (2008). [Rede de Universidades da Terceira Idade](#)
- Campos, P. (2008, junho). *A visibilidade do idoso nos meios de comunicação. Estudo de caso: jornais El País e ABC – 2007*. Revista Kairós: gerontologia/Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-graduados-PUC-SP, São Paulo, 11(1), pp. 105-142.
- CE (2002). [COMMUNICATION FROM THE COMMISSION TO THE COUNCIL AND THE EUROPEAN PARLIAMENT - Europe's response to World Ageing Promoting economic and social progress in an ageing world. A contribution of the European Commission to the 2nd World Assembly on Ageing](#).
- Clavijo, Manuel Velásquez (1999). *La Formación de formadores para los programas*

- universitários de mayores*. Escuela Abierta: [revista de Investigación Educativa](#), N.º 3, pp. 133-162.
- Comissão das comunidades europeias (2001, 21 novembro). [Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade](#).
- García, Antonio Víctor Martín; Osorio, Agustín Requejo (2005, septiembre-diciembre). [Fundamentos y propuestas de la Educación no formal con personas mayores](#). Revista de Educación, n.º 338, pp. 45-66.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), (2012). [Censos - Resultados definitivos: Portugal – 2011](#). Lisboa: INE.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), (2015). Revista de Estudos Demográficos. N.º 54.
- Jacob, Luís (2007). [As Universidades da Terceira Idade: Um exemplo de educação para adultos](#). Santarém.
- Jacob, Luís (2008). [Guia técnico das condições de criação e funcionamento das Universidades e Academias Seniores](#). RUTIS.
- Jacob, Luís (2012). *A aprendizagem ao longo da vida e a formação para seniores*. Revista de Política Social Rediteia, nº 45, pp. 53-65.
- Lima, Paulo Gomes (2014, set./dez.). [Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo](#). Pro-Posições, vol. 25, n.º 3, Campinas.
- Madaleno, Aurora (abril 2003). [Universidades da Terceira Idade](#). VilAdentro, p. 12.
- Marques, Sibila; Gorjão, Sara (2012). *Idadismo e a participação social das pessoas idosas*. Revista de Política Social Rediteia, nº 45, pp. 129-138.
- Ministério da Saúde (2004). [Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas](#).
- OCDE (1998). [Maintaining prosperity in an ageing society](#).
- [Oferta formativa da Universidade de Aveiro chega aos seniores](#). (2012, setembro 26). Jornal Online da Universidade de Aveiro.
- Organização Mundial da Saúde (OMS) [World Health Organization (WHO)], (2002). [International Plan of Action on Ageing: report on Implementation](#).
- Quaresma, M. (2008, dezembro). *Questões do envelhecimento nas sociedades*

contemporâneas. REVISTA KAIRÓS: gerontologia/Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-graduados-PUC-SP, São Paulo, 11(2), pp.21-47.

Roths, Luís Areal (2007). *Educação e formação de adultos em Portugal: circunstâncias e desafios*. In Conselho Nacional de Educação (2007). [Aprendizagem ao Longo da Vida no Debate Nacional sobre Educação](#).

RUTIS (2015). [RUTIS – Rede de Universidades Seniores](#).

[Rutisénior](#), Ano 2009, N.º 04.

UNESCO (1998). [Declaración Mundial sobre la Educación Superior en el siglo XXI: Visión y Acción](#). Conferencia Mundial sobre la Educación Superior. Paris.

UNESCO (2009). [La nueva dinámica de la educación superior y la investigación para el cambio social y el desarrollo](#). Conferencia Mundial sobre la Educación Superior. Paris.

Universidade de Aveiro (2015). [A UA apresenta-se](#).

Universidade de Coimbra (2015). [História da Universidade](#).

Universidade de Évora, (2015). [História](#).

ZAWiW - Zentrum für Allgemeine Wissenschaftliche Weiterbildung (Centre for General Scientific Continuing Education), Learning in Later Life – European Network (2006). [A comparative study of country-specific structures of academic continuing education in the third age in Europe](#).

Anexos

Anexo 1

Nota de campo n.º 1 – Primeira reunião na Unidade Integrada de Formação Continuada (UINFOC)

18/12/2014

Após contacto, através de email, com a Vice-coordenadora da Unidade Integrada de Formação Continuada (UINFOC), a solicitar uma reunião e a informar o respetivo objetivo, esta foi marcada para o presente dia.

A reunião iniciou-se, aproximadamente, às 16 horas. Fiz a minha apresentação e a seguir, explicitiei a razão pela qual tinha solicitado a reunião, pedindo a colaboração da UINFOC sobre a formação sénior. A Vice-coordenadora mostrou disponibilidade para colaborar e respondeu positivamente, realçando que era, realmente, o momento oportuno, dado que a formação sénior vai entrar em vigor brevemente.

Dialogámos sobre alguns aspectos da formação sénior que existiu no ano letivo 2012/2013, nomeadamente sobre a primeira unidade de formação designada «Introdução ao multimédia», uma vez que esta foi a única que se realizou. A unidade de formação teve quinze alunos. No que concerne ao perfil dos alunos, a Vice-coordenadora referiu que existiu três perfis distintos de formandos, a saber: funcionários da Universidade de Aveiro; pessoas sem conhecimentos informáticos, mas com vontade de saber o que é estar numa universidade a aprender e pessoas com conhecimentos informáticos, cujas pretendiam aumentar os conhecimentos que já possuíam.

A segunda unidade de formação denominada «Histórias com Sabor a Matemática» não se realizou uma vez que não teve alunos inscritos.

Posteriormente encaminhou-me para a Dra. Elsa de Almeida, visto ser uma das pessoas responsáveis pela formação sénior que se vai desenvolver.

Após ter explicitado, novamente, o motivo da minha presença na UINFOC, a Dra. Elsa de Almeida referiu que a minha contribuição sobre a temática da formação sénior poderá ser útil. Pelo que agendou-me uma reunião para o dia 16 de janeiro, pelas 15 horas e 30 minutos para aprofundar a temática. Isto porque, a Dra. Elsa de Almeida terá uma reunião no início do mês de janeiro sobre a formação sénior que vai ser desenvolvida, e a partir dessa reunião, terá mais dados sobre este assunto.

Anexo 2

Nota de campo n.º 2 – Segunda reunião na Unidade Integrada de Formação Continuada (UINFOC)

16/01/2014

Deu-se início à reunião, com as presenças da Dra. Elsa de Almeida e da Professora Rosa Madeira, com o assunto da formação sénior que existiu no ano letivo 2012/2013. Esta ocorreu num período de crise económica e social e sofreu uma divulgação limitada. Portanto, após a primeira formação, não houve um número suficiente de pessoas inscritas. Pelo que não se realizou mais formações neste âmbito.

A seguir, o assunto incidiu no plano de formações, destinadas ao público sénior, que a UINFOC pretende desenvolver. As conclusões foram as seguintes:

- a designação das formações será “Encontros com a Ciência”;
- pretende-se a criação de programas, com rigor científico, que possam trazer novos públicos à Universidade;
- criar um espaço com “laços” e promover o contacto intergeracional, de forma a articular os adultos idosos com outras faixas etárias, por exemplo, interagir jovens com adultos idosos;
- os programas deverão ter três componentes – teórica / científica, prática e lazer;
- a duração dos programas para os adultos idosos deverá ser de 3 dias (domingo, segunda-feira e terça-feira), no qual será elaborado um pacote com alojamento, de forma a abranger pessoas de uma maior área geográfica, pelo que não há limites geográficos;
- a duração dos programas para jovens deverá ser de 4 dias;
- as sugestões de formações abarcam distintas áreas, tais como, química alimentar, biologia, geociências, design, multimédia, saúde, entre outras, de forma a ir ao encontro de demandas diferentes;
- será promovida uma maior difusão;
- está prevista uma colaboração da Universidade de Extremadura.

Anexo 3

Guião da Entrevista Individual

I – Tema: Aprendizagem ao longo da vida.

II – Objetivos gerais:

- Conhecer as trajetórias da vida de estudantes em idade avançada.
- Identificar os fatores facilitadores e constrangedores do contexto académico tradicional.
- Conhecer as posições dos estudantes perante a estruturação do ciclo de vida bem como outras intervenções educativas.

III – Objetivos específicos e tópicos:

Dimensões	Objetivos específicos	Tópicos
A. Legitimação da entrevista e motivação	<ul style="list-style-type: none"> ● Legitimar a entrevista. ● Motivar o entrevistado. 	1 – Informação, em suas linhas gerais, do trabalho de investigação. 2 – Solicitação da colaboração do estudante, pois o seu contributo é imprescindível para a realização do trabalho. 3 – Apresentação da entrevistadora. 4 – Solicitação da autorização para a gravação da entrevista, em formato áudio, e permissão para a citação dos dados recolhidos, garantindo o seu anonimato.
B. Caracterização pessoal, profissional e social	<ul style="list-style-type: none"> ● Obter dados pessoais, profissionais e sociais. 	1 – Apresentação a nível pessoal, profissional e social.
C. Relação com o sistema educativo e a Universidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Recolher elementos sobre a relação com o sistema educativo e a Universidade. 	1 – Antecedentes académicos. 2 – Experiência atual: - motivos da frequência da Universidade; - justificação da escolha da área do curso e da Universidade. 3 – Representação de si como estudante. 3.1 - Adaptação ao ambiente académico. 3.2 - Tipo de relação com os docentes; os colegas; a avaliação. 3.3 – Experiências / dificuldades / desafios. 3.4 - Articulação com outras esferas. Apoios. 4 – Aspirações. 5 - Sugestões para a melhoria da Universidade de Aveiro.
D. Auscultação sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas	<ul style="list-style-type: none"> ● Recolher opiniões sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas 	1 - Aprendizagem ao longo da vida e as fases do ciclo vital. 2 – Outras intervenções: Universidades Seniores;...
E. Observações Finais	<ul style="list-style-type: none"> ● Obter observações finais. 	1 – Observações finais.

Anexo 4

Entrevistado: A.	Idade: 68 anos
Entrevistadora: Marisa Machado	
Data: 28 de abril de 2015	
Local: Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro	
Hora: 16h 30m	
Assunto: Aprendizagem ao longo da vida.	

Procedimentos iniciais e finais:

No início:

1. Cumprimentei o entrevistado;
2. Relembrei ao entrevistado o meu nome e fiz a minha apresentação;
3. Descrevi as razões por que estava ali, informando, em linhas gerais, sobre o trabalho de investigação;
4. Agradei, antecipadamente, a sua colaboração;
5. Solicitei autorização para gravar a entrevista, em formato áudio, e pedi a permissão para citar os dados recolhidos, garantindo o seu anonimato.

No fim, agradei ao entrevistado e cumprimentei-o.

Tópicos abordados:

I. Caracterização pessoal, profissional e social

- Reside em Anadia com a mulher. Tem uma filha, com 41 anos, e um neto, com 5 anos, que vivem em Lisboa.
- Foi com o 7º ano da Antiguidade para a guerra em Guiné-Bissau. Regressou, com 25 anos, traumatizado, muito em baixo e com stress. Encontrava-se dependente dos pais e foi chamado para trabalhar num Banco em Lisboa.
- Ficou com mágoa por não dar continuidade aos estudos quando regressou.

- Encontra-se reformado há 16 anos.
- Foi político, desportista, ativista e fez teatro.
- Atualmente dedica-se à viticultura.

II. Relação com o sistema de ensino e a Universidade

- Frequenta o 1º ano da licenciatura em Gerontologia e realizou 3 cadeiras, no 1º semestre.
- Os motivos que o levaram a estudar foram: teve sempre a ideia de ter um curso; realização pessoal; ter a mente ocupada.
- Escolheu a Universidade de Aveiro por a deslocação ser mais fácil do que ir para Coimbra e a Escola Superior de Saúde possui um estacionamento mesmo à frente.
- Acha que adaptou-se bem mas que para o próximo ano vai adaptar-se melhor porque vai solicitar o estatuto trabalhador-estudante.
- Atualmente precisa de mais tempo de estudo do que quando tinha menos idade.
- A relação com os docentes é aberta, cordial e atenciosa. Recebe o apoio dos docentes. Referiu que se verifica o stress dos docentes devido ao excesso de trabalho.
- A relação com os colegas é boa. Tem uma colega de 58 anos.
- Sente pressão e preocupação nos momentos de avaliação.
- Ele reuniu a família e disse que queria estudar e foi a filha que o inscreveu. Recebe apoio da família.
- Pensa em acabar o curso daqui a 2 anos.
- No futuro pretende dar o seu contributo para ajudar algumas pessoas.

III. Auscultação sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas

- “Aprender até morrer”.
- As intervenções – universidades seniores, programas universitários - complemen-

tam-se e promovem o envelhecimento ativo.

- Tem amigos que frequentam uma universidade sénior e lhe dizem porque é que ele não os acompanha em vez de andar a “matar a cabeça”, mas o entrevistado considera que pretende um currículo mais exigente.

Considerações finais:

- Motivações: realização pessoal; ideia de ter um curso; desejo de ter a mente ocupada.
- Razão da escolha de estudar numa universidade “tradicional”: gostava de um currículo mais exigente.
- Motivo da escolha da Universidade de Aveiro: deslocação mais fácil.
- Relação com os docentes: aberta, cordial e atenciosa.
- Relação com os colegas: boa.
- Aspiração e razão da escolha do curso: dar apoio a um centro social.

RELATÓRIO DE ENTREVISTA N.º 2

Entrevistada: G.	Idade: 69 anos
Entrevistadora: Marisa Machado	
Data: 30 de abril de 2015	
Local: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro	
Hora: 15h	
Assunto: Aprendizagem ao longo da vida.	

Procedimentos iniciais e finais:

No início:

1. Cumprimentei a entrevistada;
2. Relembrei à entrevistada o meu nome e fiz a minha apresentação;
3. Descrevi as razões por que estava ali, informando, em linhas gerais, sobre o trabalho de investigação;
4. Agradei, antecipadamente, a sua colaboração;
5. Solicitei autorização para gravar a entrevista, em formato áudio, e pedi a permissão para citar os dados recolhidos, garantindo o seu anonimato.

No fim, agradei à entrevistada e cumprimentei-a.

Tópicos abordados:**I. Caracterização pessoal, profissional e social**

- É natural dos Trás-os-Montes. Reside em Aveiro. Não tem filhos nem marido.
- Dedicou-se à vida religiosa e trabalhou como enfermeira nas congregações até 1985.
- A vida religiosa deixou de fazer sentido e pediu licença para sair.

- Em 1987 veio trabalhar para o Hospital de Aveiro, onde a irmã também era enfermeira e exerceu até 2005, ano em que se reformou.
- Teve um momento da vida em que estava a perder a motivação de viver devido a problemas pessoais com origem no fim do relacionamento com o seu companheiro.
- Neste momento, a sua atividade e o seu interesse é vir para a biblioteca e escrever as suas vivências e as suas reflexões, é “pôr para fora e libertar”, através da escrita. Um dia gostava de partilhar.

II. Relação com o sistema de ensino e a Universidade

- Em 2004 fez o complemento de formação em enfermagem, adquirindo o grau de licenciada, uma vez que era titular de um grau de bacharelato. Contudo, adquiriu conhecimentos, mas a nível monetário não sofreu alterações.
- Já reformada, realizou a licenciatura de Psicologia e fez o estágio na Casa Alberto Souto. Terminou a licenciatura e concretizou o 1º ano de mestrado em Psicologia Forense. Iniciou o 2º ano de mestrado, contudo interrompeu. Este ano letivo, inscreveu-se para realizar o 2º ano mas acabou por anular a matrícula. Sentiu vontade de se dedicar ao voluntariado. Considera que há muita necessidade de pessoas voluntárias, nem que seja só para ouvir os outros. Contudo, quer fazer voluntariado apenas onde faça falta e onde se sinta bem.
- O motivo que a levou a estudar foi ter uma ocupação.
- Escolheu o curso de Psicologia para perceber o porquê de atitudes e comportamentos do ser humano, “Porque é que o ser humano é assim?”, “Porque é que o ser humano não é feliz?”.
- Escolheu a Universidade de Aveiro por residir em Aveiro.
- Acha que adaptou-se bem ao ambiente académico, tendo participado nas praxes. Isto porque considera que a praxe é uma prova a que se é submetido para crescerem, para se integrarem melhor. Sentia-se feliz na universidade.
- Em 2013 entrou na Tuna porque gosta de conviver, de cantar e de dançar.
- A relação com os docentes foi normal e maravilhosa. Sentia-se como se estivesse em casa e vinha para as aulas com todo o prazer. Nunca foi tratada de maneira diferente.

- No que concerne à relação com os colegas, fez amigos, sentiu-se integrada e nunca sentiu-se discriminada. Tinha um grupo de seis estudantes e houve uma ligação muito intensa. Era um “bálsamo”.
- Sentiu-se bem em relação à avaliação.
- Como estudante acha que o curso não foi fácil. Na altura em que estudou o plano curricular era mais complexo porque posteriormente houve uma reestruturação do curso.
- A maior dificuldade prendida com a idade foi a memorização.
- Nunca teve apoios da família.
- Pediu ajuda à Linha Universidade de Aveiro (LUA) devido aos problemas pessoais e foi seguida por um psicólogo e por estudantes voluntários.
- As vantagens de ter estudado na Universidade de Aveiro foram a ampliação de conhecimentos e o aumento/desenvolvimento da capacidade de estar com outros, de qualquer idade, e poder ajudá-los.
- Relativamente às aspirações pretende preencher o tempo e dar sentido à vida.

III. Auscultação sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas

- Estar sempre aberta a conhecer mais, qualquer coisa.
- Apesar de ter amigos que frequentam uma universidade sénior, nunca pensou noutras opções a não ser a Universidade de Aveiro porque num grupo de pessoas da mesma idade sente-se diferente, olham para a maneira de ela vestir,
- Considera que a fase da reforma deve motivar as pessoas a desejar algo mais. Para algumas pessoas, é um período de vida muito triste, não precisam de trabalhar, não têm motivos para aprender.
- Tem a opinião de que deve haver uma consciencialização ao longo da vida para que na reforma haja aspirações. As pessoas devem procurar opções, aderir a propostas e integrarem-se para se sentirem úteis.

Considerações finais:

- Motivações: ter uma ocupação.
- Razão da escolha de estudar numa universidade “tradicional”: gosta de estar em

grupos com idades diferentes.

- Razão da escolha do curso: perceber o porquê de atitudes e comportamentos do ser humano.
- Motivo da escolha da Universidade de Aveiro: reside em Aveiro.
- Adaptação ao ambiente académico: sentia-se feliz na universidade e participou nas praxes.
- Relação com os docentes: normal e maravilhosa. Sentia-se como se estivesse em casa e vinha para as aulas com todo o prazer. Nunca foi tratada de maneira diferente.
- Relação com os colegas: fez amigos, sentiu-se integrada e nunca sentiu-se discriminada.
- Dificuldade sentida: memorização.
- Vantagens: a ampliação de conhecimentos e o aumento/desenvolvimento da capacidade de estar com outros, de qualquer idade, e poder ajudá-los.
- Aspirações: preencher o tempo e dar sentido à vida.

RELATÓRIO DE ENTREVISTA N.º 3

Entrevistado: Brasilino da Costa Godinho	Idade: 83 anos
Entrevistadora: Marisa Machado	
Data: 2 de maio de 2015	
Local: Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro	
Hora: 14h 30m	
Assunto: Aprendizagem ao longo da vida.	

Procedimentos iniciais e finais:

No início:

1. Cumprimentei o entrevistado;
2. Relembrei ao entrevistado o meu nome e fiz a minha apresentação;
3. Descrevi as razões por que estava ali, informando, em linhas gerais, sobre o trabalho de investigação;
4. Agradei, antecipadamente, a sua colaboração;
5. Solicitei autorização para gravar a entrevista, em formato áudio, e pedi a permissão para citar os dados recolhidos, garantindo o seu anonimato.

No fim, agradei ao entrevistado e cumprimentei-o.

Tópicos abordados:**I. Caracterização pessoal, profissional e social**

- Natural de Tomar e reside em Aveiro sozinho. Tem dois filhos licenciados em Engenharia.
- A sua carreira profissional foi na área da engenharia civil. No início, foi desenhador da construção civil e frequentou um estágio de 2 anos, sem ser remunerado, na câmara municipal.

- Encontra-se reformado.
- No dia 2 de junho de 2008 faleceu a sua mulher.
- Atividade e interesse: escrita.

II. Relação com o sistema de ensino e a Universidade

- Frequenta o 3º ano do doutoramento em Estudos Culturais.
- Ingressou na Universidade de Aveiro, com quase 77 anos, no curso Línguas, Literaturas e Culturas, em outubro de 2008. Conseguiu à “sexta tentativa”. A primeira foi recusada pelos familiares. As restantes foram devido às responsabilidades familiares.
- Há mais de 60 anos que não estudava. Tentou sempre fixar-se numa cidade onde pudesse dar continuidade aos estudos.
- Passou da licenciatura para doutoramento devido a um requerimento que realizou e o apresentou ao Presidente do Conselho Científico.
- Os motivos que o levaram a estudar foram: estudar na universidade sempre foi um objetivo da vida, foi uma determinação desde a adolescência; valorização pessoal; contribuir para a sociedade.
- Escolheu a Universidade de Aveiro por residir em Aveiro e por ter uma ligação a ela, uma vez que esteve envolvido nos projetos da sua construção.
- A razão da escolha do curso prendeu-se com o seguinte: se enveredasse pela Engenharia Civil não lucrava uma vez que já exerceu esta área, então decidiu escolher outra área - as Letras.
- A adaptação foi fácil. Foi uma sensação agradável quando entrou na primeira aula. Contudo, fez uma comparação relativamente ao estado em que se encontrava relativamente ao estudo, com as carruagens do comboio, em que os colegas iam nas primeiras e ele na última.
- Maiores dificuldades: falta de tempo e a nível financeiro (custo das propinas). Chegou a dormir só 3 a 6 horas por noite para conseguir acompanhar o ritmo.
- A relação com os docentes foi ou razoável ou muito boa. Referiu que cada docente tem a sua maneira de ser.

- Relativamente aos colegas, teve três que lhe fizeram as boas vindas. Fez amigos na Universidade de Aveiro.
- Na primeira aula, pediu para se dirigir aos colegas para dizer que não queria ser tratado de maneira diferente.
- No que concerne à avaliação teve um nível 7 em Latim, nível que nunca tinha tido. Foi uma “desilusão”. Porém, conseguiu ultrapassar e, posteriormente, obteve 16.
- Relatou uma experiência que representa uma “marca indelével” e “impressionante na sua vida: passado um ano da morte da sua mulher, ou seja, no dia 2 de junho de 2009, teve uma prova de exame. Além de ser no mesmo dia também foi à mesma hora da sua morte. Nesta prova era solicitado que realizasse um texto sobre o seu amor e ele passou todo o tempo da prova a chorar.
- Não tem apoios. É lutador e tem perseverança.
- As vantagens de ser estudante são: viver experiências interessantes; soma de conhecimentos; mais habilitado para dar um contributo à sociedade.
- Espera acabar o doutoramento em dezembro de 2015.
- Após a finalização do curso gostaria de lecionar.
- Para a melhoria da Universidade de Aveiro sugere que seja facultado aulas de Português para os estudantes das ex-colónias.

III. Auscultação sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas

- Deve-se aprender ao longo da vida.
- A sociedade está a desperdiçar a experiência e o conhecimento dos idosos.
- Conflito de gerações.
- Deveria haver a promoção de atividades entre as gerações e uma orientação política e administrativa no sentido de aproveitar o conhecimento dos mais velhos.
- Relativamente às universidades seniores, o entrevistado citou palavras já suas, ditas anteriormente. A saber:

“... a ideia de os adultos reunidos nas designadas universidades seniores, antecipo o reparo de que tais agrupamentos de ocupação de tempos livres e entretenimento

de idosos poderão ser tudo que lhes queiram chamar, mas nunca universidades...”

“A denominação universidade sénior é descabida e censurável sob o ponto de vista sociológico. Mais: um grosseiro erro de semântica e releva um bacoco pretensiosismo e uma intolerável impostura. Tenha-se em atenção que Universidade é uma instituição de ensino superior, científico, dedicada à investigação e que confere graus académicos de conhecimento nas áreas das Ciências e Humanidades”.

Considerações finais:

- Motivações: estudar na universidade sempre foi um objetivo da vida, foi uma determinação desde a adolescência; valorização pessoal; contribuir para a sociedade.
- Razão da escolha do curso: outra área do seu interesse e diferente da área da sua carreira profissional.
- Motivo da escolha da Universidade de Aveiro: local de residência e ligação devido aos projetos da sua construção em que esteve envolvido.
- Adaptação ao meio ambiente: fácil.
- Relação com os docentes: ou razoável ou muito boa.
- Relação com os colegas: recebeu as boas-vindas e pediu para ser tratado de forma igual.
- Dificuldades: falta de tempo e a nível financeiro.
- Vantagens de ser estudante: viver experiências interessantes; soma de conhecimentos; mais habilitado para dar um contributo à sociedade.
- Aspiração: lecionar na universidade.

RELATÓRIO DE ENTREVISTA N.º 4

Entrevistado: Manuel Anselmo Figueiredo Gomes Vieira	Idade: 67 anos
Entrevistadora: Marisa Machado	
Data: 2 de maio de 2015	
Local: Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro	
Hora: 16h	
Assunto: Aprendizagem ao longo da vida.	

Procedimentos iniciais e finais:

No início:

1. Cumprimentei o entrevistado;
2. Relembrei ao entrevistado o meu nome e fiz a minha apresentação;
3. Descrevi as razões por que estava ali, informando, em linhas gerais, sobre o trabalho de investigação;
4. Agradei, antecipadamente, a sua colaboração;
5. Solicitei autorização para gravar a entrevista, em formato áudio, e pedi a permissão para citar os dados recolhidos, garantindo o seu anonimato.

No fim, agradei ao entrevistado e cumprimentei-o.

Tópicos abordados:

I. Caracterização pessoal, profissional e social

- Natural de Sarrazola, Cacia e vive em São Bernardo com a mulher. Tem duas filhas.
- Curso industrial de serralheiro.
- Trabalhou em diversos países – Angola, Argélia, Brasil e Portugal.
- Na terra de onde é natural sentiu xenofobia por ser engenheiro através de uma universidade do Brasil.

- Atividades: cuida da horta e é professor e aluno numa universidade sénior.

II. Relação com o sistema de ensino e a Universidade

- Frequenta o doutoramento em Engenharia Civil.
- Em 1986, com 38 anos, entrou na universidade no Brasil para estudar o curso de Engenharia Civil.
- Em 1999 conseguiu equivalência plena das cadeiras do curso de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro.
- No ano letivo 2013/2014 ingressou no Mestrado Integrado em Engenharia Civil, no 2º ano, a fim de realizar a tese. Concluiu em julho de 2014 com a avaliação de 16 valores.
- Os motivos que o levaram a estudar, em Portugal, foram: inscrever-se na Ordem dos Engenheiros e para ajudar o genro, que é projetista e como não é licenciado não pode assinar os projetos.
- A adaptação ao ambiente académico foi fácil porque é uma pessoa extrovertida.
- A relação com os docentes é boa.
- A relação com os colegas é excelente. Fez amigos na Universidade de Aveiro.
- Maior dificuldade: o pagamento das propinas.
- Espera acabar o curso em 2017.
- No futuro pretende colaborar na sociedade, ser voluntário e cuidar da “horta”, o jardim do seu prédio.
- As sugestões de melhoria da Universidade de Aveiro apresentadas foram: a universidade precisava de mais dinheiro; deveriam incrementar a parceria com a indústria; deveriam receber uma comparticipação pelos trabalhos realizados a outrem e por último, deveria haver uma articulação mais livre entre os departamentos e os seus diretores, uma vez que existem uma série de departamentos com boas condições.

III. Auscultação sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas

- Exerce voluntariado na Universidade Sénior de Cacia. É professor e aluno.

Considerações finais:

- Atividades: cuida da horta e é professor e aluno numa universidade sénior.
- Motivações: inscrever-se na Ordem dos Engenheiros e para ajudar o genro.
- Adaptação ao ambiente académico: fácil porque é uma pessoa extrovertida.
- Relação com os docentes: aberta, cordial e atenciosa.
- Relação com os colegas: boa.
- Maior dificuldade: o pagamento das propinas.
- Aspirações: colaborar na sociedade, ser voluntário e cuidar da “horta”, o jardim do seu prédio.

RELATÓRIO DE ENTREVISTA N.º 5

Entrevistado: C.	Idade: 68 anos
Entrevistadora: Marisa Machado	
Data: 14 de maio de 2015	
Local: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro	
Hora: 16 h	
Assunto: Aprendizagem ao longo da vida.	

Procedimentos iniciais e finais:

No início:

1. Cumprimentei a entrevistada;
2. Relembrei à entrevistada o meu nome e fiz a minha apresentação;
3. Descrevi as razões por que estava ali, informando, em linhas gerais, sobre o trabalho de investigação;
4. Agradei, antecipadamente, a sua colaboração;
5. Solicitei autorização para gravar a entrevista, em formato áudio, e pedi a permissão para citar os dados recolhidos, garantindo o seu anonimato.

No fim, agradei à entrevistada e cumprimentei-a.

Tópicos abordados:

I. Caracterização pessoal, profissional e social

- A nacionalidade é brasileira e atualmente está a morar na residência universitária do Porto.
- O marido e os 2 filhos encontram-se no Brasil.
- Encontra-se aposentada mas ainda continua a lecionar. É professora do curso de Biblioteconomia, numa Universidade do Brasil.

- Gosta de fazer caminhadas, de ir ao cinema, de ir ao teatro.

II. Relação com o sistema de ensino e a Universidade

- Frequenta o 2º ano do doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD). Este doutoramento é lecionado, em parceria, pela Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, e pela Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Os motivos que o levaram a estudar, em Portugal, foram: sempre gostou de estudar e desejou realizar o doutoramento numa universidade em Portugal porque tem antecedentes portugueses e sempre quis conhecer o país. Este desejo já vem dos anos 80, contudo surgiram barreiras familiares. Isto é, primeiro teve que tomar conta dos filhos e depois teve que cuidar da mãe que se tornou dependente.
- A razão da escolha da área foi devido ao facto de estar ligado ao curso em que trabalha no Brasil e tem um colega que já fez o doutoramento em ICPD.
- A adaptação ao ambiente académico não foi fácil.
- Relativamente à relação com os docentes, atualmente, encontra-se a ter uma boa relação com o seu orientador.
- A entrevistada considera que alguns docentes devem inovar os métodos de ensino. Por conseguinte, não devem apenas “mandar” realizar tarefas. Na opinião da entrevistada, os docentes devem discutir textos e opiniões.
- A relação com os colegas é boa e não sentiu discriminação. Fez amigos em Portugal.
- A entrevistada sentiu-se injustiçada em relação à avaliação, referindo que os portugueses têm sempre melhor notas do que os brasileiros.
- Quando tomou a decisão de realizar o doutoramento em Portugal, teve o apoio de toda a família excepto do filho mais velho. Contudo, ele já ultrapassou devido ao facto de ela ser hipertensa e agora já conta com o seu apoio.
- As sugestões de melhoria da Universidade de Aveiro apresentadas foram: a realização de workshops, por forma a ajudar aos estudantes estrangeiros a adaptarem-se melhor; workshops para docentes sobre inovadoras metodologias de ensino.
- As vantagens são adquirir novas aprendizagens e novos conhecimentos, conhe-

cer pessoas e outro mundo.

III. Auscultação sobre a aprendizagem ao longo da vida e as intervenções educativas

- A entrevistada considera que não há idade para aprender. Inclusive, quando terminar este doutoramento, quer ingressar noutro curso.
- A aprendizagem e o lazer devem estar presentes ao longo da vida.
- A entrevistada considera a temática da Educação ao longo da vida muito pertinente e tem a opinião de que os trabalhos deviam ser divulgados para que as pessoas na casa dos 70 e 80 anos não pensem só na morte.

Considerações finais:

- Atividades: fazer caminhadas, ir ao cinema, ir ao teatro.
- Motivações: sempre gostou de estudar e desejou realizar o doutoramento numa universidade em Portugal porque tem antecedentes portugueses e sempre quis conhecer o país.
- Razão da escolha da área do curso: ligação ao curso em que trabalha no Brasil e tem um colega que já fez o doutoramento em ICPD.
- Adaptação ao ambiente académico: não foi fácil.
- Relação atual com os docentes: boa.
- Relação com os colegas: boa.
- Relação com a avaliação: apresentou situações de injustiça.
- Maiores dificuldades: a distância familiar.
- Vantagens: adquirir novas aprendizagens e novos conhecimentos, conhecer pessoas e outro mundo.
- Sugestões de melhoria para a Universidade de Aveiro: realização de *workshops* destinados aos estudantes estrangeiros para uma melhor adaptação e *workshops* para docentes sobre inovadoras metodologias de ensino.
- Aspirações: continuar a estudar, ingressando noutro curso.

Anexo 5

Entrevistado: A.

Idade: 68 anos

Sexo: masculino

Data: 28 de abril de 2015

Local: Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

Hora: 16h 30m

“Investigadora – Pode falar um pouco sobre si?”

A. – Especializei-me na viticultura, tirei o curso de adega e um curso intensivo de vinificação e fabricação de vinho. Tirei o curso de prova e reestruturei as minhas vinhas, uma quantidade de hectares que tinha. Reduzi e fiz vinhas novas, com novas castas também, embora na Bairrada, portanto, é a Baga mas usei outras castas. Tenho máquinas e isso tudo, só que, entretanto, tive cancro da próstata e tive que ser operado e fazer radioterapia. Isso de certo modo, veio influenciar e veio-me impossibilitar andar muitas horas em cima do trator. Embora tenha um assento especial pois a radioterapia queimou-me o reto. Há três ou quatro anos tive um enfarte de miocárdio e tenho células necróticas no ventrículo esquerdo. Mas por enquanto mantenho toda a atividade, também tenho pessoal assalariado que vai lá fazer uns dias e eu vou fazendo o que posso desde que vim para aqui. Mas depois pensei: Parece-me que está a faltar qualquer coisa. Está-me a faltar qualquer coisa... Não vou poder continuar, pelo menos com esta parte da vinha, até porque era para avançar em engarrafar e não sei quantos. E a minha filha e o meu genro tem um *sítio* de vinhos com mais três sócios (...), algo no turismo mas depois, portanto, vieram fazer o curso de provas a estação vitivinícola de Anadia comigo onde também eu tirei o curso. E hoje são convidados para as provas de espumantes, vinhos do Douro, Centro e do Sul. (...)

Investigadora – Interessante...

A. – Mesmo aqui em Anadia onde tirou o curso, na estação vitivinícola, tem-na indicado a ela para vir ao museu do vinho na Bairrada.

Investigadora – Em Anadia?

A. – Sim, para ser provadora, lado-a-lado dos indivíduos, os enólogos e pronto. E então, eu pensei: Então eu e se me fosse candidatar, porque eu em 1969, estava a fazer física e matemática no antigo sétimo ano pois era para entrar logo na Universidade. O meu curso era Medicina. (...) Entretanto, eu tinha pensado nisso ao longo dos anos, estou reformado há dezasseis anos mas quando entrei no banco em 1974, tive que ir para Lisboa também, já que, não havia vagas mais perto. Então, eu tinha uma certa mágoa em não acabar o meu curso. Então pensei muitas vezes mas não tinha disponibilidade, para já, pois quando fui para Lisboa já tinha uma filha com meio ano. Entretanto, tinha que me deslocar no domingo a noite ia para Lisboa, na sexta-feira à tarde vinha para cima e andava nisto sem disponibilidade nenhuma para continuar. Inclusive, nós naquele tempo era até as seis e meia o trabalho, e eu, aproveitava como estava numa casa em que jantava até mais tarde, fazia mais duas horas extras que me dava mais algum dinheiro ao fim do mês que o ordenado normal. Depois entretanto, vim para Anadia e arranjam uma vaga para Anadia. Começaram as transferências e a abrir balcões em vários lados... Eu estava no BES, concretamente, e vim então para Anadia. Em Anadia também voltei a pensar, mas como tenho um estabelecimento (...) em minha casa que até da parte dos meus sogros, onde agora até está a minha esposa. E noutro, está a minha irmã que era dos meus. Portanto estão ao lado uma da outra e tem café e mercearia. ...Desenvolvemos o estabelecimento, mas hoje o negócio está mais difícil por causa das grandes superfícies. Mas naquele tempo dava bom dinheiro. ...O que é que aconteceu era que, no mínimo, pelo menos três vezes por semana, no final do meu dia de trabalho no banco tinha que ir buscar mercadoria com a minha esposa. Escolhermos os produtos, carregarmos na carrinha e depois chegar a casa e descarregar...

Investigadora – Chegar, descarregar, colocar nas prateleiras...

Entrevistado – Sim, marcarmos os produtos todos, e isso, quer dizer, às vezes, era uma e duas horas (da manhã) e eu sendo direta sem dormir. Para além das outras atividades que eu tinha. Assim não tinha grande chance...

Investigadora – Não tinha tempo livre...

A. – Entretanto, com as doenças, e os meus sogros também faleceram e fiquei eu só e a minha esposa que a minha filha está lá em Lisboa (...). Os dois formaram-se na Universidade do Minho em Informática de Gestão. Eles estavam na Novis e Op-

timus, que agora é a NOS. E lá estão por Lisboa, vêm cá de quinze em quinze dias e tenho um netito com cinco anos.

Investigadora – É uma filha que tem?

A. – Sim, uma filha e tem agora quarenta e um anos. Então, um dia lembrei-me e reuni a família e disse: Epá, e se fosse para a Universidade? Acho que era uma boa ideia. Então, andei a ver, Coimbra, Aveiro... Conhecia bem Coimbra, estive lá a estudar, antes de vir para o Colégio Nacional para Anadia estive lá no Colégio D. Joao III onde tinha as minhas habilitações. Foi até, por causa disso, que me abriu mais os olhos quando fui buscar o certificado de habilitações ao antigo D. Joao III. Porque estava a pensar que tinha que fazer o décimo segundo ano e, inclusive, fui-me informar à Escola Secundária de Anadia e da Mealhada para as Novas Oportunidades. Mas fui informado que não vai funcionar e tal... (...). Precisei do certificado de habilitações para apresentar num curso que fui fazer de aplicação de produtos fitofarmacêuticos e assim fui a Coimbra ao antigo D. Joao III e pedi. E passado uns dias fui lá buscá-lo e a senhora que lá estava olhou para o certificado e disse: Então o senhor, desde 1968 com estas habilitações e não acabou o curso, porquê? Eu respondi: São circunstâncias da vida, olhe... Fui apanhado na revolta estudantil, (...), fui obrigado a assentar praça. Portanto estava a fazer física e matemática, era o que me faltava... Pronto de maneira que fui chamado para a tropa, fui tirar o curso de sargentos, nem para oficial fui com as habilitações que tinha. (...) Vim para Leiria e Caldas da Rainha, andei sempre longe. Depois fui para Tavira tirar o curso de sargentos, de Tavira vim para Leiria onde estive a dar recrutas. Ao fim de dois ou três recrutas, o meu comandante disse para deixar a instrução de armamento (...) e ir trabalhar com ele. Eu não queria deixar a instrução (...) pois assim ao sábado quando acabava a instrução podia vir embora. Mas ele lá insistiu comigo (...) e acabei por ir para a secretaria regimental. Passado aí, um mês e meio, recebo a mobilização (...) e fui repescado para ir dois anos para a Guiné. (...), não fui para o mato, fui para Bissau substituir um colega furriel na secção de contabilidade. Embora estivesse ali duas semanitas quase vai e não vai para o mato só que as chefias militares não permitiram. (...) Vim de lá já com vinte e cinco anos, já namorava há uns três ou quatro anos. (...) pensei, vou acabar o curso ou não vou, mas seriam mais cinco anos, no mínimo, a estar dependente dos meus pais (...) Vim para bancário, estive em Lisboa durante os anos 70, depois vim para Anadia e atualmente estou reformado.

Investigadora – Reside em Anadia?

A. – Em Vila Nova de Monsarros, não sei se conhece mas é uma aldeia entre Luso e Anadia.

Investigadora – Sim, sim, conheço bem. Eu estudei no Colégio de Famalicão.

A. – Então a minha filha fez lá o décimo segundo ano e tem as amigas lá (...). Eu andei no Colégio Nacional lá em Anadia.

Investigadora – Esse colégio é em Mogofores?

A. – Não, não, era mesmo em Anadia. Agora é a escola secundaria. (...), na altura havia internato e externato, mas eu fiquei como externo porque vivia perto e até ia de bicicleta. Fazia dez ou doze quilómetros por dia...

Investigadora – Até Anadia, pois, não havia transportes...

A. – Não havia transportes, não havia tanto trânsito, (...) portanto era à chuva ao sol, não havia as condições que há hoje. Então, o meu percurso foi este... Quando a senhora me diz, e estávamos a falar no D. Joao III quando fui buscar o certificado de habilitações, (...), o senhor com estas habilitações não precisa de fazer o décimo segundo. Pode candidatar-se através do regime de maiores de vinte e três anos. (...) Já podia ter feito isso quando me reformei mas não me fui informar. Pronto, está bem, a partir daí parece que se abriu uma luz no cérebro e falei, reuni a família... A minha filha inscreveu-me em Aveiro (...), é o meu distrito mas não é só isso, a deslocação é mais fácil para Aveiro, em meia hora estou aqui e depois o estacionamento junto a faculdade é fácil. Eu não vinha para Gerontologia, mas para Psicologia. Tinha que fazer Biologia e Filosofia. Filosofia, que já tenho feito desde 1968. A minha ideia era dar apoio num centro social ou num lar (...). A senhora que está nas candidaturas disse que está aqui um curso moderno e o senhor diz à sua filha para dar uma espreitadela para Gerontologia. E assim foi. A minha filha analisou e disse-me: “_ Pai é mesmo isto que tu queres e só tens que fazer Biologia.” Resultado: Ela inscreveu-me para fazer o exame de acesso de Biologia e eu vim fazer o exame, na boa, ou entro ou não entro. Tenho um grupo de colegas formados em que temos sempre marcado um encontro mensal e manifestei-lhes a minha intenção. Dois deles estão na Universidade Sénior da Curia e eles disseram-me: Agora nesta idade é que te vais meter nisso, tens alguma necessidade disso... Vens para a Universidade Sénior e tal...

Investigadora – O senhor então, tem amigos a frequentar na Universidade Sénior da Curia?

A. – Tenho, tenho. Mas gostava de um currículo diferente, mais rico...

Investigadora – Um currículo mais exigente, talvez?

A. – Sim, mais exigente. (...) Olhe vim fazer Biologia e, para o curso de Gerontologia, obtive a melhor nota de 2014. Havia duas vagas e entrei. Portanto, a minha experiência é relativamente pouca ainda, a experiência académica em si... Acabei o primeiro semestre com três cadeiras feitas.

Investigadora – Como foi a adaptação? Foi fácil adaptar-se à Universidade?

A. – Não foi assim difícil e ainda estou a adaptar-me.

Investigadora – É o primeiro ano...

A. – Sim, quase tudo para mim ainda é novo. Para o ano como tenho estatuto trabalhador-estudante já não venho tão frequentemente como tenho vindo, já que venho praticamente todos os dias, o que é um bocado cansativo, não é, deslocar-me todos os dias. Para o ano possivelmente irei adaptar-me melhor, nem virei tantas vezes às aulas, será mais aos testes... Mas ainda estou a aprender, é o primeiro ano.

Investigadora – Como é que se sentiu em relação, por exemplo, aos seus colegas de turma?

A. – Têm dezoito anos ou dezanove anos, há uma senhora com cinquenta e oito anos que trabalha num lar da Santa Casa que coincide numa ou duas cadeiras, mais uma ou outra também. São apenas duas ou três assim com mais idade (...), mas a maioria tem menos de vinte anos. A turma é, salvo erro, composta por vinte alunos e portanto, a relação tem sido muito boa com eles. Eles todos desde a minha entrada cá, apoiaram-me em cem por cento e continuam a apoiar-me em tudo.

Investigadora – Muito bom...

A. – Para mim foi uma experiência boa, tem sido sempre uma experiência boa.

Investigadora – Sentiu alguma dificuldade, sentiu algum desafio, tem alguma experiência menos boa que queira contar?

A. – Por enquanto não tenho experiências menos boas ou negativas. Quer dizer, obriga-me a maior esforço porque tenho mantido as minhas atividades e estou a

supervisionar as pessoas que trabalham para mim. Hoje estou aqui e tenho lá as pessoas por minha conta. A minha esposa está só e portanto, tem o negócio e nunca se dedicou muito à parte agrícola mas lá vai dando o apoio dela e temos conciliado a coisa assim.

Investigadora – Tem o apoio da sua mulher em relação ao estudo que está a realizar na Universidade?

A. – Pois, antes de vir, antes de me candidatar, a primeira coisa que fiz foi reunir a família e dar a conhecer isto e saber se achavam bem. (...) A minha filha é que inscreveu e inscreveu-me logo nas cadeiras todas. Nem sequer foi como trabalhador-estudante, eu depois é que descobri que, como me tive que coletar por ser agricultor, posso beneficiar do estatuto de trabalhador-estudante. E ainda alterei o estatuto dentro do prazo porque era uma sobrecarga muito grande para mim pois se faltasse muito podia chumbar por faltas... E pronto, tenho ido ultrapassando a coisa assim. Daqui a pouco estamos no final do segundo semestre e vamos ver...

Investigadora – Tem conseguido conciliar a sua vida de estudante com a sua vida social, com os seus amigos, com a sua família?

A. – Claro que eu tinha uma atividade que era, portanto, com uma parte desportiva, cultural e até política desde muito novo. Fui atleta, dirigente mas agora não tenho disponibilidade para isso, não é.

Investigadora – Mas já tinha deixado essas atividades antes de ser estudante? Ou deixou agora por ser estudante?

A. – Não, não deixei agora. Já deixei antes porque foram muitos anos de teatro (...), sou sócio-fundador de uma associação desportiva que fez agora cinquenta e dois anos e no qual eu dei um impulso grande. (...) Reconvertemos tudo, campo novo para ter as medidas aprovadas pela distrital de Aveiro, cedemos um terreno para implantação de um pavilhão gimnodesportivo que foi construído pela Câmara... e portanto, eu e a minha esposa, dentro da associação temos um grupo de teatro muito bom sempre com várias peças de renome em exibição. E portanto, eu era um individuo que andava sempre e era tudo às nossas custas. (...) Estas atividades não posso mantê-las não é. Sou sócio e gosto mas, pronto, a saúde obrigou-me também a deixar.

Investigadora – Então, antes de se inscrever como estudante já tinha deixado de participar nessas atividades?

A. – Ora pois, já me tinha desligado disso, pois a ultima vez foram cinco anos, mas antes também tinha tido um percurso de dezassete ou dezoito anos. Só no tempo de tropa é que não participei.

Investigadora – Quais eram as suas expectativas quando concorreu para a Universidade?

A. – As minhas expectativas era precisamente a realização pessoal. Era poder, enfim, dar um apoio lá no centro social, já que até temos vários no concelho. Sem fins lucrativos, quer dizer, sem a a preocupação de emprego e, estar ocupado, com a minha mente ocupada.

Investigadora – Os principais motivos que o levaram a frequentar a Universidade foram estes que me acabou de dizer: A realização pessoal, ocupação da mente...?

A. – Sim, sim. Porque de resto as outras atividades as mantenho e possivelmente não irei mante-las muito mais tempo porque também já começa a pesar e as doenças e tudo...

Investigadora – Conhece o Jornal da Bairrada?

A. – Sim, a minha filha é correspondente. Escreve para o Jornal da Bairrada. Chama-se Ana Martins.

Investigadora – Costuma ler o Jornal? Leu a edição da semana passada?

A. – Eu era assinante do Jornal, mas agora como a minha filha é correspondente, o jornal vai lá ter a casa sem pagar.

Investigadora – Eu li o Jornal da semana passada e pensei em si, pois já tinha visto que o seu curso era Gerontologia. O Jornal da Bairrada da semana passada fala sobre esta profissão, gerontólogos. Há uma necessidade de pessoas com esta formação especializada para dar apoio aos centros, que há necessidade e é preciso pessoas com este tipo de formação.

A. – Pois sim, é preciso pessoas com este tipo de formação e inclusivamente para os idosos, há mesmo necessidade. Precisam de gente com conhecimento para serem apoiados nas famílias, com os filhos, com os amigos... E essas pessoas que cuidam de outras também precisam de ser ajudadas porque é uma sobrecarga muito grande para eles.

Investigadora – Está a haver um envelhecimento demográfico, o número de pessoas mais velhas está a aumentar em relação às mais novas...

A. – Temos uma população cada vez mais envelhecida e segundo as previsões, vai aumentar.

Investigadora – Qual é a sua opinião em relação à autora Maria Joao que tem um livro chamado “Envelhecimento Demográfico da Sociedade Portuguesa”, onde ela diz que, antigamente existia três fases do ciclo da vida. O primeiro, a formação, o segundo era a vida ativa quando se desenvolvia uma carreira laboral, profissional, e a última fase chamada reforma, dedicada só ao lazer. Mas ela agora propõe uma nova fase...

A. – Envelhecimento ativo, é o que a senhora está a dizer...

Investigadora – Precisamente, envelhecimento ativo...

A. – Pois, é mesmo essa a nossa estratégia e um gerontólogo que se preze tem que saber isso exatamente.

Investigadora – Qual é a sua opinião? Acerca de a formação ter de ser ao longo da vida?

A. – Tive a oportunidade já de aprender isso dos diferentes estádios ao longo da vida, desde a infância, desde que nascemos... e há o Piaget, o Freud, o Erikson, todos com as suas teorias. Mas também há outras teorias em que o desenvolvimento não se resume a estádios mas sim ao desenvolvimento ao longo da vida. Portanto, através das experiências de vida e tudo isso. Eu acredito nessa via e então, neste caso o envelhecimento deve ser um envelhecimento ativo. Temos de saber criar estratégias para manter as pessoas idosas com uma certa atividade e uma certa autonomia. E evitar a todo custo que as pessoas entrem numa instituição, porque uma instituição é diferente... Para mim é quase como um último recurso. Enquanto as pessoas tiverem uma autonomia e se puderem, pronto, cuidar dos seus próprios cuidados de higiene e fazer por si essas coisinhas todas e tal, é preferível. Estar no meio familiar é o essencial. É claro, que, depois há muitos casos que já não poder ser e há as tais instituições, que também sou a favor disso, mas será como já disse o último recurso.

Investigadora – O tempo que esteve afastado do ensino foi desde que acabou o antigo sétimo ano até agora, até entrar na Universidade? Esteve este tempo todo afastado?

A. – Exato, exato. Bem eu tive vários cursos e quando estava no banco fiz vários cursos no âmbito do banco.

Investigadora – Fez várias formações na área do banco...

A. – Sim, contabilidades, análise de balancos, relações humanas, informáticas, garantias bancárias...

Investigadora – Portanto, cursos relacionados com a carreira...

A. – E não só. Tive gestão.... Mas sim, tudo por conta do banco e tinha que vir a Aveiro, Ílhavo, Anadia... Enfim, tínhamos muita formação. E sim, a parte que envolveu estudo foi essa. De resto, estudos em si nunca mais tive...

Investigadora – Pois, nunca mais teve tempo para conciliar entre a sua vida profissional, a sua vida familiar...

A. – Pois, pois e tendo ainda a atividade comercial que tinha em casa. (...) Já tratei da reforma da minha esposa, da minha irmã que também já tem quarenta e dois anos de descontos e já sei que também já está definida. (...)

Investigadora – O senhor agora vive só com a sua mulher?

A. – Vivo porque a minha filha está lá em baixo (...) mas está com vontade de vir para cima porque está com um projeto de reconstrução de uns moinhos que temos e que eram do meu sogro. (...) E ela está com vontade de avançar com um projeto de enoturismo e mesmo de turismo rural e gostam muito cá desta zona. O marido é lá de baixo de Anadia e também é filho único como ela e também gosta e apoia. (...) E assim estou por cá com a minha esposa e ao lado da minha irmã que está sozinha. Faleceram os meus pais e os meus sogros e eu estou a unir e gerir os dois estabelecimentos. (...)

Investigadora – O senhor é um bom exemplo do envelhecimento ativo, é um promotor, não se deve parar, deve-se ter sempre objetivos na vida...

A. – Tudo fruto, precisamente, da evolução da minha doença, e agora tenho de ser sempre controlado e com a idade vamos tendo cada vez mais problemas.

Investigadora – Tem um círculo de amigos, em que alguns deles estão a frequentar a Universidade Sénior da Curia?

A. – Sim, sim...

Investigadora – Foi lá que também já fiz uma pequena investigação sobre os professores...

A. – Como sou dali também fui lá para ver e saber o modelo curricular mas não me interessou. Para entreter e passar o tempo é fantástico, é mesmo muito bom. Só que preferi entrar em Aveiro porque ficou sempre aquela sensação de fazer uma licenciatura que tanto queria... Fui apanhado assim a meio, eu e dezenas e dezenas de rapazes como eu. O meu colega de carteira foi com o primeiro ano de universidade para Angola e eu fui com o sétimo ano para a Guiné. Mas ele veio com força e continuou a estudar e foi professor de Matemática. Casou com uma professora, mas aos quarenta e um anos, estava de férias no apartamento da Figueira da Foz, caiu para o lado e morreu. Tenho mais dois colegas desse tempo que eram médicos e também já se foram... Olhe, eu vim da Guiné traumatizado. Porque já não contava ir para a Guiné nem nada, e depois o stress da guerra, o clima... Eu vim psicologicamente em baixo, muito em baixo mesmo. Estava ainda dependente dos meus pais e não me parecia bem naquela altura ir estudar. Fui trabalhar e olhe, agora estou aqui. Isto é o início, não sei como isto vai terminar... Mantenho o estímulo que são três anos...

Investigadora – Pensa acabar daqui por dois anos...

A. – Sim, acabar... Pois, mas que exige muito esforço, muito trabalho. Agora estudo mais, dantes estudava um bocadinho antes dos exames e pouco mais. O meu colega de carteira (...) dizia muitas vezes que não entendia como é que eu andava sempre nos bailaricos e chegava aos exames e tirava notas tao boas ou melhores que ele...

Investigadora – Tinha boa memória...

A. – Talvez, ou estava com um bocadinho mais de atenção, não sei. Agora exige de mim muito mais capacidade de estudo, mais tempo de estudo... e portanto, ultimamente, assim que vim para a universidade, praticamente toda a atividade que tinha passou para trás (...).

Investigadora – Já pensa muito nos riscos?

A. – Sim, claro. Não posso andar nas máquinas, não posso apanhar calor... Tenho deixado e vou ter que deixar, não é? Se não posso tenho que me dedicar para outro lado e tentar manter a minha mente ocupada e procurar realização pessoal.

Investigadora – Que vantagens é que acha que pode depois vir a obter com estes estudos que está a realizar?

A. – Não posso ainda nem consigo avaliar, mas pelo menos julgo que no aspeto cognitivo será importante para mim. Depois no futuro logo se vê, quer dizer, pode ser apenas para realização pessoal mas também pode ser para ajudar alguma instituição.

Investigadora – Em relação aos docentes, como é que se sentiu, devido à diversidade de idades que existe?

A. – Olhe, tenho sido muito apoiado e temos uma relação que, de certo modo, no meu tempo julgo que não seria assim... Uma relação muito aberta e muito cordial. São muito atenciosos e não fazem mais porque não podem. É tal e qual como a relação que tenho com os meus colegas de dezoito anos. Quando vim à entrevista fizeram-me uma pergunta relativa a isso (...) que foi: Como é que o senhor se sente sabendo que vai lidar com colegas de turma de dezoito ou dezanove anos? Olhe muito fácil, porque são colegas e de facto, tem sido fantástico. O relacionamento com eles é muito bom e por agora não tenho nada a dizer.

Investigadora – Isso é muito bom...

A. – Sim, sabe que as expectativas deles são diferentes das minhas. Eles pensam na carreira profissional, no trabalho e eu, já não estou tao focado nisso e estou mais liberto disso.

Investigadora – Como é que se sente em relação à avaliação? Qual é a sua relação, como é que se sente, qual é a sua experiencia em relação aos momentos de avaliação?

A. – Ouça, já se sabe que os momentos de avaliação tem sempre tensão, mesmo nós com mais experiência sentimos sempre alguma pressão. Não são só aos novos e portanto, quem quer fazer um bocadinho as coisas como deve ser e para o resultado também tem que se preparar um bocadinho...

Investigadora – Sim, quando queremos apresentar melhores resultados há sempre uma maior preocupação...

A. – Sim, a minha experiencia é essa e até nas atividades académicas existe pressão... (...). Ainda não participei em nada extra (...).

Investigadora – Então, por enquanto ainda não participou nas atividades da Universidade de Aveiro mas pode ser que no futuro participe (...).

A. – Agora até se vê cada vez mais pessoas das nossas idades a frequentar as nossas universidades...

Investigadora – Sim, está a aumentar...

A. – (...) um senhor, que está a fazer um mestrado e tem oitenta anos. Era topógrafo. Em Viana do Castelo foi um de setenta e um anos. Na Universidade da Beira Interior andam mais de cinquenta.

Investigadora – Estão, estão a aumentar. Também na Universidade de Aveiro estão a aumentar de ano para ano. Está a aumentar a inscrição de pessoas com mais de setenta anos e que, eu acho, que são casos dignificantes e exemplares porque é preciso ultrapassar alguns desafios...

A. – Pois, vencer muitas barreiras e às vezes, até algumas familiares. Mas não só, mas não só. As mentalidades são, são mentalidades (...), começou logo nos meus colegas (...), a dizerem se tens alguma necessidade na tua posição... Expliquei que era o meu objetivo e que era para estar ocupado (...), se entrar, entrei, se não...

Investigadora – E eles têm perguntado como tem estado a correr a experiência aqui na universidade?

A. – Sim, sempre, sempre, sempre. (...) Tem sido muito bom, muito bom. Tenho tido um apoio muito grande dos colegas (...) que me acompanharam sempre os professores estão sempre disponíveis.

Investigadora – Acha que alguns dos seus amigos poderá ter vontade de se inscrever e seguir o seu exemplo?

A. – Não sei, não sei... Possivelmente os do meu tempo já não...

Investigadora – É preciso ter vontade...

A. – Pois... Não quer dizer que não tivessem até capacidade só que é precisamente, ter realmente uma certa vontade. E é preciso trabalhar bastante. Eles disseram logo que isto não é nenhuma brincadeira.

Investigadora – Sim, claro. Este curso no fim garante-lhe uma certificação, enquanto a frequência nas universidades seniores é uma ocupação de tempo onde podem, também, fazer atividades educativas mas não há certificação. É uma aprendizagem não formal onde não há certificação. Qual é a sua opinião sobre essas universidades seniores?

A. – Acho que são muito boas. Por aquilo que me dá para perceber também tem muitas atividades onde até se aprende música e outras coisas. Acho que é muito bom, precisamente, lá está, é o tal envelhecimento ativo, não é. Eu sei isso porque conheço pessoas formadas que estão lá a dar aulas e é muito importante (...) manterem as pessoas idosas com distração, com uma ocupação, o próprio convívio que é muito salutar. Isto que tomei foi uma opção diferente, uma opção minha...

Investigadora – Acha que há algum tempo que é melhor para aprender, ou qualquer altura da vida é boa para aprender?

A. – [Ri] Eu ainda sou do tempo que se dizia que se devia aprender até morrer. E julgo que até está atualizado. Nós estamos sempre a aprender, nunca é tarde...

Investigadora – Também partilho dessa opinião...

A. – Só que, isso implica um grande esforço e uma grande luta e uma força de vontade... (...), só a deslocação já é muito cansativa e acompanhar as matérias é muito exigente.

Investigadora – Acha que estas modalidades de ofertas, como a universidade sénior, a Universidade de Aveiro, também há universidades que tem programas universitários que impõem uma idade ou uma determinada escolaridade, por exemplo, a Universidade do Porto tem um programa universitário para pessoas com mais de cinquenta anos... Acha que estas modalidades que existem, estas opções são complementares ou excluem-se uns aos outros? Qual é a sua opinião em relação a esta oferta?

A. – Cada um tem a sua metodologia e está inserido precisamente na temática atual que é o envelhecimento ativo. Julgo que, no fim de contas, também para muita gente já não interessa o certificado. Também não é isso que me está a preocupar, mas, portanto, o esforço e a exigência numa universidade sénior não tem nada a ver com uma universidade normal. Por exemplo, este curso em Coimbra é muito mais fácil, em Coimbra tem este curso muito mais facilitado que é só na área social de gerontologia. Aqui tem uma componente médica importante (...), já fiz Biologia, tenho Psicologia e Anatomia que é dada nos dois semestres. Portanto, tem uma componente médica muito forte e que não é pera doce.

Investigadora – Quando terminar fica com um leque de conhecimentos muito fortes...

A. – Sim, sim...

Investigadora – Agora tem de fazer um grande esforço, mas como disse há pouco, é uma realização pessoal, uma mais-valia...

A. – Sim, quanto ao relacionamento, sempre me soube relacionar não é (...) e nunca tive dificuldades em me relacionar com ninguém e aqui tive os braços abertos de toda a gente.

Investigadora – Isso é muito bom... Tem algumas sugestões de melhoria para a Universidade de Aveiro como estudante? Sugere algumas propostas de melhoria? Qual é a sua opinião?

A. – Como disse isto para mim é tudo novo, ainda estou a aprender não é. Mas pronto por vezes converso com colegas, professores (...), não me quero meter nisso mas também se nota que andam todos pressionados não é... A senhora também dá aulas e sabe que andam pressionados... Tem uma carga letiva muito grande, há dispensa de muitos professores... Agora um professor tem de fazer o que dantes dois ou três faziam e portanto não está fácil...

Investigadora – Não...

A. – Muitos já pensam na reforma e no tempo que chegarem à reforma se há reforma (...). Em termos de funcionamento noto e temos conversado que há um bocadinho de stress nos docentes, precisamente por isso... De resto não tenho mais a dizer até porque não é a minha missão, nem a minha função...

Investigadora – Porque é que escolheu esta área? Primeiro tinha pensado na Psicologia e depois nesta... Mas porquê esta?

A. – Esta foi indicada pela senhora (...)

Investigadora – Mas porquê Psicologia? Que era a área que tinha pensado antes?

A. – Pois era para dar um apoio aos idosos... Se tiver disponibilidade e se houver necessidade da minha ajuda, porque não? Eu sempre fui um indivíduo muito ativo e sempre colaborei graciosamente e a pagar também... (...) Nos últimos anos precisamente senti essa falta, cansei-me e inseri-me noutras atividades mas não se pode manter tudo...

Investigadora – Sim, tem de se fazer escolhas na vida... Quer acrescentar alguma observação?

A. – Não... Acho que já disse e falei até demais... [ri].

Investigadora – Agradeço, vivamente, o seu contributo pois sem ele é impossível realizar o meu estudo. Agradeço-lhe imensamente. É imprescindível o seu contributo para a realização deste estudo... E quero-lhe desejar um bom sucesso escolar...

A. – Não sei se até lá terei forças e saúde mas espero terminar...

Investigadora – Tem de ter e se por motivos de saúde não puder terminar no prazo que tem estipulado, nem que demore mais algum tempo...

A. – Com o estatuto de trabalhador estudante nem que vá fazendo uma ou duas cadeiras por ano...

Transcrição da Entrevista n.º 2

Entrevistado: G.

Sexo: feminino

Idade: 69 anos

Entrevistadora: Marisa Machado

Data: 30 de abril de 2015

Local: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Hora: 15h

Investigadora - Posso conhece-la? Pode falar um pouco sobre si a nível do seu percurso quer a nível pessoal, onde reside, contexto pessoal, se vive sozinha, se com quem vive e a sua situação profissional atual, e a sua situação, a sua profissão que exerceu no caso de estar reformada.

G. - Sim, sim...digamos, eu sou...portanto tenho sessenta e nove anos, tenho que me adaptar agora porque...fiz agora em abril [Ri].

Sou de Trás-os-Montes, pertenço...ao distrito de Vila Real, concelho de Vila Pouca de uma aldeia lá do interior e onde...digamos...vivi ate aos meus dezanove anos...com o meu pai, tenho duas irmãs que... logo...minha mãe faleceu, eramos pequeninas, eu tinha sete, a mais velha tinha dez e a mais nova tinha quatro, digamos que elas foram para o colégio e... eu fiquei com o meu pai. Lá... pronto cresci... a minha formação lá na escola foi até á quarta classe, não existia mais nada... até aos meus dezanove anos ali estive.

No fundo depois aos meus dezanove anos decidi sair da terra, deixar o meu pai...achava que pronto queria sair, e então vi para o Porto, onde pedi à minha irmã para me arranjar lá um emprego, e vim, estive lá nesse emprego, que era uma escola de enfermagem de irmãs...portanto...no Porto... e estive lá uns três meses, ou isso, a trabalhar. Nessa altura acabei por...já antes mesmo na aldeia, pronto conhecia raparigas que estavam fora, que estavam...em que...para ser freiras, isso tudo e... e isso começou a mexer comigo...ao ir trabalhar para o meio onde eram as irmãs que orientavam isso tudo, a escola pertencia-lhes...pronto...fui nessa altura também quis enveredar pela vida religiosa, e... fui.... fui, pronto fiz a formação...para religiosa, depois fui trabalhar inicialmente porque era assim antigamente... as enfermeiras ou professoras, no fundo não tinham por vezes logo curso, for-

mavam-se aprendendo com as outras que já eram.
Era assim antes...

Investigadora - Antes...

G. - do vinte e cinco de abril, e isso e tudo mais, portanto fui trabalhar... para um hospital na altura de castelo...de Estarreja, misericórdia na altura.

Também estive lá pouco tempo, pronto, ia aprendendo como é que era ser enfermeira, não é? Como se tratava dos doentes...passado pouco tempo fui... mandada para tirar o curso...pronto ai tirei o curso de enfermagem...isto em sessenta e oito ...sim sessenta e oito, sessenta e sete sessenta e oito sessenta e nove...fui...fui para o Porto então tirar o curso de enfermagem... a partir daí continuei sempre a trabalhar como enfermeira, enfermeira.. digamos religiosa...nos hospitais da..pertenciam à congregação, pertenciam ou não a onde elas estavam... isto foi até oitenta e cinco...

Em oitenta e cinco...nessa altura...senti em mim não sabia muito bem o quê mas a vida religiosa como...que já não dava aquela satisfação, aquela alegria...como que não sentia aquele sentido de vida então... pronto...quis sair, não sair definitivamente mas fazer uma experiencia digamos...pedi essa autorização, essa licença, e vim fazer uma experiencia que na altura foi aqui para o hospital de Aveiro, onde estava também a minha irmã a trabalhar como enfermeira, por isso o facto de vir para aqui... nessa altura...pronto, depois outros... acontecimentos também se deram, o meu pai que... também vivia sozinho mas estava numa nossa quinta...das irmãs, a trabalhar, já estava reformado aquilo tudo mais e... depois na altura...pronto ele teria que sair de lá.

Então, eu estava fora, digamos naquela experiência, cá fora da comunidade...optei por... o meu pai, não...não tinha para onde ir, também naquela altura... porque a minha irmã mais velha, pronto o marido ficou cego, depois tinha que trabalhar e tratar dele, também pronto... optei por ficar por aqui, arranjar uma casa e trazer meu pai para cá.

Então, decidi de facto depois sair da congregação mesmo, e fiquei... por aqui... a ser enfermeira não é? No hospital de Aveiro, onde estive desde 87, porque na altura fui para Águeda, mandada porque os hospitais estavam unidos. Depois voltei, vim para aqui, e fiquei aqui até agora 2004/2005 salvo erro, que foi a altura em que me reformei. ...

Ora bom, em 2003, penso eu,... também veio para aqui a licenciatura de enfermagem e então nessa altura, trabalhava no hospital de Aveiro, optei também por fazer a licenciatura de enfermagem visto que antigamente não existia. Nesse momento tinha o bacharelato, devido a ter o curso de enfermagem, mais a formação que depois fiz a seguir que... pronto foi o secundário todo, fiz o 12º e isso, aqui na escola José Estevão, portanto era bacharelato, tentei entrar na licenciatura como complemento da enfermagem, que fiz isto em 2004. A partir daí...bom..digamos...antes neste percurso.. eu acabei por também... me ligar a um companheiro não é, a ter um companheiro na vida... isto em noventa e seis, já...que nós pronto... compramos casa juntos e isso tudo mais. E eu refiro isto, porque é assim, no fundo foi essa a causa depois vir agora para esta segunda licenciatura de Psicologia... porque pronto... fiz a licenciatura de complemento de enfermagem, reformei-me.

Investigadora - Quando fez o complemento já se encontrava reformada?

G. - Não, não, mas estava quase.

Investigadora - Estava quase.

G. - Estava quase mas não... pronto, fi-lo porque achei que poderia ser uma mais valia... porque nunca sabíamos não é, as exigências... do estado, do governo, as leis estavam a mudar e... até hoje de facto, a licenciatura deu complemento de enfermagem não deu mais valia a praticamente a nenhum enfermeiro. Não deu, monetariamente digamos não deu...nenhuma mais valia monetária no sentido... pronto, é apenas adquirir conhecimento e isso é uma mais valia, é muito bom. Mas pronto, fi-lo... depois reformei-me quase logo a seguir ou ainda estava mesmo acho que a terminar, foi isso mais ou menos ao mesmo tempo que... que me reformei.

Em dois mil e... seis, dois mil e sete digamos, eu aí já vivia de facto com a pessoa, com o meu companheiro que também, pronto era divorciado, tinha filhos e nesse percurso havia algo que... pronto que eu achava, para mim havia ali qualquer coisa que eu não percebia muito bem...uma pessoa que muito triste, muito infeliz, muito... algo que eu não percebia porque não é... visto que, graças a Deus não tínhamos dificuldades económicas. Também não tínhamos problemas, digamos de discussões porque eu não era também pessoa disso nem ele, e...

Investigadora - A G. não tem filhos?

G. - Não, porque pronto visto... nossa ligação, pronto, eu já tinha quarenta e poucos anos não é?... por isso não, de qualquer das maneiras, eu vi que aquela pessoa...

se apresentava infeliz... [suspiro] e por isso, achei que, pronto...viver daquela maneira... digo assim, o que é que eu posso fazer? Não sabia mais o que fazer, no fundo para que a pessoa se sentisse bem e.... nessa minha preocupação, nessa... digo assim, a pessoa faz tudo, e o outro... mas não consegue que o outro se sinta assim bem, feliz. Eu não sabia porque, não é, até porque digamos, não havia da minha parte aquele á vontade, e aquela de... de perguntar e dizer, mas porque razão? Não é.

Nessa altura eu não tinha... essa capacidade.

Investigadora - Tinha receio do que poderia...

G. - Não... é assim... pronto... a pessoa em si era uma pessoa bastante...digamos ... pré... assim formatada, porque era militar e... formatada, e uma pessoa que a sua formação militar e isso, formatou-o de uma determinada forma que influenciava muito a sua maneira de ser, a sua personalidade, a sua maneira de estar. Algo totalmente diferente do que qualquer um... não é?... das pessoas, depois tinha vivido numa guerra, depois tinha vivido em Moçambique e... depois tiveram que vir... pronto muita coisa que se foi isso, influenciava para ser a pessoa que era. E depois a própria família, as próprias netas... enfim a origem paterna, tudo isso. E eu perante isso, achava que... pronto... achei que era melhor a gente se separar...

Portanto eu propus, fiz essa proposta. Pronto a pessoa aceitou perfeitamente, acho que se calhar era isso até o que queria, mas não conseguia... não tinha a vontade de tomar essa atitude, penso eu... é a minha maneira de ver... a partir daí, pronto a gente se separou, tudo bem numa boa, numa... normal convivência sempre depois, mas de facto em mim existia esta preocupação, porque é que o ser humano, no fundo era aquela pessoa em concreto, mas que... pronto no fundo muita gente assim é, porque é que esta... o ser humano é assim?

O que é que está por de trás?

O que é que leva a que a pessoa apesar de ter tudo não é feliz, não se sente feliz, porque é que a pessoa... pronto muitas interrogações, e nessa linha ao nos separarmos e isso tudo mais, eu também me senti assim um bocado... estava reformada, não tinha obrigação de nada, achei digo assim, ia ficar em casa a remoer, a reviver coisas que depois... surgiram, menos agradáveis, devido depois à sua ligação com outras pessoas, não ele mas as outras pessoas pronto... muita coisa surgiu de menos positivo.. essas interrogações, e o eu não ficar ali a pensar, digo assim, não,

eu tenho que me ocupar, tenho que arranjar algo de obrigatório e foi nesse sentido que eu vim para a Psicologia.

Investigadora - Então inscreveu-se na licenciatura em Psicologia.

G. - Sim... no fundo, a razão foi ter algo em que me ocupar obrigatório, não é. Porque senão, uma pessoa andava por aí um bocado perdida... por outro lado sempre gostei de Psicologia e... como a Psicologia veio aqui para Aveiro, mais oportunidade tinha de... não é?... de me inscrever aqui do que ir para fora. Depois pensava....

Investigadora - Reside aqui perto?

G. - Sim vivo aqui

Investigadora - Vive em Aveiro?

G. - Sim sim...depois a minha preocupação e as interrogações dentro de mim para se perceber o porquê de... pronto de muito comportamentos e atitudes do ser humano. E foi isso o que me levou portanto ter uma obrigação e a tentar perceber porque é que muita coisa acontece. No fundo... foi isso a razão da minha vinda.

Investigadora - Em que ano se inscreveu em Psicologia?

G. - Ora bom... eu penso que foi em dois mil e oito... penso eu que foi, não tenho assim a certeza absoluta mas acho que sim.

Investigadora - E realizou quantos anos?

G. - É assim... eu realizei os três anos de licenciatura.

Investigadora - E acabou a licenciatura.

G. - Acabei a licenciatura... os dois anos de mestrado.

Investigadora - Fez os dois anos.

G. - Quer dizer, fiz de facto o primeiro ano de mestrado curricular.

Investigadora - Em Psicologia também Forense?

G. - Forense... fiz, portanto o curricular, fiz o estágio curricular que foi na casa Alberto Souto, que neste momento se... ouvi dizer, já não funciona. Quer a jovens que...

Investigadora - Sim, eu conheço...

G. - Pronto, digamos, gostei muito de passar por lá, foi pronto, É algo muito para mim, reconfortante ver, ao mesmo tempo, me custou perceber aqueles jovens ali

assim... Mas como que houve uma ligação muito grande entre mim e esses jovens. Portanto, fiz isso no curricular, depois no ano já do... o curricular foram as aulas, depois o outro é que foi o estágio curricular e era a tese. Fiz lá apenas o estágio e a tese, pois, fui deixando... pronto... depois no outro ano acabei por voltar a inscrever-me na tese, mas acabei por já não ter vontade de a realizar.

Investigadora – E porquê? Porque não teve vontade de a terminar?

G. – É assim, eu sentia vontade de me dedicar a algo de voluntariado em locais em que achava que seria importante... e por isso inscrevi-me na Obra da Criança em Ílhavo, que é onde estão crianças e jovens com, no fundo, de famílias problemáticas... São rapazes e meninas (...) e eu inscrevi-me e comecei a ir para lá. Isso para mim, me dava prazer, de facto, poder estar ali com aqueles jovens, viver com eles, ouvi-los, numa assim de muito próxima, como se fosse família...

Investigadora – Quando é que começou o seu trabalho de voluntariado?

G. – O meu trabalho de voluntariado foi no ano passado. Portanto, estamos em 2015, foi em 2014.

Investigadora – Ainda se mantém?

G. – Neste momento não estou a ir lá efetiva porque surgiram-me problemas comigo em casa e isso... Fui indo já sem ser aqueles dias que estavam previstos, de vez em quando vou lá, mas, neste momento não estou no voluntariado como efetiva. Mas no fundo era isso que eu desejava, no fundo, eu vejo que há muita necessidade em muitos lados de pessoas que voluntariamente estejam, nem que seja só para ouvir as pessoas. Como eu tenho esse, essa consciência, eu gostava de poder muito estar em muito lado, mas não posso... pronto... mas no fundo é nessa procura que eu tenho andado, ver onde é que, de facto, é mais importante estar e eu também me sinto bem e feliz. Por isso a razão de deixar a tese, a tese estava tudo orientado, escolhido o local, a amostra, que era precisamente na Obra da Criança... tinham-me dado essa oportunidade, tinha um orientador que era o Dr. Carlos Fernandes, mas nesse momento eu achei, não me sentia a ir para uma biblioteca e estar ali a pesquisar... ler, ver, ir... Isso não me dizia nada, achava que para mim havia outras coisas mais interessantes...

Investigadora – Mais prioritárias...

Sra Gracinda – Sim, decidi anular a matrícula e anulei-a no início do ano... Pronto, e assim ficar livre para aquilo que facto vier e que...

Investigadora – Acha que um dia ainda pode retomar?

G. – Neste momento nunca sabemos o amanhã... Mas neste momento não penso vir a retomar... mas como digo, não sabemos o futuro... Porque eu ao fazer o curso não foi como finalidade vir a exercer como psicóloga... o fazer a tese, no fundo, fui muito incentivada a fazê-la, toda a gente me dizia tu não deixes, não deixes, continua, é só mais um bocadinho, só mais um bocadinho... mas aquilo para mim, de facto, não era para ter o certificado, o diploma, ser a senhora psicóloga... Isso para mim não é o mais importante, portanto, deixei...

Investigadora – Como é que foi a sua relação com os docentes nos anos em que estudou na universidade?

G. – A minha relação foi normal, foi maravilhosa para mim... Para mim, o tempo de estudo, de aulas, foi maravilhoso. Sentia, digamos que, aqui na universidade eu acabei por senti-la como sendo a minha casa... como algo de maravilhoso para onde eu vinha com todo o prazer. Depois, tanto os professores, como os colegas... de facto, eu conheci gente maravilhosa...

Investigadora – Fez amigos?

G. – Sim, fiz amigos... Sentia-me integrada e bem com todos. Digamos, nunca me senti discriminada... uns com vinte, outros nem vinte tinham e eu com a idade que tinha...

Investigadora – E em relação aos docentes, devido à diversidade de idades que existia na sala de aula, acha que os docentes necessitavam de alguma formação específica ou conseguiam...

G. – Não, não, não. Nunca fui tratada de maneira diferente. Foi sempre tudo igual, tudo igual. Não havia cá nenhuma diferença nesse aspeto. Portanto tinha que apresentar os trabalhos como todos, tinha que fazer os exames como todos...

Investigadora – Como é que se sentiu em relação à avaliação?

G. – Bem, sempre bem. Nunca houve problema, se não, se o meu estudo é aquilo que eu conseguia, não ia para ter uma nota tao elevada... mas também para mim isso nunca foi a questão. A minha questão era aprender, conhecer... depois as notas que tirava, olhe, se tirava uma nota mais elevada fica contente. Mas se também não tirava mais elevada, tirava um dez e dava para passar e tudo bem.

Investigadora – Foi fácil a adaptação à universidade?

G. – Sim, totalmente. Entrei, de facto, fui acolhida pelos colegas e quis ser praxada como todos...

Investigadora – Que interessante... Tem algum episódio, alguma experiência para contar?

G. – É assim, eu entrei nas praxes, fui tratada de maneira igual como todos os colegas... sentia-me, digamos, no fundo, o facto de querer ser praxada era assim um bocadinho... visto que já tinha uma licenciatura, não é...mas depois neste curso eu nunca tinha sido praxada... e depois, há muitas coisas negativas em relação aos estudantes... e eu gostava de ter experiência própria para poder de facto falar e ter a minha opinião de uma forma correta... e só passando pelo mesmo caminho, pelas mesmas experiências. Então, aí, desde o início fui praxada como todos e fiz, pronto, tudo como todos, sempre que podia... Nunca houve nada de especial, falam por vezes muito mal das praxes, acredito que, por vezes, haja coisas menos positivas... aceito e acredito que sim... aquilo que por vezes se houve, eu digo, no nosso curso não vi nada de especial, não achei nada de incorreto... no fundo, são provas a que as pessoas são submetidas e que, por vezes, é importante para as pessoas crescerem, para se tornarem mais integradas no grupo... porque se não fica cada um para seu canto... por isso digo, para mim foi tudo normal. Como digo, entrei e fiz tudo o que os outros faziam, ia aos jantares... Estava nas noitadas como todos... A única coisa, talvez, que me distingue da maior parte, porque outros também não entravam nessa, era no fundo as bebidas, que por vezes há abuso... e que isso tenho muita pena, custa-me ver que aconteça que as pessoas perdem um bocadinho o controle. Isso, nessa parte, aí, eu não entrava. De resto, brincar, divertir, estar... isso eu sempre estava.

Investigadora – Sentiu algum desafio como estudante, algum dilema, algumas dificuldades?

G. – Não propriamente. Como estudante... No estudo... Pronto, é assim, o curso em si não é fácil e sobretudo, não é fácil hoje e quando eu fiz ainda penso que tinha um grau de dificuldade maior porque já foram retiradas disciplinas que acharam que não deviam de estar... e pronto, graças a Deus que tive a oportunidade de as fazer e ter que lutar para as fazer... para mim acho que foi muito bom isso, mas que hoje já houve essa reestruturação do curso em si. Pronto, desde Biologia, desde Biologia Vegetal, desde Química, desde Laboratório e Análise, desde as Matemáticas Gerais que mantêm-se mas já diferentes e um bocadinho alteradas... mas digamos,

eu fiz isso tudo, não foi com notas elevadas mas fiz. Portanto, a minha dificuldade no curso foi... Houve uma grande dificuldade mas não tem a ver com o curso... tem a ver com aquilo que existia dentro de mim, que era eu conseguir conviver com situações paralelas que eu estava a viver em relação ter-me separado... acontecimentos que se davam... isso aí, pronto... o curso... eu vivi o curso praticamente, não de uma forma livre... eu estava no curso, mas no fundo, havia em mim como que um peso, como que uma presença de algo que me fazia sofrer muito e que eu não conseguia, digamos, libertar-me, porque não conseguia compreender porque as pessoas se comportavam daquela forma... e... por isso, isso sim foi um... aquilo que me custou muito durante o curso e que eu vivi e que foi um sofrimento muito grande...

Investigadora – Foi em articular a sua vida de estudante com a vida social, com os amigos, com as pessoas no seu meio envolvente?

G. – Não, no fundo, digamos, foi... Eu estar no curso e ter, pronto, acontecimentos que me destruíram, que me levaram quase a perder a razão e motivação de viver... Foi, sobretudo, essa parte... e essa parte não tem a ver com amigos, tem a ver com a parte da família que, de facto, era a família do meu companheiro e tomaram uma posição que eu não sei porquê, mas que tive de deixar de conviver com essa família... tive que me afastar e eu estava muito ligada a uma criança, que era sobrinho dele... que era a irmã dele que era para mim como uma irmã, uma confidente, mas não sei o que passou por aquela cabeça, por aquela percepção...é que éramos tão ligadas, tão ligadas... era aquela família a quem eu estava mesmo super ligada... e aquele menino que era como se fosse meu filho e ter que haver esse corte... Portanto, foi essa a situação terrível na minha vida e que se prolongou durante o curso. Eu estava com esperança e a pensar quando é que isto muda, quando é que isto altera, quando é que as pessoas vem que estão a fazer mal...

Investigadora – Conseguiu ultrapassar essa fase?

G. – Digamos... Essa parte tão negativa e de tanto sofrimento foi-se alterando mas não ultrapassado totalmente... Ainda não...

Investigadora – E o facto de ter estas vivências académicas ajudaram a contribuir para a sua vida?

G. – Ajudaram no sentido em que eu vindo para aqui sentia-me feliz... convivia com as pessoas de uma forma sincera, verdadeira... como se estivesse em família. Foi

uma experiência linda que me dava gozo, prazer... e havia sempre aquele grupinho que a gente se liga mais e se aproxima mais... houve esse grupo de colegas, éramos seis em trabalhos, em disciplinas e houve uma ligação mais intensa e isso para mim era um bálsamo, era maravilhoso,,,

Investigadora – Teve algum apoio enquanto estudou? Algum apoio de família ou de amigos?

G. – É assim, eu da família não tive apoio porque eu, digamos... o problema é que nunca partilhei os meus problemas com nenhum familiar... os problemas que iam surgindo, acontecimentos que se foram dando... com as pessoas que se ligaram ao meu ex-companheiro, coisas que foram acontecendo às vezes partilhava com uma ou outra pessoa mais íntima, mais amiga... fora disso não partilhava e com a minha família, então, zero, até hoje.

Investigadora – E como estudante, alguém a apoiou?

G. – Como estudante, a dado o momento apoiaram-me porque eu pedi mesmo ajuda porque eu já não conseguia... cheguei a dado momento e não conseguia viver, não conseguia estar, não conseguia mais... Mas no fundo não conseguia devido a esses problemas de fora, não eram da universidade. Devido a esses problemas de fora não conseguia... Perdi toda a razão de viver, toda a motivação, porque eu pus a minha razão de viver em sítio errado mas... cada um é como é... pus naquela família, foi naquele menino... que eu via que se eu conseguisse conviver com eles tinha toda a riqueza do mundo mas aqui está, isso não aconteceu e graças a Deus que isso não aconteceu... porque, de facto, eu como que ia viver a minha vida totalmente entregue numa doação àquelas pessoas, àquele menino... Eu ia se calhar, ia viver naquela entrega que não havia razão de ser para a minha entrega ser tão grande, total, àquelas pessoas... porque eu não via outra coisa... era assim que eu via, era assim que eu sentia e possivelmente não era o certo, mas era isso que eu considerava, para mim, o melhor... como tal, isso não aconteceu e fui pedir ajuda...

Investigadora – Foi pedir ajuda e estava a estudar...

G. – Sim, sim. Fui pedir ajuda a um organismo, a LUA, em que fazem parte estudantes voluntários e especialistas também voluntários... Fui seguida por uma psicóloga que me ajudou muito e... digamos, que a maior ajuda é ouvir aquilo que existe dentro da pessoa e que a pessoa não partilha com mais ninguém. Tive esse mo-

mento muito bom, foi espetacular o acompanhamento da psicóloga que tive... e o percurso foi esse e uma pessoa vai a cada dia procurando... dizendo... amanhã será melhor porque a pessoa sempre tem aquela esperança de perceber porque é que as pessoas tomaram determinada atitude... porque é que as pessoas me afastaram e sem saberem... se existisse uma palavra, um confronto e dissessem isto ou aquilo, mas não...

Investigadora – Acha que o curso ajudou-a a conhecer melhor o ser humano?

G. – Sim, um bocadinho, sim. Mas muita coisa fica por explicar... Por isso, hoje entendendo o porquê das pessoas, por vezes, terem este ou aquele comportamento, esta ou aquela atitude... não consigo ajuizar logo assim de momento, à primeira... há que ver o porquê, o que está por detrás, portanto, nesse aspeto penso que me ajudou...

Investigadora – Quais são as vantagens que pensa que agora tem com os conhecimentos que obteve com a licenciatura?

G. – Ora bom... As vantagens... Tenho mais conhecimentos... Olho para o mundo e para as pessoas de uma maneira diferente. Olho para os acontecimentos, para os comportamentos de uma maneira diferente e sinto-me com mais capacidade para poder estar com os outros, sejam eles crianças, jovens, idosos... sinto-me mais capacitada para estar e poder, por vezes, ajudar se for preciso...

Investigadora – Quais são as suas aspirações? No futuro o que é que deseja?

G. – As minhas aspirações... Olhe, durante o curso... nunca foi, desde o início, terminar o curso... estou enquanto achar que devo estar, enquanto achar e me sentir bem... Amanhã não sei se estou, foi esta a minha postura durante todo o tempo. Agora, por exemplo, foi em 2013 que eu me senti, também, um pouco mais já sem ter que estudar, sem ter aulas e na altura que eu só estava a pensar na tese, para preencher esse tempo e dar sentido mais à minha vida, meti-me na tuna. Porque eu gostava de cantar, gostava de música e gosto do convívio... e na tuna tinha isso tudo...

Investigadora – Ainda continua?

G. – Neste momento já me despedi da tuna... quero estar mais livre para tentar ver quais outros caminhos que eu possa, enfim, sentir-me bem,,, Despedi-me mas ainda tenho ido e tenho atuado onde a tuna vai... Ainda neste momento aqui em Aveiro estivemos no Festival da FITUA. Fomos convidados pelos masculinos, pela tuna

masculina e fomos atuar. Tivemos o nosso festival em Fevereiro e participei... Eu disse-lhes que ia sair, se eu puder vir, venho, e assim sinto-me bem e feliz no grupo... e poder representar a nossa universidade, para mim isso é uma... sinto-me bem ao fazê-lo e sinto-me bem entre as colegas.

Investigadora – Tem mais atividades neste momento?

G. – Neste momento não... As minhas atividades têm sido vir para a biblioteca, por vezes tento pôr-me a escrever reflexões que faço, vivências que tenho... a escrever como que a deitar cá para fora que está assim cá dentro... no fundo, uma forma de me libertar e transmitir algo aos outros que eu gostava de partilhar... vou escrevendo umas coisitas e vou fazendo assim, somente... é isto que ultimamente tenho estado mais a fazer.

Investigadora – De que forma é que vai partilhar?

G. – Não sei... não sei... neste momento escrevo, mas agora como vai ser partilhado ainda não sei.

Investigadora – É um desafio...

G. – Sim, sim. No fundo é um desafio e posso nem partilhar mas também digo que se morrer, fica aqui muita coisa que gostava de deixar dito... que gostava de não levar comigo... Agora a minha vivência, como que, o facto de ter sido (...), isso me marcou muito e como que... a pessoa não se liberta daquilo que foi e que apreendeu e aquilo em que se tornou... num momento a minha vontade, de facto, era... retirar-me mais e viver nesse sentido, não como dentro duma congregação religiosa mas eu sinto que eu sou essa pessoa. E não me consegui desligar do meu passado e é com essas pessoas que eu me sinto bem, feliz e à vontade. Sinto que são essas pessoas que são a minha família.

Investigadora – Na altura, quando se inscreveu na licenciatura em Psicologia, já havia outras intervenções educativas, tais como: as universidades seniores, as universidades da terceira idade... Já ouviu falar? Conhece? Há programas para pessoas com mais de cinquenta anos, há associações também... Mas escolheu a universidade – acha que essas outras ofertas são complementares ou são excludentes em relação ao estudo na universidade?

G. – Eu não tenho uma opinião formada em relação a tudo isso que existe e sei que existe. Tenho colegas que estão nessas universidades seniores e por vezes falamos, mas eu nunca pensei em ir para aí... embora eu tenha a idade que tenho mas

eu não sinto... Eu não me sinto diferente de um jovem, de uma criança... eu estou onde eles estiverem e eu sinto-me igual... sinto-me igual, não me sinto diferente...brinco... sinto que com pessoas com determinada idade eu sinto-me diferente... porque eu não consigo partilhar da mesma forma de pensar e da mesma forma de ver que essa gente... que eu respeito muito mas não consigo...

Investigadora – Por isso é que optou pela universidade?

G. – Na altura optei pela universidade e nem pensei em ir para outras ou nada disso... mas sempre fui uma pessoa muito aberta e há pessoas que estão agarradas, que uma pessoa de idade tem de andar assim, tem que se comportar assim, porque se não não fica bem...

Investigadora – Sente que há estereótipos num grupo homogéneo? E acha que são as próprias pessoas desse grupo que criam esses estereótipos ou são as pessoas de fora?

G. – Acho que são as próprias pessoas em si e depois a sociedade... que olham para a pessoa e se vêem aquela pessoa com aquela idade, é porque, olha a vestir-se daquela maneira já não fica bem, ter esta postura ou aquela também já não fica bem... eu estou liberta de tudo isso. Eu brinco com as colegas, nós temos as noitadas, nós vamos para a praia, nós vamos para a Praça do Peixe... eu estou com elas à vontade e nunca me senti discriminada, muito pelo contrário.

Investigadora – Nunca sentiu estereótipos pelas suas colegas mais novas?

G. – Não, nunca. E brinco e danço e se vamos no fim de um festival a uma discoteca, elas até se sentam e eu continuo a pular e a saltar... tenho uma forma assim de estar, sem preconceitos... tentar ter uma postura correta em todo o lado. Ser eu.

Investigadora – Em relação às pessoas da sua idade, já sentiu estereótipos?

G. – Não propriamente... não...

Investigadora – Em relação à Universidade de Aveiro, como estudante que foi, quer apresentar algumas sugestões de melhoria?

G. – Ora bom... Quanto à Universidade de Aveiro eu só tenho a dizer o melhor...é natural que haja sempre algo para melhorar mas eu, no todo, nas aulas, nos docentes... sempre os achei maravilhosos. A universidade em si, também, só tenho a dizer bem e de todas as pessoas que trabalham, desde os funcionários que estão por aí, desde os que estão nos serviços para nos atender, eu só tenho a dizer bem.

Investigadora – Que bom...

G. – Sim, no fundo só tenho a dizer bem.

Investigadora – Acha que existe um tempo específico na vida para aprender?

G. – Ora bem... Há coisas que, com certeza, o ser humano está mais preparado para aprender em determinada altura, como memorizar... Isso é normal. Mas para aprender acho que não há um tempo específico, é sempre.

Investigadora – Segundo uma autora chamada Maria Joao Rosa, ela tem um livro chamado “Envelhecimento Demográfico da Sociedade Portuguesa”, onde ela expõe que, a vida estava organizada em função de três momentos. A fase da formação, a primeira fase, depois a segunda fase era a vida ativa quando se desenvolvia uma carreira profissional, e a terceira fase, a fase da reforma – tempo de lazer. Porém, e atualmente, com as mudanças de sociedade, ela propõe um novo modelo em que as fases deixam de ser estanques. Por exemplo, a fase da formação estende-se ao longo de toda a vida... Qual é a sua opinião sobre a formação ao longo da vida? Sobre essa fase ser prolongada ao longo da vida?

G. – Eu acho que é importante a formação. A pessoa estar aberta, sempre a querer conhecer mais, saber mais... porque por mais que nós conheçamos, é sempre algo de muito pouquinho, limitado, naquilo que há para conhecer e esse conhecer mais, acho que é maravilhoso... não sei como dizer... mas é maravilhoso a pessoa conhecer cada vez mais sobre o que quer que seja... todo o conhecimento é maravilhoso e é bom. Há coisas que nos dizem mais, outras menos, mas eu acho que é sempre bom a pessoa estar aberta porque eu penso que, o que envelhece a pessoa é não querer saber mais nada... é dizer isso já não é para mim. Isso faz com que o nosso cérebro fique limitado e vai-se atrofiando. Se a pessoa tentar sempre mais, penso que cada se vai alargando e estendendo.

Investigadora – Quer acrescentar mais alguma informação sobre a temática que estivemos a falar?

G. – Pronto... Para mim, acho que referi o principal e referi, o que, de facto, foi o percurso e o porquê do percurso...(…) motivar as pessoas para desejarem sempre algo mais, algo de diferente... porque este período de reforma, para muita gente, é um período de vida muito triste... As pessoas tem a sua reforma, não precisam de trabalhar e já não tem como que, motivação para viver, não sentem alegria e sen-

tem que já fizeram tudo e não há mais nada para fazer. É um período que para muita gente é mesmo muito triste...

Investigadora – Na sua opinião como deve-se ultrapassar essa situação?

G. – Penso que não é fácil, porque isto é um mundo, uma sociedade, uma vastidão de pessoas...e cada pessoa é diferente e tem o seu percurso, mas haver um alerta para que as pessoas quando estão na vida ativa muitas dizem, queria estar na reforma, queria estar no descanso... mas por vezes, o que acontece é que vão para a reforma e depois algumas farão aquilo que gostariam de fazer, mas muitas não fazem nada e vêm as suas aspirações, como que, ali terminarem... e depois é um dia atrás do outro e acaba por ser muito triste...

Investigadora – Acha que acaba por haver uma insatisfação, quer na fase da vida ativa, quer depois na fase da reforma? Acaba por haver uma certa insatisfação?

G. – Sim, sim. Porque na vida ativa as pessoas vêm-se forçadas a trabalhar e a não gozar aquilo que as pessoas acham que deviam gozar. Para mim o gozo é muito relativo não é, mas é uma vida de muito stress, muitas preocupações, muitos compromissos, muito de ganhar dinheiro para isto e para aquilo... depois chegam à reforma e muitas até tem o dinheiro mas depois... portanto, com que haver uma consciencialização ao longo da vida, sempre. No sentido de que, na reforma, a pessoa possa continuar a ter aspirações e a desejar e conhecer mais, aquilo que é possível dentro do contexto de cada um... (...) a pessoa procurar algo que gostava e integrar-se para se sentir útil e feliz.

Investigadora – Agradeço-lhe, vivamente, o seu contributo. É valioso, é imprescindível para a realização do meu estudo. Agradeço-lhe imensamente.

G. – Espero que consiga atingir os objetivos a que se propôs (...)

Transcrição da Entrevista n.º 3

Entrevistado: Brasilino da Costa Godinho (B.)

Idade: 83 anos

Sexo: masculino

Data: 2 de maio de 2015

Local: Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro

Hora: 14h 30m

Investigadora - B., pode falar um pouco sobre si para conhecê-lo melhor? Fazer a sua apresentação a nível pessoal e social?

B. - Dra. Marisa, eu sou natural de Tomar, tirei um curso industrial, de serralharia mecânica e desde... desde a minha adolescência eu dediquei-me muito ao estudo e à leitura. De modo que, entrar na Universidade foi sempre um objetivo de vida que eu... ficou logo delineado nos primeiros anos da adolescência. Fiz uma primeira tentativa depois de concluir o curso, de abordagem ao meu avô que tinha meios de fortuna para me custear os estudos na obtenção do curso de engenharia civil no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Fiz-lhe o pedido e ele depois de uma pausa de alguns segundos fez-me a observação de que isso custava muito dinheiro! E, até, dava-me uma alternativa: era de que me comprava uma bicicleta e ele tinha o seu escritório e as suas instalações industriais a cinco quilómetros da cidade de Tomar, e portanto, comprava-me a bicicleta e eu ia para a oficina da fábrica ou para o escritório e eu disse logo que não queria, não queria. Bem, de modo que, isso foi a minha primeira tentativa de prosseguir carreira académica.

Olhe, depois... entretanto arranjei emprego nos quadros do Ministério das Obras Públicas da Direção Geral dos Serviços de Urbanização. Fui colocado na Direção de Urbanização dos Açores. Estive lá. Conheci a minha futura mulher, depois casei. Mas entretanto, enquanto estava em Ponta Delgada, e tendo ido para lá depois de solicitada a demissão do lugar que ocupava numa firma empreiteira que estava a construir a Barragem do Cabril, fui demitido e tive que pagar as viagens à minha custa de modo que... a viagem de Lisboa para os Açores. Porquê?! E porque é que entrei nos quadros do Ministério das Obras Públicas? Fiz um concurso para isso, de admissão. E então eu ia com aquele objetivo de me fixar na sede de distrito que era na altura a cidade onde estavam concentrados os liceus e eu tinha que ir procurar uma cidade com esses equipamentos para eu prosseguir, para tirar o curso de liceu e ir para a Universidade. Porque com o curso industrial, naquele tempo, um indivíduo tinha que fazer um exame de admissão ao Instituto Industrial. Estava lá dois

anos e, depois, passava automaticamente para o primeiro ano do Instituto Superior Técnico, para o curso de engenharia. De maneira que, como referi há um bocadinho, foi ultrapassado e, devido às dificuldades económicas e à negativa do meu avô, que eu andei anos e anos a censurar, e que hoje até me contemplo nessa recusa, porque fiz-me... criou-me uma personalidade própria e assim, imensas dificuldades para ser o homem que sou hoje. Portanto, acredito que sou um homem mais completo, que seria se tivesse seguido, apoiado pelo meu avô, portanto sem esforço, com a vida mais facilitada. Não seria com certeza a mesma pessoa.

Bem, casei e pôs-se-me o problema: Como é que vai ser? A minha sogra foi comigo. Eu, a minha mulher, a sogra e filhos que viessem, que eu queria ter filhos, e vieram dois. Eu então interroguei-me: Como vai ser a tua vida com um ordenado tão pequeno de desenhador, naquela função que eu desempenhava na Direção Geral dos Serviços de Urbanização. E pensei assim: bem, eu já tenho experiência de trabalhos de engenharia rodoviária e o que é que ia fazer para Lisboa para a Comercial? Ia aprender teoria. Aprender pela via docente. E depois de fazer essa aprendizagem vinha para a vida prática aprofundar esses conhecimentos teóricos. Ora, os conhecimentos práticos já eu vou tendo com o contacto com a experiência que vou tendo com os engenheiros, gente de capacidade. Portanto, estou aprendendo. Se os estudantes, nas Universidades, aprendem pelos livros e pelas sebtas, eu também sei... E se sabem ler e interpretar, eu também sei ler interpretar. Eu vou por mim próprio me esforçar para ser rápido, para ser um engenheiro de facto e não ... de habilitação académica, E assim foi. E fiz logo ali um propósito: Nunca por nunca ser... eu vou solicitar a um engenheiro para me dar alguma orientação nesta matéria. E assim foi. Durante toda a minha vida trabalhei em engenharia civil. Metade dos arruamentos que existem, só para dar um exemplo, tirando as nacionais, foram projetadas por mim. Aqui mesmo na Universidade de Aveiro, as infraestruturas de todo este espaço está sob o CIFOP foram projetadas sob a minha orientação, no meu gabinete de engenharia de que era proprietário e diretor e tinha engenheiros a trabalhar por minha conta, sob a minha orientação. De maneira que aqui mesmo está a expressão da minha atividade como... Projeto das infraestruturas, redes de saneamento, projeto completo, está a ver? Contemplando especialidades que eu não dominava, evidentemente, como a eletricidade, como mecânica, mas solicitava a colaboração de especialistas e sob a minha orientação faziam o seu trabalho nas suas especialidades. De maneira que, assim foi a minha vida prática. Depois em dois de junho de 2008 faleceu a minha mulher e entretanto eu, quando foi em Se-

tembro abordei um diretor de Departamento de Línguas e Literatura e o Diretor dos Serviços Académicos. Abordei os dois porque são duas coisas distintas no sentido de saber qual seria as possibilidades de me inscrever na Universidade ... tirar o curso... a Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas. E disseram-me logo:

“ _ Só tem uma chance, uma hipótese: É de inscrever-se no processo de acesso de Maiores de vinte e três anos, do processo de Bolonha.”

E eu respondi: “ _ Então vamos tratar disso já!”

“ _ Não, só para março do ano que vem.”

E eu fiquei: então como é que é isso?! Seis meses na vida de um jovem de vinte e três anos não tem relevância nenhuma, mas num homem com setenta e sete anos pode ter muita importância! E não me conformei, mas disseram-me que não tinha outra hipótese. Não me conformei e fui para casa para o computador e fiz um requerimento apresentando argumentos, apresentando o meu currículo profissional e literário. E, de maneira que, fui admitido com uma condição: Só me podia inscrever em quatro disciplinas isoladas por ano letivo. Mas, mesmo admitindo por hipótese, isto depois de me informar, de que eu continuasse naquele ritmo de quatro disciplinas por ano, nem que chegasse ao fim de seis ou sete anos, ou oito, com todas as disciplinas feitas nestes anos, não tinha o curso. Eu inscrevi-me logo nas quatro, devia ter esperado, mas inscrevi-me logo nas quatro no primeiro semestre. E, fiz o primeiro semestre com boas classificações e depois pensei: “Então mas como é?! Já há sessenta anos que não estudava! Não tinha ritmo de estudo, metas de trabalho! Ter que estudar agora?! Falaram-me de fazer um interregno de seis meses... Não, não me conformo! Toca de voltar outra vez para o computador: outro requerimento a pedir inscrição em mais disciplinas. A título excecional, e atendendo a que houve bom desempenho académico podia inscrever-me em mais quatro disciplinas no semestre seguinte. Inscrevi-me! Boas classificações! Chega ao fim ficava com duas: Cultura Clássica e Cultura Espanhola. De Cultura Espanhola, eu já percebia uma matéria razoável. De Cultura Clássica, é um cadeirão muito grande e eu embora sabendo alguma coisa, não dominava tanto como Cultura Espanhola. E então pensei assim: “ Então como é?! Tenho oito disciplinas feitas. Para o ano são dez! Dez do currículo normal e mais duas de atraso do ano anterior. São doze! Para a minha idade é muito! Não! Outra vez para o computador! Outro requerimento a pedir autorização para frequentar na época especial, em Setembro... para frequentar não, para fazer exame na época especial da disciplina de Português/Espanhol. Veio

o despacho: a título excepcional e atendendo ao bom currículo académico do requerente é concedida autorização para exame. Fui a exame apanhei dezasseis. Fiquei só com uma. Já foi mais fácil. Foi mais razoável. Prontos e depois fui por aí fora e sempre com boas notas. Tirei a licenciatura com quinze. Para a minha idade também não está mal [ri].

Então depois, isto a doze de dezembro, foi a última prova, foi a concessão da licenciatura e eu pensei assim: “ Bom, eu gostava de tirar o doutoramento mas tenho ainda que fazer um mestrado. Oitenta e um anos mais três na melhor das hipóteses, oitenta e quatro. Mais três de doutoramento, oitenta e sete. Já eu estarei vivo nessa altura?! Não, não me conformo! Novo requerimento, dirigido à ... Ah! E entretanto, fiz a abordagem para saber se podia passar da licenciatura para o doutoramento sem frequentar o mestrado.

“ _ Você tem que frequentar o mestrado, você tem que frequentar o mestrado! É impossível!”

Novo requerimento com os argumentos: tal, tal, tal e tal... Depois... Ah! Mas o requerimento não foi dirigido ao reitor, este não foi dirigido ao reitor. Foi dirigido ao presidente do Conselho Científico. E o Presidente do Conselho Científico mandou ao Departamento a informar sobre o meu requerimento, a informar que foi favorável, depois vim a saber que foi favorável, e o Conselho Científico, composto por dezassete professores, por unanimidade, aceitou eu fazer o doutoramento. E portanto já estou no terceiro ano. Já tenho mais um grau, porque tenho o diploma em Estudos Avançados em Estudos Literários.

O primeiro ano de doutoramento e a frequência nas restantes disciplinas deu-me direito a esse diploma, que eu já tenho, que eu já adquiri. De maneira que depois, seguiram-se os dois anos de investigação. Já estou no segundo ano de investigação. Já estou na fase de elaboração de tese, para concluir a tese e defendê-la!

Investigadora – É muito louvável! E porque é que foi em 2008 que escolheu estudar?

B. – Fez toda a diferença. Esta determinação de estudar já remonta de há muitos anos e ao longo desses anos todos... E repare no trajeto de deixar um emprego em que já ganhava razoavelmente a trabalhar num gabinete técnico de uma firma empreiteira que era uma associação de uma grande firma suíça e de uma firma portuguesa (...) que era uma empresa muito reputada na construção de barragens a ní-

vel mundial. E portanto, eu deixei esse lugar para um lugar onde fui ganhar menos, mas para uma cidade onde pudesse estudar. Mas, eu depois em Ponta Delgada, portanto foi na sequência... estando em Ponta Delgada eu pensei... Bom, tenho de arranjar um explicador para aprender. E comecei à procura e também começou se me por o problema: eu ganhava muito pouco. Como é que me vou safar, desculpem-me a expressão, a pagar um explicador? E portanto vou fazer uma, ou duas disciplinas na melhor das hipóteses, por ano. Quando é que me despacho?! E com grande sacrifício porque ganhava pouco, bastante pouco mesmo.

Entretanto, o diretor do serviço foi convidado a elaborar vários projetos e estradas nacionais na ilha e convidou-me se eu queria trabalhar. E eu pensei desta maneira: mais vale um pássaro na mão que dois a voar! Com estas dificuldades todas estar a fazer uma se fizer por ano, e passar aqui imensas dificuldades, privações, etc. Mais vale um pássaro na mão que dois a voar! Vou trabalhar! Foi uma boa decisão, que aprendi mais que aquilo que já sabia em elaboração de projetos. Já sabia bastante mas ainda aprofundei mais. E de maneira que, então... Agora perdi-me um bocado... Estávamos a falar?

Investigadora – Daí que em 2008...

B. - Ah! Portanto o que é que acontece?! Isto já ia na parte em que...

Investigadora – Isto já era um desejo antigo? Estudar...

B. – Dra. Marisa, quando se deu aquela recusa do meu pai, eu fui ter com o diretor do colégio de Nun'Alvares, que na altura era o melhor colégio do país, não sei se alguma vez ouviu falar?

Investigadora – Não...

B. – Colégio de Nun'Alvares... já não existe, mas naquela altura era um colégio de uma projeção nacional extraordinária!

Investigadora – Prestigiado...

B. – Muito prestigiado! Fui falar com ele para me deixar frequentar as aulas que eu... me habilitavam aos exames. E quando eu ia começar a estudar a minha mãe caiu doente, gravemente doente. E eu que, quando o meu avô me deu a recusa em pagar os estudos, eu tive que arranjar uma saída profissional e então a saída que eu arranjei foi trabalhar gratuitamente, fazer um estágio gratuito na repartição técnica da câmara da minha terra. Estive lá dois anos e meio. Foi um bom investimento.

Investigadora – Aprendeu...

B. – Não ganhando um centavo, foi um bom investimento! Aprendi, relacionamento com as pessoas, no aspeto profissional... Foi muito... foi muito importante. Foi um bom investimento. E portanto... Mas entretanto, fui também fazer a tal diligência ao doutor...Sim, senhor. Dada a doença da minha mãe, tive que desistir... Segunda tentativa...

A terceira, quando estou em Ponta Delgada e decido arranjar...terceira tentativa.

Depois casei, e pensei: “eu não posso estar assim nesta vida! Quero-me casar. Quero ter filhos.” Não posso estar à espera de dar esse passo depois de ter um curso, mas como é que eu vou tirar um curso?! De maneira que, decidi casar. Bem, casei-me e depois ao longo desses anos, de vez em quando lá surgia uma oportunidade, não muito acentuada, uma leve oportunidade e eu ia apresentar, mas, havia qualquer prioridade que se entrepunha e eu tinha que optar, e tinha que pôr de lado a ideia do estudo. Portanto, quando eu entro na Universidade, já ia na sexta tentativa sem nunca ter desistido.

Investigadora – Quais os motivos que o levaram a estudar? Foi esse desejo que já tinha anteriormente de estudar?

B. – Repare, Dra. Cristina, e como eu lhe estava dizendo, isto é determinação que vinha desde a adolescência. Portanto foi uma sequência, foi sempre uma procuração. De maneira que, fui sempre tentando, mas eu tenho dois filhos... Tive dois filhos. Dei-lhes o curso de engenharia civil na Universidade de Porto. Não tive isenção de propinas, não tive qualquer auxílio monetário. Todas as propinas, alojamento, materiais, viagens... Tudo à minha conta, do meu trabalho. Não tinha rendimentos, não tinha rendimentos pessoais. Era tudo do meu trabalho! E do meu trabalho que, eu, sempre funcionário do Estado, eu tinha que trabalhar aos sábados e domingos, e à noite, até às tantas da noite, sem nunca por nunca ser, por eu ter utilizado uma hora, ou meia hora, ou uns cinco minutos de horário de trabalho oficial. Tudo fora do horário oficial. E portanto, Está a ver o esforço enorme que não é e que tive de desenvolver ao longo da minha vida para eu dar os estudos aos meus filhos! Estão aí, formados! De maneira que, isso foi inibindo-me, inibiu-me de prosseguir os estudos.

Investigadora – E qual foi a razão pela qual escolheu a área do seu curso?

B. – Bom, na altura quando eu entrei na Universidade punha-se uma hipótese: ou ia para engenharia civil, que eu já dominava na parte rodoviária ou ia... ou ia para outra área. E outra área que me senti inclinado desde a minha meninice era as letras. E portanto, fiz a opção: Engenharia não, não vale a pena. Eu não lucrava nada, o que tinha de exercer de engenharia, já exerci. Portanto, no aspeto profissional não tem interesse nenhum. Interessa sim a valorização pessoal e o contributo que eu posso dar à sociedade. E, de maneira que, foi nessa perspetiva que eu optei pelas humanidades, pelas letras.

Investigadora – E porquê a Universidade de Aveiro? É a mais próxima da sua residência?

B. – Ó minha senhora, naturalmente por ser mais próxima. Não tinha meios financeiros para ir para uma outra Universidade, para outro local. Aliás, veja esta ligação que eu já tinha à Universidade de Aveiro: Ainda não existia a Universidade de Aveiro, eu já escrevia nos jornais a advogar a criação de uma Universidade em Aveiro. Já me debatia na imprensa por isso! E por outro lado, a colaboração que eu dei à Universidade pelos projetos e infraestruturas...

Investigadora – Já tinha uma ligação...

B. – Já tinha uma ligação natural. Muito naturalmente tinha que ser pela Universidade de Aveiro.

Investigadora – Quais eram as suas expectativas? Antes de iniciar a realização das cadeiras, quais eram as suas expectativas em relação ao estudo na Universidade de Aveiro? O que é que esperava da Universidade?

B. - Em que sentido? Em que sentido?

Investigadora – Quando realizou as quatro disciplinas, no primeiro semestre, o que encontrou era o que imaginava encontrar? A realidade académica...

B. – Ó Dra. Marisa, é indescritível a sensação que eu tive quando entrei na primeira sala de aula. Regressar às salas de aula depois de sessenta e tal anos de ausência e... foi uma sensação indescritível, não consigo descrever! Tão agradável! Muito agradável! Depois, quando entro pela primeira vez na Universidade, e no fim de semestre, já os meus colegas iam muito avançados porque eu tive que estar à espera dos despachos aos meus requerimentos. Portanto, as aulas começavam a catorze de setembro e eu entrei já próximo de dezanove ou vinte de outubro, coisa assim do género. Eu até costumava dizer aos professores e aos meus filhos e fami-

liares, que eu tinha entrado para a Universidade, tinha entrado num comboio em que os meus colegas já estavam à frente na carruagem da primeira classe e eu estava na cauda na terceira classe! Então assim, isto traduzido neste dado muito concreto. Eu tinha três aulas, no máximo quatro, mas deviam ser três aulas de Latim, já estava a fazer um teste! O Latim é um cadeirão, para quem sabia alguma coisa de Latim... mas eu não sabia nada! Ai meu Deus! Apanhei sete no teste! Digo eu assim, para mim próprio: “Começas bem Godinho! Começas bem!” Foi assim de repente uma desilusão, mas também logo de imediato pensei: “Não seria de esperar outro resultado! Uma coisa tão difícil só com três aulas, o que é que era de esperar?!” De maneira que... Mas também há outro aspeto interessante, quando eu entro no corredor do Departamento, no rés-do-chão, no primeiro dia de aulas, há colegas que... três colegas que vêm ao meu encontro e que digamos, fazem-me as boas-vindas, o que me sensibilizou bastante. Uma até está no Brasil, uma senhora casada. Mas foram muito gentis e sensibilizou-me, não é?!

Agora, houve aspetos que... bastante complicados comigo. Por causa do quê, de quê? Eu estava numa aula, e estava o professor ou professora a falar durante duas horas e eu chegava ao fim da aula, à saída da porta da sala e interrogava-me: “O que é que percebeste daquilo que eles estiveram ali a dizer?” Quatro, cinco, seis palavras deslavadas do contexto! Eu tinha que ir para casa e tinha que ir procurar nos livros e na internet o que eu não tinha recolhido na aula. Veja lá o trabalho que não é! Que a gente não encontra o artigo que é?! E agora, depois, outro tanto tempo para estudar, que era aquilo que normalmente os meus colegas faziam. Estando mal e estar com atenção é meio caminho andado para absorver a matéria. Eu não, não conhecia isso! Eu partia do zero, quase do zero! De maneira que foi um esforço muito grande e que me obrigou a ter um regime de sono de três a seis horas de sono por noite. E quando em 2012, eu digo ao médico qual tinha sido o meu regime, que já é meu médico há muitos anos, já temos uma relação de amizade, meteu as mãos à cabeça e disse-me:

“_ Brasilino, você está louco!”

E hoje, esse tempo de estudo faz-me muita falta! Porque eu agora tenho de dormir pelo menos sete horas e meia. E eu sempre me dei bem e é muito produtivo o trabalho de madrugada! E agora não posso fazer isso! Portanto, falta-me tempo, que enquanto tive a Licenciatura tinha, e agora não tenho, e portanto isso complica-me muito a vida.

Investigadora – Considera que a adaptação foi fácil? A adaptação ao meio académico...

B. – Facílimo. Não tive problemas nenhuns! Fui sempre muito respeitado, acarinhado, convívio fraternal. Não houve problemas de nenhuma espécie.

Investigadora – Como foi a relação com os docentes? Com os professores...

B. - A relação com os professores foi ou muito boa ou razoável.

Investigadora – Tem alguma história para contar da sua realidade académica? Como estudante...

B. – Tenho uma nota muito intrigante. Que ainda hoje me deixa muito pensativo. Repare nisto, nesta coincidência. Eu tinha um ano de frequência... eu entrei em outubro de 2008, e no dia dois de junho, fazia precisamente um ano sobre a data que a minha mulher tinha morrido, à mesma hora que ela morreu, estava a fazer um teste de espanhol, em que me era pedido que fizesse uma... elaborasse um texto de apreço, de exaltação da pessoa amada.

Investigadora – Como é que é possível....

B. – Impressionante isto! Olhe, passei todo o teste a chorar. Não conseguia aguentar as lágrimas. Todo o teste não consegui escrever... É impressionante não é?

Investigadora – Muito.

B. – A professora não sabia, não fazia ideia nenhuma da data em que tinha morrido a minha mulher, e aquela coincidência é uma marca indelével na minha vida. É intrigante, não é?

Investigadora – Inexplicável é... Não tem explicação...

B. – Eu ia dizer que há uma... eu sou uma pessoa que acredita que há transmissão de pensamento das pessoas, das pessoas que têm mais contato. E eu, com a minha mulher tive algumas experiências, em que às vezes, repentinamente pensava num assunto, o pensamento era simultâneo. Portanto, eu acredito plenamente que, da mesma forma como nós... como a rádio se transmite, a gente não vê, mas a gente pega no aparelho, nós temos um aparelho emissor e recetor, portanto, emitimos ondas. E são captadas, a pessoa recolhe. Eu considero que tenho o espírito da minha mulher aqui fixado. Até que ponto... agora, não posso pôr a questão neste pé. Isso determinou o acontecimento? Não. Porque isso dependeu da professo-

ra, e a professora não sabia, não fazia ideia. Portanto, olhe, foi das coisas mais impressionantes, mais marcantes da minha vida.

Investigadora – Muito interessante... Impressionante. Não há palavras. É emocionante, é!

B. – Eu depois tive de explicar à professora. Ela também ficou impressionada, né? Mas, de facto, não consegui escrever nada. Não consegui. Tive de explicar: passa-se esta situação assim, assim e eu não consegui. De maneira nenhuma. E eu procurava disfarçar para os meus colegas não me verem a chorar, porque eu estava encostado à parede, estava sentado, e não tinha ninguém a meu lado. De maneira que consegui disfarçar, penso que nenhum colega se apercebeu, e se, se apercebeu nunca me disseram nada. Nem a professora se apercebeu. Eu passei uma hora, se não foi duas... foram duas horas continuamente, continuamente...

Investigadora – E em relação à avaliação, como é que conseguiu ultrapassar, por exemplo o caso que contou, que teve sete a Latim.

B. – Eu reagi logo. Era natural. Era a primeira vez na vida que tinha uma classificação de sete. Era a primeira vez na vida. Fiz apelo a toda a minha energia e capacidade de raciocínio. E, então acabei por ter dezasseis. Está tudo dito!

Investigadora – Uma subida muito acentuada! Pois, está tudo dito, está. E esses momentos de avaliação, que teve como estudante, como é que sentiu esses momentos? No geral...

B. – Senti que estava a ser avaliado de uma forma correta, natural, não tinha objectado, a não ser um caso a que não queria dar relevância porque foi ultrapassado, na área de espanhol, em que a professora entendia que eu deveria pronunciar melhor o espanhol. E eu insistia neste ponto: se em português há sons que eu não consigo pronunciar corretamente, e com a idade que tenho, como é que podia pronunciar corretamente certos sons em espanhol? Impossível! Mas ela não se convenciu. Isso foi um problema, um problema que até suscitou algumas disposições escritas que eu tive de fazer, e... mas... portanto, houve um certo mau estar. Mas ultrapassei isso, não entrei em conflito aberto com a professora. Está ultrapassado. Ela estima-me e eu estimo todos os professores. Tenho estima por todos os professores. Eu tenho uma grande estima pelos professores.

Investigadora – Tendo em conta a diversidade de idades que existe hoje em dia numa sala de aula, há alunos com mais idade em várias salas de aula, acha que os

docentes precisam de uma formação específica para lidarem com pessoas de todas as idades ou acha que eles conseguiram lidar bem com a situação?

B. – Ó Dra. Marisa, essa é uma questão complexa, essa... porque isso vai muito da maneira de ser, e da educação das pessoas, e da formação delas. E nós infelizmente sabemos que na juventude de hoje em dia, há grandes falhas nesse domínio. Eu não senti isso, porque como digo tive sempre muito bom relacionamento, nunca houve a mais pequena discussão, e aliás, eu devo frisar este aspeto: a primeira aula que eu tive... a primeira aula que eu tive... eu, no final da aula, pedi à professora para me deixar dirigir aos meus colegas ... e dirigi-me aos meus colegas no sentido de que eles me considerassem como igual, nem mais nem menos que eles. Não queria um tratamento especial, e queria que fossemos todos tratados no mesmo plano de camaradagem, sã, aberta, transparente. E visando bem esse aspeto. E pronto, isto foi o ponto de partida. Num clima que se foi gerando, se foi cimentando sempre sem problemas. Portanto, eu acho que vai muito da capacidade de cada um, não só dos estudantes mais novos, mas também dos mais velhos. Os mais novos devem ter sempre o sentido de fraternidade e de respeito pelas pessoas mais idosas e reciprocamente os mais velhos devem também manifestar esse sentimento de fraternidade e respeito. Respeita-se as pessoas independentemente da idade que tenham. Não há volta a dar-lhe, é assim mesmo que deve ser!

Investigadora – Que vantagens acha que está a ter como estudante?

B. – Desde logo, foi uma experiência de vida muito interessante. Interessantíssima! E por outro lado, facultou-me uma melhor preparação, soma de conhecimentos, e portanto, ficar mais habilitado ao dever cívico da sociedade em que está integrado.

Investigadora – Quando espera acabar o curso?

B. – Olhe, eu desejava defender a tese em dezembro deste ano, mas estou um bocado atrasado e a tese é bastante abrangente e, obriga-me a muitas leituras, e obriga-me a pesquisar. E depois, aconteceu-me um percalço, que eu tinha fichas elaboradas, houve uma inundação e elas ficaram encharcadas, inutilizadas porque estavam escritas a esferográfica azul. De maneira, que eu já não tive pachorra nem vontade de elaborar novas fichas. Isso está a dificultar-me o trabalho. De modo que, estou a fazer esforços para ser em dezembro, mas não tenho a certeza. Talvez tenha de ser em março. Vamos lá ver!

Investigadora – O que é que vai fazer depois, quando acabar o doutoramento?

B. – Gostava de lecionar...gostava de lecionar. Porque, repare, se eu estou a enriquecer, através do meu enriquecimento, a sociedade também enriquece alguma coisa. E, portanto, não faz sentido que eu reserve logicamente para mim conhecimentos adquiridos e não os faculte à sociedade em geral. É a sequência lógica.

Investigadora – Sim, tem muito para dar... Tem muito para contribuir. Tem muito conhecimento e experiência. Como estudante, quer apresentar algumas sugestões para a Universidade de Aveiro melhorar, principalmente para estudantes mais velhos?

B. – Eu a grande sugestão que eu dava, não é para os estudantes mais velhos, mas para utilização, benefício, valorização e facilidade de aprendizagem dos estudantes provenientes das antigas colónias portuguesas, ia no sentido de lhes ser facultado... de lhes ser facultada uma aprendizagem do português. Porque eu tenho um contato contínuo com as estudantes, tenho até bons amigos nesse meio, e tenho me apercebido da extrema dificuldade que têm em se exprimir em português. E, eu imagino como é que estes estudantes, podem escrever os seus testes, não é?! Redigir os seus escritos com tantas deficiências de expressão... Como será possível?! E não são alunos do secundário! São alunos de mestrado ou de doutoramento! Eu fico perplexo. Como pode ser, não é?! Como é que se expressa, não é? E como é que isso desvaloriza, ao fim e ao cabo? Porque eles não estão devidamente apetrechados, porque não dominam a língua... estão ali certas palavras e não percebem o que querem dizer. Até na conversa, no diálogo entre nós... eu tenho-me apercebido dessa dificuldade. A grande sugestão que eu fazia era que, de fato, fossem facultadas a esses alunos lições de português para os preparar, para os habilitar, para conseguirem fazer uma melhor aprendizagem nas suas matérias, nas suas especialidades!

Investigadora – Logo seriam melhores estudantes...

B. – Pois! Tinham melhor aproveitamento e toda a gente lucrava. E acho que a Universidade se realizava muito com isso, por ter esse cuidado, essa preocupação.

Investigadora – Vive sozinho, B.?

B. – Infelizmente...

Investigadora – Teve apoios? Agora como estudante, teve apoio de alguém?

B. – Apoio em que sentido?

Investigadora – Familiar ou de amigos, como estudante...

B. – Vamos lá ver... Eu não tive esses apoios. Até porque não precisava deles. Incentivo-me a mim próprio. A motivação e a perseverança é inata, portanto sempre fui um lutador, e de maneira que, contínuo ainda na luta com toda a determinação e com toda a firmeza. Não é por acaso, isto não foi meu, embora na entrevista tenha usado a expressão que foram recolher e depois puseram na aqui, e corresponde de fato...

Investigadora – A firmeza leva-o a ultrapassar as dificuldades.

B. – As maiores dificuldades que eu tive foram de natureza financeira. Tive de contrair empréstimo bancário, ainda estou a pagar... Tive no ano passado um prémio por ser o aluno mais velho da Universidade.

Investigadora – E tem outras atividades, além de ser estudante?

B. – Dedico-me à escrita. Não sei se já recebeu...

Investigadora – Já e agradeço vivamente. Não escrevo, mas tenho lido. Ainda ontem li um sobre os nossos políticos. Eu vou para a Tailândia que é para não ser contagiada por eles. Vou fugir...

B. – Eu tenho mil e oitenta e tal contatos de pessoas e entidades a quem mando as minhas crónicas. Já há anos, há anos! De maneira que, dedico-me à escrita. Mas eu tive de fazer uma pausa e portanto, interromper de alguma forma a atividade. Só quando há assim assuntos muito importantes. E, vamos lá ver, que eu já tinha tomado a decisão de não escrever, que eu estou tão assoberbado com o trabalho da tese que não devia dispersar-me a escrever. Mas também, passam-se acontecimentos tão graves neste país que não resisto à tentação, tenho de escrever. Alguém tem de barafustar, de reclamar, de protestar contra este estado de coisas. É uma crise incrível.

E eu não gostaria de ser obrigado a isso. Ter de me expressar... Ainda agora, quando foi ao almoço, estava lá com outros estudantes de Timor, Cabo Verde, Guiné e disse:

“ _ Olhem, vocês não levem a mal, mas a partir de agora, eu acabo de comer e ausento-me logo porque estou a perder duas horas e meia, três horas por almoço e jantar, e está-me a fazer muita falta no meu trabalho de tese. Não levem a mal, mas acabo de comer, tenho de me ausentar. Exatamente por isso. Mas, mesmo assim,

não resisto à tentação... o Passos de Coelho e o Dias Loureiro. Esse Dias Loureiro foi Ministro e esteve envolvido naquele caso do BVPN, era administrador. Enfim, é vígaro, um oportunista! Uma pessoa que não se recomenda. Isto, foi fazer o giro dele! É outro igual a ele. De maneira que, isto é inconcebível! E depois uma pessoa não resiste! Tenho que reagir...

Investigadora – E tem mais algum interesse, mais alguma atividade?

B. – Só a escrita e a leitura.

Investigadora – E fez amigos aqui na Universidade de Aveiro?

B. – Sim, fiz. Até professores.

Investigadora – Considera que existe na vida um tempo específico para aprender? Ou pode-se aprender ao longo da vida?

B. – Aprender ao longo da vida. O conhecimento nunca esgota.

Investigadora – Uma autora chamada Maria João Rosa tem um livro como título “O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”, disse que, sobre o ciclo vital que antigamente havia três fases da vida bem estruturadas: fase de escola, depois a fase do trabalho e depois a fase da reforma. Três fases bem estruturadas, e que atualmente esse ciclo de vida está a sofrer mudanças, em que as fases, atualmente, não são estanques, ou seja, começa a haver a necessidade da formação não ser só na primeira fase da vida... ser ao longo da vida. Qual é a sua opinião sobre este assunto? Concorda?

B. – Concordo, e ainda digo mais. Acho que é um desperdício muito grande, da riqueza imensa que há neste país, que é a massa cinzenta. A riqueza do país está na massa cinzenta. E, não aproveitar a experiência, conhecimentos, experiência de vida dos idosos é um desperdício muito grande! Porque todas essas capacidades dos idosos deviam ser harmonizadas e conjugadas com os jovens. Portanto, haver uma conjugação de atividades entre jovens e adultos e idosos. Conjugava-se a vivacidade e o espírito criativo dos jovens com a sapiência e a experiência, a maturidade dos idosos. E, não fazer isso é um desperdício que eu até considero criminoso. Em contrapartida, está-se a procurar criar um clima de conflito entre gerações.

Investigadora – E o que é que acha que poderia ser feito em relação a este assunto?

B. – Ideias práticas assim de momento não terei para apresentar. Mas, devia haver uma orientação política, no sentido de... e administrativa também, no sentido de...fazer esse aproveitamento dos conhecimentos e, até, facultar aos idosos a permanência nas atividades, nos lugares, desde que eles tivessem de acordo. Não forçá-los, mas desde que eles voluntariamente se disponibilizassem, pois deviam... Os próprios serviços fariam o entrosamento dos conhecimentos, das capacidades.

Investigadora – Já ouviu falar das Universidades Seniores?

B. – Posso ler?

Investigadora – Sim, sim.

B. – “Afigura-se-me desajustada a ... a ideia de os adultos reunidos nas designadas universidades seniores, antecipo o reparo de que tais agrupamentos de ocupação de tempos livres e entretenimento de idosos poderão ser tudo que lhes queiram chamar, mas nunca universidades...”

“A denominação universidade sénior é descabida e censurável sob o ponto de vista sociológico. Mais: um grosseiro erro de semântica e releva um bacoco pretensiosismo e uma intolerável impostura. Tenha-se em atenção que Universidade é uma instituição de ensino superior, científico, dedicada à investigação e que confere graus académicos de conhecimento nas áreas das Ciências e Humanidades”.

Repare que, não disse isto porque tenho agora uma Licenciatura. Ainda nem sonhava ter possibilidade de me inscrever no meu Mestrado, já eu escrevia sobre isso, batendo nessa tecla. Chamassem-lhe academia, chamassem-lhe colégio, associação de Portugal... Qualquer coisa! Agora, Universidade Sénior?! Isso não é nada! Isso é uma impostura!

Investigadora – Quer acrescentar alguma informação acerca do que falamos até agora? Aprendizagem ao longo da vida e o seu caso como estudante...

B. – Foi formação! Dentro daquilo que cabe no meu contato diário com eles já estou fazendo formação porque vou corrigindo na fala e naquilo que dizem. Já estou na prática a fazer isso, e até com grande recetividade e agradecimento deles.

Investigadora – Agradeço-lhe novamente o seu contributo para o meu estudo. Sem ele é impossível eu concretizar o meu trabalho de investigação. Agradeço-lhe vivamente e que continue sempre com esse espírito de lutador, de força. Que nunca o perca. Ultrapasse as suas dificuldades com força, com energia positiva.

B. – Obrigado.

Transcrição da Entrevista n.º 4

Entrevistado: Manuel Anselmo Figueiredo Gomes Vieira (M.)

Entrevistadora: Marisa Machado

Sexo: masculino

Idade: 67 anos

Data: 2 de maio de 2015

Local: Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro

Hora: 16h

Investigadora - Pode-me falar uma pouco sobre si, para conhecê-lo melhor?

M. - Olhe, então vou começar. Eu sou de uma aldeia perto de Sarrazola, da freguesia de Cacia, filho de uma família muito humilde, muito pobre. Fiz a escola primária em Sarrazola, mas aquilo era um meio rural, e como todos o meu destino seria trabalhar na agricultura ou... porque era esse o costume, era assim que era antigamente... não condeno, era natural. Eu tendo o azar que tive, tive sorte. Era muito doente quando era bebé, miúdo, e, por ser doente, os meus pais faziam sacrifício. Andava de sapatos, não andava descalço como o resto dos meus colegas. E a minha sorte era trabalhar na agricultura quando acabasse a escola primária. A minha professora primária e a diretora da escola foram ter com a minha mãe, pessoa inculta, que nem o quarto ano teve, não fez a quarta classe, como se chamava antigamente. Acho que ela só fez a terceira classe. Era uma pessoa sensata. Era o meu ídolo. Já morreu. Morreu quase com noventa e cinco anos. Mas é o meu ídolo e a minha força. Foram ter com a minha mãe e disseram:

“_ É uma pena que o seu filho não possa estudar! Mas, olhe, se nos permitir, nós arranjamus maneira de o colocar a estudar com isenção de propinas, com passe de comboio e ele vai fazer ao menos a escola industrial.”

Havia antigamente a escola industrial e comercial. Aqui em Aveiro.

A minha mãe cedeu. Elas arranjaram um passe de comboio. Depois pagava-se um pouquinho, mas era pouco. Era insignificante e elas é que começaram a pagar. Eu tive isenção de propinas e fiz o curso de formação de serralheiro na Escola Industrial e Comercial de Aveiro. Hoje é a Secundária nº 1. Eu vinha de Cacia para Aveiro... eu vinha de minha casa para a estação... eram três quilómetros a pé. Chovesse ou não chovesse, de inverno ou com um tachinho...um tachinho de alumínio com comida. O garfo é que fazia de mola para fechar a tampa, numa saquinha de

linho ou de... havia outro tecido... de chita. E, eu vinha para a Escola Industrial. Saía do comboio, vinha a pé pela linha ou então, vinha com os colegas pela avenida, brincando...a brincar.

Naquela altura havia empregadas. Pessoas que tinham empregadas, e nós púnhamos os cadernos, quando era para tocar às campainhas, todos ao mesmo tempo... fugíamos! Coisas de criança.

Fiz a escola industrial. Sempre correu bem a escola. Numa altura que eu tinha uma certa apetência para máquinas e cheguei a trabalhar. Houve um professor das oficinas que fez sociedade com um engenheiro que já morreu e que era da família Pascoal, do bacalhau, António Manuel Pais de Sousa Pascoal, que era o filho do velho Pascoal, que não gostava do relacionamento... quando a mãe dele morreu... do relacionamento com o pai dele com a empregada e... o pai veio a casar com a empregada... mas casar mesmo. Ele gostava muito da empregada porque vivia com ela, mas daquele.... mas depois aceitou e dava-se bem com ela. Eles fizeram uma sociedade. Eu trabalhava nas férias, na escola industrial a fazer peças. Eu fazia as peças, eu montava as peças. Tudo! Deixava-as prontas, embrulhava-as e punha-as num caixote e eles vendiam-nas. Eu tirava vinte, dezanove, porquê? Não era só porque eu ia trabalhar nas férias, porque aquilo era comerciável, ao nível de qualquer vendedor internacionalmente.

Acabei a escola industrial... estava na Escola Industrial ainda quando se fundou a Metalúrgica Casal, que era de motorizadas e motores. E o Sr. João Casal, João Casal velho, porque ele tem um filho chamado João Casal, que é da minha idade... o Sr. João Casal veio à Escola Industrial convidar uma série de alunos e convidou-me a mim, e perguntou-me:

“ _ Meu filho, queres ir trabalhar para a minha fábrica?”

E eu fui para lá como torneiro. Como nunca chegou a máquina que eu ia trabalhar, como era... como tinha feito curso, eu ia trabalhar com uma máquina mais sofisticada. Todas vinham da Alemanha na época. E a máquina não vinha, não vinha. E, um dia perguntaram-me se eu queria ir para o controle de qualidade, verificar a dureza de peças... fui. E, um dia, o engenheiro Hans Klosak, que era alemão, porque a fábrica tinha uma série de alemães foi perguntar:

“ _ Olhe, você não gostaria de ir para o projeto? Para a sala de desenho?”

Antigamente, não se chamava engenharia. Hoje chamam-se gabinetes de engenharia, engenharia da empresa.

Disse “_ Tudo bem”. Então fui um dos primeiros desenhadores da Casal. E de lá fui para a tropa. Aí, eu comecei a ganhar um pouco mais. Eu ganhava mais num mês, que o mau pai ganhava como ferrador num ano. Eu já ganhava bem para mim, para a minha idade. O meu pai ganhava extremamente mal. Ele trabalhava no Porto. Vinha ao fim de semana a casa, que ele é natural daqui de Aveiro. Vinha a Cacia, ou a Sarrazola de comboio... e às vezes a minha mãe, como costurava para fora, ia para casa das pessoas com o maquinismo da máquina aqui, nos braços. Às vezes levava o meu irmão, que é mais novo que eu três anos, também. Ia para casa das pessoas, lá comia e só voltava à noite debaixo de chuva....mas mesmo assim ganhava o dinheirinho... O meu pai para voltar para o Porto, ele já não tinha dinheiro do salário dele. A minha mãe é que tinha de dar o dinheiro que ela tinha ganho, porque o dinheiro era todo da casa... não havia...

Bem. Entretanto, veio o tempo de eu ir para o exército. Fui...fui apurado. Fui para a tropa e fui para as Caldas da Rainha para, como eu tinha feito o curso industrial, o 9º ano na época... o 9º ano chama-se agora, era o 9º ano. Eu fui para as Caldas da Rainha para fazer um curso de sargentos milicianos, saía-se naquela altura como cabo miliciano. Quando se era mobilizado, porque já havia a guerra colonial, iria para o Ultramar como furriel. Eu estive lá. Fiz a recruta lá. Ao fim de certo tempo, eu jogava andebol com os colegas e com um tenente que era comandante do meu pelotão. E um dia esse tenente veio ter comigo, veio dizer:

“_ Olha, tu vais fazer...”

Nem me perguntou! Ele disse:

“_ Tu vais fazer umas provas de seleção para passar para o curso de oficiais.”

“_ O quê?!” _ Eu perguntei: “_ O quê?! Não!”

“_ Eu não te estou a pedir! Eu estou-te a dizer: Tu vais fazer as provas para passar!”

“_ Eu já ouvi falar disso, mas tem aí gente! E agora veja só: O meu colega de cama diz que tem cunha do cardeal Cerejeira!”

Eu fiz as provas, e depois o que é certo é que, depois quando terminei as provas fui chamado por um coronel que era dos serviços adequados do exército, não sei como se chama, e ele disse:

“ _ Ó instruendo, você vai para o rangers, operações especiais.”

E eu ...

“ _ Desculpe, não foi essa a especialidade que você pediu?!”

Não, não tinha pedido a especialidade, quando a gente se inscreve, eu tinha pedido desenhador de engenharia porque eu era desenhador de profissão, radar costeiro e outra coisa qualquer. E eu disse:

“ _ Então, mas diga-me uma coisa, se eu ficar no curso de sargentos, eu posso ir para desenhador?”

“ _ Não, meu filho” _ chamou-me de filho. “ _ Não, meu filho. Tu, se ficares com o curso de sargentos vais para os rangers.”

É a nossa tropa de elite. Na altura só entravam futuros oficiais do curso de sargentos. Não havia soldados. Hoje é a tropa de elite portuguesa. Mesmo assim, não podem existir soldados. Soldados não é... tem que ser no mínimo promovido a cabo senão não cabe nos rangers.

“ _ Se ficares no curso de sargento vais para os rangers, se fores para o curso de oficiais vais para os rangers! Tens de escolha? Não, não tens, meu filho. Portanto, vais para oficial.”

E eu fui para os rangers. E, quando cheguei ao rangers, eu, que era magrinho, pesava cinquenta e dois quilos... fui para os rangers, éramos oitenta e quatro e eu fiquei em décimo quinto lugar! Pronto, isso resultou.

Vim a casa. Depois, fui para o quartel para Lisboa. Formei uma Companhia. Estive mobilizado para ir para a Guiné, não fui. Depois, fui para Angola. E estive num lugar vinte sete meses, contra as regras do exército, que normalmente eram vinte e quatro meses numa colónia, doze deles em missão de combate, por exemplo, ou zona de intervenção. Os outros mais a fazer quadrícula. Eu passei vinte e sete meses em zona de combate. Nesses vinte sete meses fez-se uma experiência para andar a cavalo. E, fui eu o primeiro individuo, indo aqui de Portugal, a ir com sessenta sol-

dados, que nem era o meu pelotão... que o meu pelotão eram só trinta! Eu levei trinta...sessenta soldados mais furriéis e tudo comigo. Mas eu era o único oficial. Fizemos. Voltamos. E, depois começamos a fazer os grandes deslocamentos a cavalo. Fiz a minha tropa. Muitas vezes fui eu comandante de companhia, nunca fiz queixa de ninguém. O... na altura capitão estava lá muito poucas vezes... Um dia ameaçou-me, das poucas vezes que lá estava... nós um dia a jantar os quatro, o alferes e o capitão, conversamos como amigos e ele disse qualquer coisa. E, o capitão disse que eu tinha a língua muito vermelha. Isto, ainda no tempo do Salazar. Vermelha, estava a chamar-me comunista, que era ofensivo e ameaçou-me se eu voltasse a falar me dava cinco dias de prisão. Aquilo passou. Não me deram os cinco dias de prisão. Eu não fiz queixa de ninguém. O que é certo, é que, quando fui...quando acabei o exército, eu levei a minha companhia do lado do mato onde eu estava, para Luanda para esperar o navio, que era o Vera Cruz, para me trazer a Portugal, e ele não veio. Alguém se encarregou de saber... mas eu não fiz queixa. Esse senhor veio a ser assessor do General Ramalho Eanes, nos dois mandatos como presidente da república. Hoje conversamos, ele é coronel aposentado, reformado. Falamos porque a minha mulher me empurrou. Porque eu não falaria com ele.

Saí do exército. Vim para Portugal. Passei aqui vinte e quatro dias e voltei para Angola para trabalhar. Fui para Angola trabalhar. E ao trabalhar, eu acabei por me fazer membro da direção de um sindicato, ou seja, antes do vinte e cinco de abril, eu e mais três colegas invadimos o sindicato. Tomamos conta da direção, que aquilo não tinha cabimento. Quer dizer, fizemos uma mini revolução dentro do sindicato. Entretanto, fomos aceites. Depois, houve reuniões. Acabaram por nos aceitar mas não tínhamos direção. Tínhamos um grupo que dirigia. E, esse sindicato tinha até hospital. E eram todas as senhoras, pequenitas, bebés... Porque aquilo tinha tratamento digno. Todas elas queriam ir lá.

Entretanto, fizemos uma intersindical com os outros sindicatos. Um dia, houve uma greve dos trabalhadores do porto (marítimo). Eu estava na cidade do Lobito, que no fundo é, uma cidade angolana, mas era o maior porto, ainda hoje é, o maior porto da África Ocidental. E, houve uma greve dos trabalhadores. Trabalhadores que eram funcionários públicos. Pediram-nos ajuda, aos sindicatos. Nós fomos lá ajudar. E vieram á...houve uma reunião. Foi no campo de futebol...de futebol...perdão, de futebol de salão, basket e tudo. Era um pavilhão coberto. Faziam-

se até festas de fim de ano lá. Tinha lá mais de três mil trabalhadores e chegaram de Luanda os representantes da Junta de Salvação Nacional. Isto era época vinte e cinco de abril. E, o meu colega, colega de empresa, mais velho que eu, que ele tinha idade para ser meu pai, mas meu colega porque ele era presidente do sindicato dos Metalúrgicos e eu era dos empregados da Indústria e Comércio, veio apresentar-me os membros, os oficiais das Forças Armadas, que eram os representantes em Angola da Junta de Salvação Nacional. Ele apresentou-me um indivíduo da Força Aérea, um indivíduo da Marinha. Quando me foi apresentar um indivíduo do Exército, ele virou-se, era precisamente esse senhor que tinha sido meu comandante. Eu olhei para ele, estava com a mão esticada, tirei a mão e disse:

“ _ Não, espera aí! Eu quando estava...”

Disse para quem quis ouvir. Claro que, não ouviram as três mil pessoas!

“ _ Eu, ainda há poucos meses fui ameaçado de ser preso porque tinha a língua muito vermelha, então é porque este senhor que está aqui na minha frente deveria ser direitista, salazarista.”

E neste momento, se calhar, inverteram-se as posições.

“ _ Ele de ser comunista porque é chique depois do vinte e cinco de Abril e eu se calhar passei a ser da direita! Não! Se, a revolução que houve em Portugal estiver com indivíduos destes à frente dela, eu perdi a fé na revolução portuguesa.”

Eu disse isto à frente de toda a gente.

Entretanto, eu continuei a trabalhar. Trabalhei na Sorfam, fiz navios e a revolução deu-se em setenta e quatro, aqui. Eu fiquei em Angola. Mas, também havia alguns problemas com a população civil. Embora eu tivesse muito negro, negro... não é preto, porque chamar preto é ofensivo. A raça é negra e no Brasil se chamar preto a uma pessoa vai presa. É crime inafiançável. Se quiser chamar da cor chama negro que é da raça. Preto é ofensivo. Queria que eu ficasse lá, mas eu decidi... e a minha mulher era recém-casada... a minha mulher é daqui da região de Ponte de Lima... nós conhecemo-nos lá e casamos lá, em Angola. E a minha mulher é que me disse... eu tinha acabado de comprar um carro, jovem como era... ganhava bem. Era projetista. A minha esposa também trabalhava no Ministério da Saúde. Ganhávamos bem. Eu, quando fui comprar um carro na época, um BMW 2002 TI ou 1900

Tl...eu quis comprar mas não havia. Então comprei um Alfa Romeo Júlia, um carro baixinho.

Entretanto, a minha mulher diz:

“ _ Não, a situação está-se a agravar e nós não estamos bem aqui!”

Não tínhamos sofrido nenhuma ameaça! Nunca. Embora em minha casa dei abrigo a um colega meu, muito mais velho que eu, que era do sindicato como eu. Ele foi ameaçado, mas não foi pelos negros. Eu nunca fui ameaçado mas a minha esposa achou melhor... Ela, que...ela, dos filhos... eles são oito irmãos, era a que mais era caseira, desafiou-me não para vir para Portugal, mas... eu acabei por escrever para um individuo, que tinha sido meu diretor e fui para o Brasil.

Fui para o Brasil não como emigrante para ganhar dinheiro. Fui para fazer a minha vida. Lá tinha a minha vida com a minha mulher. Cheguei lá. Devagarinho. Comecei devagar. Tudo. Eu já estava casado há dois anos. Não tinha... Tínhamos pensado ir com calma, para pensar em filhos. Ao fim de dois anos, já estava mais ao menos estabilizado, pensamos num filho. Veio a minha primeira filha que tem trinta e oito anos. E, quando ela nasceu, mudei de casa. A minha mulher nunca mudou de casa no Brasil. Ou melhor, ela mudou de casa, nunca fez a mudança. Quando a minha mulher foi para o hospital eu fiz a mudança. Fui para uma outra casa. A minha filha... Depois fomos para um prédio de apartamentos. Eram doze casais jovens. Tudo com filhos mais ou menos da mesma idade. Com um deles eu fiz uma amizade que nós somos como irmãos. É o padrinho da minha filha mais nova. É um médico conhecidíssimo no Brasil. Faz transplantes de rins, faz... e vai qualquer lado, não tem medo de ninguém porque ele diz que nasceu para aquilo. Nasceu para ser médico. Quando a mulher dele:

“ _ Ai, fulano foi-se embora não pagou!”

“ _ Deixa. Deus paga.”

Vive muito bem.

E, um dia, nesse prédio, tivemos um almoço... um jantar. Tiramos os carros da garagem. Fomos fazer um jantar para os vizinhos se conhecerem. Havia um, engenheiro químico, aliás ele não era engenheiro, era Doutor em química que me perguntou... e eu na minha empresa comecei a trabalhar mais na área de barragens,

nos equipamentos para as barragens nas comportas e tudo isso. E, havia um projeto que era feito em França mas era fabricado no Brasil e o meu antigo diretor em Angola, que acabou por me dar emprego lá disse:

“ _ Anselmo, eu não tenho mais ninguém com a capacidade que tem, que tu já viste muito.”

Apesar de eu na altura ter vinte e sete anos.

“ _ É pá, tens de pegar no projeto e adapta-lo aqui ao Brasil! Mas tens que falar com os franceses a ver se eles te deixam fazer as mudanças.”

Acabei por não só adaptar o projeto... ele deu-me uma equipe que trabalhava comigo, inclusive de engenheiros técnicos e eu não era engenheiro técnico. E, eu acabei por, pela empresa, ser o que se chama hoje, um nome chique em inglês, *project manager* da maior barragem do mundo, porque ainda hoje é a barragem de maior produção do mundo que é em Itaipu, entre Brasil e Paraguai. Há quem diga que a maior barragem do mundo é Three Gorges, que é dona da EDP. Não. A barragem de Three Gorges é a barragem do mundo com maior potência instalada. Só que ela é sazonal. E então, na época de pouca água ela não gera totalmente e Itaipu gera com vinte turbinas de setecentos e quarenta megawatts cada uma, o ano inteiro, trezentos e sessenta e cinco dias, vinte e quatro horas por dia.

E o meu vizinho perguntou-me:

“ _ Mas você tem canudo. É formado em quê?”

“ _ Não, não tenho canudo!”

Canudo é diploma.

“ _ Como?! Como é que você não tem canudo, e é *project manager* em Itaipu!”

Que era...

“ _ Não, não tenho!”

“ _ Mas você vai ter canudo!”

“ _ Como é que vou ter canudo?!”

“ _ Você vai para a nossa faculdade!”

Tinha aberto a faculdade de Engenharia mesmo em frente à minha empresa. Só que separava-nos uma autoestrada, mas tinha uma ponte.

E eu disse-lhe:

“_ Ó “Óscar”_ eles no Brasil dizem “Óscarr” “_ Tudo bem. Eu vou para a faculdade. Mas, e quem ganha para sustentar a mim, à minha mulher e à minha filha?”

“_ Ah! Tem razão! Você tem razão. Mas nós vamos abrir à noite.”

Nunca abriram à noite. Em mil novecentos e oitenta e cinco eles abriram à noite. Em mil novecentos e oitenta e seis eu entrei. Com trinta e oitos anos de idade entrei na faculdade.

Bati-lhe à porta, disse assim:

“_ Eu entrei!”

Como eram cursos noturnos, e ele tinha-me dito que eu queria fazer... e eu sempre trabalhei na área metalomecânica, eu disse que queria fazer Engenharia Mecânica...

“_ Não! Ainda não teimas. É só Engenharia Civil e Eletrotécnica. Fazes os primeiros dois anos que entretanto nós vamos abrir Mecânica.”

Porque ele era da diretoria, da direção da faculdade. Ao fim dos dois anos não abriu. Segui Engenharia Civil. Ainda bem que o fiz. Porque da parte de Engenharia Mecânica, eu já o fazia. Eu fui habituado a trabalhar sem engenheiro. Naquele tempo, não havia engenheiros. Os projetistas é que calculavam. Então fiz. Ao fim de certo tempo, vieram... vieram... uma engenheira... foi a mulher loira mais bonita que eu vi na minha vida. Casada. Tinha uma filha linda. Casada com um português, também Engenheiro Civil. Os dois formados ali. E a Angélica... o marido dela morreu. Morreu muito novo. Morreu com vinte e sete anos. Ela ficou viúva com vinte e sete anos. E ele aqui em Portugal e ela lá. Ele tinha vinte, o pai dele estava cá. O Brasil estava numa época má. Foi na altura do Fernando Collor de Mello ser presidente, em que eu fiquei só com treze por cento do meu salário muitos meses. Eu sobrevivi. Nessa altura, o marido dela veio. Falou com ela na sexta-feira. Deitou-se. Vivia com uma tia em Carnaxide, pertinho da SIC. Ao outro dia, a sobrinha foi acor-

dá-lo. Era cerca de uma hora da tarde e ele não acordou. Ele morreu a dormir. Vinte e sete anos de idade.

Mas, ela chateou-me:

“ _ Ah! Anselmo! Você podia ser monitor de materiais de construção! Você sabe tanto de materiais de construção civil. Podia ser monitor.”

Porque lá havia a cadeira de materiais de construção civil do curso de Engenharia Civil.

“ _ Ó gente, eu trabalho o dia inteiro como é que posso?”

“ _ Não, arranja...”

“ _ É pá, como é que vou atender os alunos de dia?”

“ _ Não, a gente faz uma coisa. “

Porque ele era assistente.

“ _ A gente diz aos alunos de dia para vir cá à noite! Para fazer monitoria.

E eu, ainda não queria. E, o professor na época, chama-se Ercio Thomaz, que é um dos primeiros homens deste mundo que escreveu sobre fissuras difíceis. O primeiro livro dele foi editado em mil novecentos e oitenta e nove. Tem um desenho meu e ele ofereceu-me o livro em mil novecentos e noventa. Tem uma dedicatória. Nunca li o livro. Pronto, ele deu-me mas eu... não era... Eu hoje estou a trabalhar na área de fissuras. Muita gente aqui em Portugal citou o livro dele. Até dentro desta Universidade. Dentro deste Departamento, que entrou como bibliografia. Nunca ninguém leu o livro. Eu tenho o livro. Ah! Essas pessoas que o citaram já o quiseram ler e já o leram. Está aqui. Ele agora voltou a enviar-mo, que eu tive com ele no dia dezassete de dezembro. Ele veio cá à Europa e eu estive com ele, e um ilustre professor da Universidade do Porto que é o presidente do Colégio de Engenharia Civil da Ordem dos Engenheiros, é o diretor do programa Doutoral da Faculdade de Engenharia Civil da Universidade do Porto, que é o Dr. Vítor Abrantes. São... eles eram amigos e agora ficamos os três amigos.

Então, eu acabei por ser monitor. Fazia monitoria e fazia...eu já tinha feito a cadeira. Fiz a cadeira no terceiro ano. Estava no quarto ano de engenharia. Ainda tinha o

quarto, quinto e sexto para fazer. Fiz monitoria três anos. Só que a certa altura, o professor como ia de S. Paulo e eu estava a viver a numa cidade a noventa quilómetros. Ele tinha... pronto, ganhou uma confiança tal comigo que me ligava para a empresa à segunda-feira e dizia:

“ _ Olha, Manuel?”

“ _ Sim, Ercio...”

Não nos tratávamos por “professor”. Não havia isso.

“ _ Olha, Manuel, você tem aula na quarta-feira à noite?”

Tenho isto, ou tenho aquilo, ou não tenho aula ...

“ _ Faz um favor para mim?”

“ _ O que é Ercio?”

“ _ Dá aula para mim, que eu não vou!”

E eu dava aula na vez dele. Ninguém sabia.

Investigadora: Compensava-o de alguma forma?

M. – Não. E eu nunca quis compensação. Não. E as notas que eu tive com ele foram normalíssimas. Ele hoje considera-me um amigo. Um amigo do peito. Eu ligo para casa dele à noite ele às vezes está a dormir, quando eu ligo daqui para casa dele. E ele liga para mim. Somos amigos. Eu sempre fui um pouco desin... não... eu preciso de dinheiro para viver. Mas, eu hoje passo necessidades. Eu não vou desviar, só vou dizer. Eu hoje estou a fazer Doutoramento, as propinas são pagas por esmola. São dois amigos meus que me estão a pagar as propinas que eu não tenho dinheiro. E a reforma que eu tenho, às vezes não me dá para pagar as despesas do mês. Eu ganhei muito dinheiro nos últimos quatro anos que estive na Amazónia brasileira a convite. Voltei ao Brasil. Eu estive no Brasil dezassete anos. Formei-me em noventa e um com dezassete vírgula sete de nota. Vim para Portugal em mil novecentos e noventa e seis. Fui inscrito... o meu nome consta do Diário da República como um dos profissionais estrangeiros que se podia inscrever na Ordem dos Engenheiros em Portugal. Nunca me deixaram inscrever. Isso é tudo política. É tudo mentira. Nunca me deixaram inscrever. Uma empresa que me deu

emprego, através de amigo, que se não, não tinha emprego. Eu fui para o Alentejo fazer uma estrada. Eu fui fazer parte da Via do Infante. Eu fi-la. E não há reclamações. Eu no fundo estava a exercer, a fazer o exercício legal da profissão, que eu não era engenheiro. Mas as empresas aceitavam. Eu não assinava como diretor de obra, então... Vim aqui para cima. E entretanto essa empresa foi abaixo que era o grupo “Sonec” que era um grande grupo. Pelo dono ser bom, os assessores dele vigarizaram-no e afundaram a empresa. Eu saí, fui para uma empresa que eu tinha contratado uma vez como minha subempreiteira. Fui para lá, fiquei oito anos. Eu e o meu colega levantamos aquela empresa. Trabalhávamos de dia e de noite. Em noventa e nove comecei a levar os serviços aqui da Universidade de Aveiro para ensaiar provetes de betão porque estava a fazer uma obra pública, no quartel na GNR de Sangalhos e o cliente exigia que os cortes de prova fossem iniciados num laboratório creditado. A Universidade de Aveiro não tinha... isto, ainda se chamava... não era Departamento de Engenharia Civil. Era Secção Autónoma de Engenharia Civil. Não estava ainda acreditado pela Ordem, mas eu fazia os ensaios. Como o dono da obra aceitou que fossem feitos na Universidade de Aveiro, eu comecei a ter contato aqui com a Universidade. Na altura ainda havia uma distância muito grande empresa/Universidade. Mas não era só culpa das empresas. Das Universidades também. Elas olhavam um pouco de lado para os empreiteiros. E eu já disse isto a um sub-reitor. Mas, eu vim aqui. Em mil novecentos e noventa e nove, a minha esposa vendeu-lhe uma casa, porque ela tinha... embora ela não tenha curso aqui em Portugal, ela pode fazer mediações imobiliárias, porque ela tirou o curso no Brasil. Não lhe deram equivalência aqui. Nós montamos uma imobiliária aqui. Eu é que era, como engenheiro, aceitaram que fosse o responsável. Ela hoje pode, porque ela fez créditos, então ela pode dirigir. Nestas coisas todas, por coincidência, houve um professor daqui, um catedrático, que ainda hoje cá está, não vou citar o nome, ela vendeu-lhe uma casa. E, na conversa com ele...

“ _ O que é que faz?”

“ _ O que é que o seu marido faz?”

“ _ O meu marido é engenheiro, é engenheiro não Sr. Doutor...”

Que ela trata-o por Doutor.

“ _ Ele exerce engenheiro mas não está inscrito porque ele é formado no Brasil. Mas, pronto, vai tendo emprego, ganha bem. E, pronto.”

E eu tinha pedido a um amigo, um colega meu de trabalho, que conhecia gente na Universidade de Coimbra:

“ _ É pá! Pega no meu book da faculdade onde eu me formei e vê o que é que é preciso para pedir equivalência.”

E, aquilo demorou uns meses. Até que eu fui ter com esse professor que era da parte das equivalências. E ele disse-me:

“ _ Olha Anselmo, eu olhei aquilo bem. Eu nem sei onde está isto, que nasceu-me um filho agora.”

E eu disse:

“ _ Olha, está acolá. Porque está com uma cor esquisita que a capa é cor-de-rosa.”

O curso de engenharia... a capa era cor de rosa! Que era o curriculum do curso.

Ele disse:

“ _ Olha, Anselmo, eu vou-te ser sincero. Isto não é... sem falsa demagogia. É assim, se tu tivesses um diploma que dissesse assim: Universidade Federal de Pernambuco.”

Perdoem os indivíduos de Pernambuco e a esse senhor também, mas ele quis dar o exemplo e não a criticar a empresa.

“ _ Universidade Federal de Pernambuco. É pá, é muito fraquinha, apesar de Federal.”

Como as nossas governamentais.

“ _ É pá, é muito fraquinho, mas eu era obrigado a dar-te equivalência, Agora, Faculdade de Engenharia de Sorocaba?! Nem vou dar! Nem conheço! Nem vou olhar. Ela é particular. Olha, eu vi uma coisa: tu tens mais horas, tens uma carga maior de mecânica de solos do que nós damos aqui. Isso, eu já vi... mas, eu não posso... Olha, matricula-te aqui na Universidade. Nós damos-te equivalência a algumas cadeiras e tu fazes as outras.”

Mas eu não fiquei satisfeito. Com essas coisas, esse professor daqui acabou por me dizer:

“ _ Olhe, traga-me os documentos do seu marido. Que eu vou mandar analisar. Pode ser que entre, pode ser que não entre, pode ser que tenha que fazer algumas cadeiras, pode ser... a gente vai ver o que é que...”

Mil novecentos e noventa e nove a Universidade de Aveiro deu-me equivalência plena. E eu fui tentar inscrever-me na Ordem dos Engenheiros. Quando o meu nome já estava publicado em mil novecentos e noventa e seis. Fui tentar-me me inscrever na Ordem dos Engenheiros. A Ordem dos Engenheiros não aceitou porque o curso de engenharia da Universidade de Aveiro ainda não estava acreditado na Ordem mas já tinha formado alunos. Esses alunos, o que é que lhes aconteceu? Tiveram que ou fazer a tese, apresentar a tese de Mestrado integrado de Engenharia Civil, porque entretanto, mudou para o processo de Bolonha, ou então, faziam o exame de admissão à Ordem dos Engenheiros. Eu, talvez por um pouco de orgulho, eu não sou muito orgulhoso mas acho que nessa altura foi por um pouco de orgulho disse:

“ _ Não! Eu não me vou rebaixar.”

Porque eu conhecia alguns senhores da Ordem dos Engenheiros que o gozo deles era ver o desespero de um candidato. Isto não é engenheiro. Isto não é nem ser Humano.

Bem, e eu deixei-me andar. Fui trabalhando, entretanto. Fiz obras que muita gente não fez. Eu fiz o Pavilhão da Água na Expo, desmontei o Pavilhão da Água, reparei, isso foi dado pela Unicer, das cervejas. Foi ela que pagou aquilo. Ofereceu à Câmara do Porto. A Câmara do Porto... nós transportámos para a Câmara do Porto, que eles pagaram-nos para isso, para uns armazéns velhos que tinham sido um matadouro. Hoje é perto do mercado abastecedor. Guardaram lá... as partes de madeira ficaram lá anos! E, como os telhados não estavam bons, acabaram por algumas partes apodrecerem. A Câmara do Porto entretanto lançou concurso para reerguer... A empresa onde eu trabalhava não concorreu porque tínhamos muito trabalho, muitos problemas, problemas técnicos que foram resolvidos na obra que nem a empresa de engenharia conseguia resolver. Resolvemos num conjunto. Eu posso citar quem: O engenheiro Rui Furtado, que é da Afa, Engenharia de Gaia... Afa porque ela foi começada pelo professor António da Fonseca, da Universidade do Porto... embora eu seja amigo do professor António da Fonseca e pelo arquiteto Burmester, irmão do pianista Burmester. Eramos três amigos. O que era para fazer,

a gente fazíamos em conjunto. Dava problemas?! Vamos fazer assim, vamos fazer assado... E levamos aquilo. Entretanto, a Câmara lançou, mas como aquilo nos deu problemas, nós não entramos no concurso. E um dia, alguém da Câmara telefonou. A empresa onde eu estava era de dois sócios que não tinham curso superior. Um deles tinha sido encarregado de obras o outro apontador. Mas pronto montaram uma pequena empresa muito bonita. E a Câmara telefonou:

“ _ Então vocês, foram vocês que construíram o Pavilhão e são os únicos que não concorrem?”

Essa empresa também já não existe. E o homem, um dos sócios que era ligado à produção disse para o orçamentista principal, Virgílio, nem sei se esse senhor já morreu. Há muitos anos que a gente não se fala:

“ _ Virgílio, no preço que a gente ganhou, põe vinte e cinco por cento em cima e manda o preço para a Câmara do Porto.”

Nós não queríamos fazer. Nós tivemos de fazer. A Câmara mentiu à gente. Nós fomos os únicos concorrentes. Remontamos o Pavilhão, está lá no ar.

A estação de Aveiro, aqui, todo o caminho-de-ferro até... desde as Quintãs até Válega foi todo modificado. Os pontões metálicos foram modificados para betão. A estação foi uma estação nova. Tem um túnel ou uma passagem inferior rodoviária, como nós chamamos. Foi construída a parte bruta por um consórcio feito pela Teixeira Duarte e a Soares da Costa, comandada pela Teixeira Duarte, com um diretor técnico que é um individuo extraordinário, Pedro Plácido. Hoje é administrador da construção da Teixeira Duarte. Ele merece, que é um individuo extremamente inteligente.

E os acabamentos da estação, pronto, isso é outra obra. Os acabamentos da estação, como tinha depois as portas, os vidros, as escadas rolantes, os elevadores foram os empreiteiros... Casais, de Braga.

E eu fiquei até ao final de 2005 nesta obra. Primeiro com uma equipe, eu era logo o responsável da construção civil, edificações, obras de arte, são pontes, e baixa tensão. E tinha um diretor... um diretor... mandava em mim e mandava nos outros todos. Ele acabou por ir embora e eu fui o último a abandonar a obra. Eu fui tão mau, que tenho uma carta de recomendação assinada pela REFER. Sou o único que tenho. Único.

Depois fui convidado para ir para a Argélia e eu fui para a Argélia. Primeiro, fazer uma barragem. E, fui pela Teixeira Duarte. E eu, não me senti bem, porque o país era muito difícil. Não só pelo país, era pelas dificuldades do país, pelas dificuldades de entrar numa empresa nova no mercado. Nós não conhecíamos bem. Com todas aquelas dificuldades, eu não me sentia à vontade, embora tivesse todo o apoio da empresa. Eu não me senti à vontade e senti-me...eu senti-me incapaz. Fui eu que me senti incapaz, nunca ninguém me chamou. Fui incapaz...considere-me incapaz de aguentar aquilo porque a obra não andava, ela não podia andar, mas por força das circunstâncias. Ninguém andava atrás de mim e eu pedi para me mandarem embora. E houve um senhor, que até esteve muito doente... o engenheiro que na altura era ele o meu diretor de produção me disse:

“ _ Ó Anselmo, tudo bem. Podes ir embora da Argélia. Não há problema nenhum. Só te peço que esperes que ponha um individuo no teu lugar. Podes fazer isso?”

“ _ Posso. Arranja, que ele quando vier, eu faço sobreposição com ele.”

Transmiti as coisas todas ao João, foi ele que foi para lá. E, a Teixeira Duarte disse o seguinte...esse senhor:

“ _ Ó Anselmo, tu vais-te embora. Mas, tu não vais sair da Teixeira Duarte ainda. Vais sair da Teixeira Duarte quando acabar o contrato. Sou eu que te estou a mandar para Portugal, não és tu que estás a pedir a demissão. Eu vou-te mandar para Portugal. Tu ficas na Teixeira Duarte. A ganhar do salário da Teixeira Duarte.”

O salário base, não com as ajudas de custo. Mas, já era muito bom. Muito bom salário.

“ _ E, ficas estes meses, faltam seis meses, ou quê para acabar, para arranjares emprego e assim tu vais vivendo com a tua família.”

E, assim foi. Entretanto, eu, ainda estava na Argélia, há uma empresa com quem eu tinha trabalhado a par, uma empresa de Engenharia e Fiscalização de obra que me convida:

“ _ Anselmo, você não quer ficar na Argélia? Vai fazer fiscalização de um caminho-de-ferro de cento e cinco quilómetros. Tem das coisas que você gosta: tem vinte e nove pontes!”

E eu lá fiquei a fazer... Ah! E fizemos um contrato até diferente, aqui em Lisboa.

“ _ O diretor que lá está, não quer lá estar. Veio-se embora. Quem lá está provisoriamente, ou melhor, interinamente, é o individuo das obras d’arte, das pontes. Mas o cliente não o quer aceitar para ele passar a ser diretor. Então... é pá, vamos fazer uma coisa: autorizas que a gente mande o teu currículo para lá e te nomeie como diretor?”

“ _ Autorizo, mas tem uma coisa...”

“ _ Vamos fazer esse contrato. Nós vamos mandar o currículo. E vou fazer contrato contigo... fazemos contrato já! E é assim, se no decorrer deste tempo, a Anesrif (a empresa estatal de caminho de ferro) aceitar o Carlos Escario, que era o engenheiro que lá estava, um engenheiro que até já tinha estado em França e tudo... se entretanto aceitar a passagem dele como interino, para efetivo, tu não vais como diretor. Ficas tu com as obras de Arte. Se não aceitarem, ficas tu como diretor.”

E eu fui para a Argélia sem saber o que é que ia fazer. Trabalho... que trabalho... não sabia se...

Ao chegar lá eles tinham aceite o Escario, e para mim até bem, porque ele falava melhor o francês do que eu. O Escario ficou e eu fiquei nas obras de Arte.

Em... final de 2008, um rapaz, um rapaz que ele é pouco mais novo que eu, que tinha sido... engenheiro mecânico brasileiro...que tinha sido meu estagiário no Brasil, liga-me para o telefone particular. Eu tinha vindo... eu vinha de dois em dois meses a Portugal... eu estava em casa, liga-me para o meu telefone particular um número internacional. Enquanto eu via que era um número internacional... mas da Argélia ninguém conhece! Entretanto a chamada foi a baixo. Eu tentei ligar. E respondem-me do outro lado em inglês:

“ _ Yes?”

Eu desliguei. Não! Não é da obra! Isto foi algum engano. Da obra falam-me em francês. Voltaram a telefonar e do outro lado diz o outro:

“ _ Ó portuga!”

E eu respondi:

“ _ Ó mineirinho!”

Ele é de Minas Gerais. Ele chama-se Luís António Ergos. Mas pronto nós...

“ _ Então o que é que se passa?”

“ _ Você, quando saiu do Brasil era para ir para Portugal, porque a sua mãe estava velha. Os seus sogros estavam velhos. Os seus filhos iam estudar você não tinha aqui condições de os pôr em faculdades particulares e nas estatais era muito difícil. E, agora já está a trabalhar no estrangeiro?! Se está a trabalhar no estrangeiro, eu quero o seu currículo. Quero que me mande o seu currículo.”

“ _ Mas, espera aí! Queres que eu mande o meu currículo para onde? Onde é que tu estás? Onde é que você está?”

“ _ Estou na Índia!”

“ _ Estás na Amazónia, rodeado de índias!”

“ _ Não, estou na Índia, Índia mesmo!”

“ _ Ah! Estás a fazer o quê?”

“ _ Sou diretor que uma fábrica de Austen.”

“ _ Então para que é que quer o meu currículo?”

“ _ É que gente como nós a trabalhar no campo das comportas e tudo, já há poucos. Então, eu quero ir de férias... já estou há quatro anos fora de casa, embora eu visite a minha família, eu quero ir para o Brasil. É pá, como você anda pelo estrangeiro vem você para o meu lugar. Eu como vou de férias, vou ir a Paris, já deixo lá o seu currículo na sede da empresa.”

Na semana seguinte...na semana seguinte telefonou-me um individuo brasileiro, formado no Instituto Superior Técnico de Lisboa, engenheiro mecânico, diretor de uma empresa chamada Berbel, a maior metalomecânica do Brasil.

“ _ Anselmo, você foi convidado para ir para a Índia, mas não vai!”

Ele já sabia. As notícias correm, né?!

“ _ Não, não. Se você vai para o estrangeiro, então, você vem para aqui que eu sei que você gosta daqui! É a terra das suas filhas e você considera isto a sua terra. Então, é para aqui... Eu lanço-lhe um desafio: Você vem para aqui mas não vem para a sede da empresa. Vai construir uma fábrica nova no norte do Brasil e vai dirigi-la.”

Eu aceitei e fui quatro anos para o meio da Amazónia. Para uma cidade, é claro. E, fui para lá.

Entretanto, eu voltei a Portugal porque eu já tinha mais de sessenta e cinco anos, e no Brasil quando eu cheguei em setenta e cinco não aceitavam pessoas nos cargos de gerência, diretores com mais de sessenta anos. Não aceitavam. Dispensavam.

As jovens, meninas, quando podiam ser secretárias... podiam ser meninas que serviam à mesa, se diziam que iam casar, despediam-nas. Isto era tempo da ditadura no Brasil, também. Era assim que funcionava. No nordeste do Brasil, havia empresários que exigiam a declaração de um médico em como tinham laqueado as trompas a uma mulher que era para ela poder ser empregada. Se não, eles não queriam. Isso fazia-se no Brasil. Ainda hoje, se faz nalguns países. E eu, disse-lhe, quando ele me convidou... disse-lhe:

“ _ Olhe, eu tenho mais de sessenta anos!”

“ _ Não faz mal! Eu tenho a tua idade e ainda estou aqui! Vem.”

E eu fui. Aos sessenta e cinco anos eu tinha conseguido vencer uma etapa, que nós, talvez com as minhas maluquices ou com a minha experiência... não sei se com um pouco das duas, eu consegui quebrar todos os paradigmas de montagem de comportas e fizemos a montagem de dezoito comportas, cada uma com quatrocentos toneladas, a tempo de não perder um ano de trabalho... de período de barragem, o que se chama de janela hidrológica. Ou seja, quando se faz o desvio de um rio tem de ser quando há menos água. E íamos perder o tempo... que estávamos atrasados. Não éramos nós! Foi um conjunto de circunstâncias. Foi... quinze mil trabalhadores revoltarem-se e incendiarem...incendiarem os alojamentos. Os trabalhos pararam. Isto são milhões e milhões de euros de prejuízo...lá eles trabalham em reais, mas no fundo é convertido em euros ou dólares, ou o que quer que seja. Isso, no fundo, acaba por ser o povo que paga.

Eu consegui com que nós fizéssemos... e o presidente da empresa, mais novo do que eu, que por acaso tem dupla cidadania, ficou todo contente quando recebeu, porque tem família portuguesa, de origem portuguesa. Mostrou-me o bilhete de identidade:

“ _ Já sou teu patrício!”

Ele disse:

“ _ Anselmo, quando saíste daqui nós demos-te duas placas de prata. Eu não vou dar-te nenhuma. Mas tu vais para casa. Vais para onde quiseres, já fizeste o que tinhas de fazer.”

E eu vim, vim para Portugal. Tinha a minha casa e as minhas filhas estavam aqui, a minha mãe, entretanto, tinha morrido. E eu acabei por vir para aqui. Mas eu, para ficar em casa... O que é que vou fazer? Eu não conseguia emprego. Ninguém me dava emprego. Eu cheguei a oferecer-me para guarda-noturno. Tenho de ter um curso... ninguém me aceitou. E eu precisava... eu precisava de ter um salário mínimo nacional por mês que era para cobrir as despesas que eu tenho.

Investigadora – Porque cá não tem reforma...

M. – Tenho! Tenho uma reforma daqui junto com duzentos e cinquenta euros do Brasil. Mas as duas reformas são as duas pequenas. Pode-se considerar que... eu vou falar toda a verdade: se fosse numa situação normal, as duas reformas dariam para eu viver. As duas reformas dão cerca de mil e quinhentos euros por mês, mil duzentos e pouco daqui e duzentos e cinquenta do Brasil. O que acontece é que aqui tenho de pagar imposto de renda, porque há uma retenção na fonte, mas depois quando chega ao final tem sempre os acertos, tenho de pagar IMI, tenho de pagar... Eu, os últimos anos eu ganhei muito bem e eu queria fazer um pé-de-meia para me ajudar agora no fim, e eu fiz. Eu cheguei a ganhar limpos... limpos... no Brasil, e a colocarem o dinheiro aqui, com casa mobilada, com carro, com... com tudo, com quatro vezes viagens a Portugal, ganhava dez mil euros por mês limpos. Mas eu para ajudar uma filha minha, montei uma clínica para ela, a par com o governo, como sócio do governo. Eu fui obrigado a manter a clínica com o meu salário. Não pagava à minha filha. Pagava às empregadas, que eu fui obrigado a abrir postos de trabalho. Modificamos a clínica por exigência da Administração Regional de Saúde, do Ministério da Saúde. E, o Ministério da Saúde, até hoje, nunca abriu

convénio connosco. Nós precisávamos de massa para a clínica poder sobreviver. Só com os particulares não sobrevivia. Eu sustentei a clínica até ao último dia. Eu, porque a clínica não estava no meu nome, estava em nome da minha filha e da minha mulher. Nós acabamos por entregar a clínica ao dono do espaço porque nunca lhe pagamos aluguer. O homem pagou multas às finanças porque tinha uma declaração de que tinha alugado mas não recebia dinheiro. Ele nunca declarou porque também não o recebia. Mas foi multado assim mesmo. O senhor hoje... pediu à minha filha para não desmontar o nome da clínica, voltou a abrir a clínica... ele... porque tentou vendê-la, não conseguiu. Quis reabrir, quis ser sócio da minha filha. A minha filha disse que não queria ser sócia, disse que queria ser empregada. Ele disse que não sabia nada daquilo. Ela é empregada dele, mas é ela que toma conta. Ele disse:

“ _ Eu não quero saber! A clínica é tua!”

Agora estive três anos parada.

Mas eu vim. O que é que eu vou fazer? O meu genro, o marido dela, é um projetista e há um engenheiro civil que lhe assina os projetos, que ele não é engenheiro. Já lhe disse... já o incentivei a fazer um curso de arquitetura porque ele tem muito jeito. Ele tem jeito para arquitetura e para engenharia civil. Ele faz os cálculos. Não precisa de nenhum engenheiro para lhe fazer. Ele faz sozinho. Eu reconheço isso. Mas a pessoa que é sócia dele, que é esse engenheiro, acho que extrapolou. Fez uma vida... deu um passo maior que as calças permitiram. Arruinou o próprio pai. Pronto, não houve maldade com o pai, mas, os desvarios levaram a consumir a empresa. O meu genro, com medo, disse:

“ _ Inscreva-se na Ordem dos Engenheiros que eu pago.” Eu para me inscrever na Ordem dos Engenheiros, com todas as políticas, eu não podia. Eu tinha que fazer um Mestrado. Então, vim aqui, inscrevi-me. Só tive de fazer a tese.

Investigadora – Em que ano?

M. – No ano passado. No ano letivo 2013/2014. Vim aqui. Inscrevi-me. Conversei com a orientadora. É pá, eu só fiz amigos aqui. Conversei com a orientadora, umas três ou quatro vezes, não mais do que isso. No início, até diziam... como ela é muito boa profissional... mas como orientadora não fosse a pessoa ideal. Olhe, eu não tenho razão de queixa! Hoje somos amigos. Ela não quer que a trate por professo-

ra. Somos amigos. Eu faço trabalhos, às vezes de curioso para lhe dar e ela agradece-me. É cultura. Ela não os usa... ela não os usa, que eu vejo! Vim para aqui. Fiz a tese. Defendi em julho do ano passado, de 2014. Tirei dezasseis. Mas, tirei dezasseis por uma razão: faltou-me um mínimo, como em qualquer tese. A tese pelo tamanho de quatro teses que fazem normalmente, de volume. Mas eu fiz a análise a quarenta casas. Quarenta casas com as fachadas azulejadas. O tema foi Patologia em fachadas azulejadas em Aveiro. Eu fui até à última... até onde pude... eu fiz até a sequenciação para obter DNA de caracteres que estavam sob vidro. O que se dizia que não havia. Houve. O arguente é um indivíduo extremamente inteligente... dez minutos... Ele ajudou-me muito, e acabou por ser meu arguente, e eu nem sabia que ele ia ser meu arguente, nem ele. Eu mal... numa conversa com ele, que eu pedi-lhe ajuda... numa conversa de dez minutos com ele, parecia que eu tinha tido quinze dias dela. O homem é extraordinário. E, eu acabei por provar, junto com ele, que uma própria afirmação dele na tese de Doutoramento dele, há muitos anos atrás, não estava correta. E ele louvou-me por isso.

Investigadora- Ah, já percebi .Sim. Infelizmente, ...

M. – Não... deram-me os dezasseis por acordo. É pá, tudo bem, eu também... é assim, é uma tese de Mestrado... mas, eu também já sou um indivíduo que tinha....profissional. Quer dizer, eu não preciso de tanto incentivo, nem fiquei chateado com a nota. Nem... nada... nada por isso. Deram-me dezasseis. Como eu tinha a equivalência foram buscar a nota que eu tinha e acabei por ficar como sendo engenheiro formado na Universidade de Aveiro com dezassete, nota final de média de curso. Eu estava em casa sem fazer nada. Vou fazer o quê? Não, eu vou viver a vida académica. Então, eu, só estudei dos trinta e oito aos quarenta e quatro. Eu não via as minhas filhas. Via-as de noite a dormir. A minha mulher foi o meu pilar. Foi a minha escora. Eu estudava aos fins de semana. A minha mulher tirava as crianças de casa. Tenho duas meninas, uma é da sua idade, tem trinta e três anos e está na Inglaterra, é enfermeira. Está muito bem. Também já fez duas ou três especializações. Ela é dedicada. É a profissão dela. Ela faz aquilo por gosto.

Investigadora – E a mais velha?

M. – A mais velha é fisioterapeuta. A minha mulher, no início quando... pronto, quando comecei a estudar, Cálculo, por exemplo... quantos anos eu passei sem estudar? Desde menino até aos trinta e oito anos! E eu dava o caderno de aponta-

mentos à minha mulher, e lá ia estudando, e a minha mulher com o caderno. Mas ela, coitada, não sabia:

“ _ Eu não sei o que estás a dizer, mas aqui tem escrito cobrinha, cobrinha...”

Sabe o que é que era a cobrinha, cobrinha?

Investigadora – Iniciais?

M. – Não. Integral dupla. Se era uma cobrinha só, integral simples. Se era integral dupla, cobrinha, cobrinha. A minha mulher ajudava-me assim. E sempre foi... aliás, a minha mulher e as minhas filhas. Mas, a minha mulher doou-se. É uma mãe extraordinária. Uma mulher linda. Tem sessenta e dois anos. Não parece. Felizmente. Mas, é a minha maior fã. E eu sou fã dela. Ela é a minha maior fã. As minhas filhas, então são... E vim para aqui... Nós temos dificuldades, e ela:

“ _ Vais! Vais! Vais!”

E, aqui ando. Vim fazer um Doutoramento. Estou a fazer um Doutoramento. Apanhei um jovem inteligente como meu orientador. Quase nunca fala comigo, que ele não tem tempo. A gente telefona. A gente fala à noite. Por telefone de casa. Um dia destes, eu fui a casa dele para conversar com ele, que há muito tempo... ele anda no estrangeiro, pronto. Tem a vida dele. Muito atribulada, porque ele é muito trabalhador. A tese de Doutoramento dele, ele fez em Coimbra em Engenharia Civil foi premiada na Europa. Então, ele não é um Zé Maria. Ele... eu conversei com ele há dias, tive que ir daqui do Departamento, do segundo andar, acompanhá-lo ao carro, que foi o tempo que ele teve para falar comigo, porque ele ia à pressa apanhar o avião para a Alemanha. E, da Alemanha foi para o Brasil, onde ele estava. No sul do Brasil. Então, estou eu a ajudar uma orientanda dele que já está a fazer Mestrado e ele pedia-me:

“ _ Tu ajudas, mas não fazes a tese da menina!”

“ _ Não. Tá bem. Eu não faço a tese.”

E não faço. Ajudo no que posso. E vim.

Investigadora – E porque é que se inscreveu no Doutoramento? Qual foi a razão?

M. – Foi porque o Mestrado, aqui cabe o seguinte: o Mestrado eu fi-lo para poder inscrever na Ordem dos Engenheiros, já estou inscrito, para poder ajudar o meu genro. No Brasil eu ajudei-o, porque no Brasil os projetos... Porque ele já teve um projeto lá, está registado... Tem patente registada no meu nome. Aqui, é para ele estar coberto, se ele eventualmente... ele se zangar com o sócio dele, o que provavelmente ocorre, não por ele querer, mas porque o sócio vai abandonar. Sócio, que não é sócio, que ele não tira dinheiro nenhum. Que eles não tiram dinheiro. Então, eu estou de suporte. Ele nunca me pagou isso, porque eu tive de pagar. Eu é que lhes ajudo mesmo assim.

Mas, fiz o Mestrado. Gostei. Eu gosto do ambiente. Eu vivi a época académica da minha filha mais nova. Porque ela participou de tudo. Ela era da Tuna. Ela era de tudo. Ela era das festas. Era da Queima das Fitas. Era de tudo.

Investigadora - Aqui? Foi aqui?

M. – Não, ela fez em Portalegre. Não quis vir para aqui. Eu entrei aqui. Eu gostei do ambiente. E eu ia ficar em casa a fazer o quê se eu não tenho trabalho? Vou ficar como um velho sentado no sofá a ver televisão? Não. Eu tenho... Eu acho que a minha cabeça ainda tem validade. Ainda serve. E eu ando aqui: primeiro, porque gosto. Segundo, para deixar alguma coisa para quem vier depois de mim. Se eu tenho cabeça para isso, porque é que eu não hei-de utilizar? É que eu acho... Eu tenho um conceito... Eu dou a minha camisa a quem quer que seja. Eu sou voluntário na Universidade Sénior, dou aulas. Que eu também não considero que aquilo seja uma Universidade, tal qual o meu colega o disse, no seu conceito de Universidade.

Investigadora – As funções são...

M. – Diferentes. Embora eu, as aulas que dou, são quase como se fosse uma Universidade. Porque eu exijo...

Investigadora – Porque é exigente!

M. – Eu exijo as coisas. Mas, claro, não vou exigir a uma pessoa de oitenta anos, ou de setenta, a mesma coisa que eu vou exigir a um... Mas, não é... não é uma Universidade!

Investigadora – É professor de quê?

M. –Eu dou Estudo de Desenvolvimento Local. Já fiz, eu e os meus alunos, quatro projetos, que estão aprovados e com dinheiro doado por empresas. Para implementação. Também ajudo, sou da direção da Universidade, da Universidade Sénior de Cacia... Universidade Sénior de Cacia. Porque em Cacia nós temos o que se chama Instituto de Desenvolvimento e Estudos de Cacia, que no fundo é o mantenedor da Universidade Sénior.

Investigadora – Mora em Cacia?

M. – Não, eu moro aqui em São Bernardo. Eu sou de lá. Eu sou de Sarrazola. O diretor daquilo é um amigo de infância e ele foi diretor da Segurança Social. Agora não é. Está reformado. E nós é que tocamos o barco daquilo. Pronto. E, muito bem.

Investigadora – E o que é que acha dessas duas opções, a Universidade Sénior e a Universidade de Aveiro, por exemplo. Complementam-se ou são excludentes? Qual a sua opinião?

M. – Não, não. Não, Não. Elas poderiam... Poderia até haver uma ligação maior e nós estamos a tentar fazer isso. Por mero acaso, e através de uma técnica superior aqui dos Serviços Académicos, conheci uma professora, professora-doutora, aqui da Universidade... Já estamos a trabalhar para nós fazermos uma espécie de um convénio, para os estudos que se fazem aqui, com coisas desenvolvidas para idosos e mais ligadas às Universidades Seniores... Porque têm frequência de pessoas e são acompanhadas, fazer desde equipamentos que monitorizam os idosos, o coração à distância, a experiência com o envelhecimento ativo. Nós estamos a querer juntarmo-nos a vamos para a frente. Já tivemos o contato. Temos um convénio agora vamos fazer outro. Mas, eu considero que não é Universidade. Mas, então, ganhei gosto e pensei vou deixar alguma coisa para os outros. Então, resolvi fazer uma coisa por desafio desse miúdo, que eu adoro, Professor Romeu Vicente. Fazer uma coisa: que o professor dele, o que foi orientador dele que, por sua vez é considerado um dos papas da reabilitação em Portugal, foi orientado pelo tal que falei há pouco, o professor Vítor Abrantes da Universidade do Porto, eles já há anos que eles andam de volta das fissuras, a um tipo... A um tipo de reabilitação, que se chama reabilitação em ponte. Ela existe. A técnica existe. É aplicada. Mas nunca foi dimensionada. É empírica. Então, eles desafiaram-me a que eu dimensione. Então, vou pegar no trabalho deles todos e vou tentar dimensionar com a ajuda deles todos, claro. E vou fazer. Vou andar para a frente. Para deixar... Para deixar alguma

coisa para trás. Porque eu não vou trabalhar sem defender. Se eu fizer o Doutorado em três anos, que é o que eu quero fazer, toda a gente sabe.

Investigadora – Quando é que espera acabar?

M. – Dezassete, mil novecentos e dezassete...

Investigadora – Dois mil e dezassete...

M. – Dois mil e dezassete, porque os quatro anos dava dois mil e dezoito. Dois mil e dezassete, eu faço setenta anos e, eu já nem posso ser professor universitário. Aos setenta anos vai para a rua, não é? Não pode ser professor na Universidade depois dos setenta. Mas, não é por isso. Eu, depois nessa altura, tenho de arranjar alguma coisa e eu já tenho o desafio de um colega meu, de montarmos uma coisa. Os dois somos da mesma idade. Mas, eu não vou parar. Enquanto tiver força não vou parar. E eu tenho tempo de ajudar os colegas, de escrever trabalhos para colegas, coisas que não sabem, por exemplo, eu conheço metalurgia. Há dias, descobriram umas coisas no Buçaco, em que as argamassas que eles encontraram contêm resíduos de escória de alto-forno, que é de siderurgia. Eu fiz um trabalho de história de alto-forno porque eu trabalhei nisso, para uma mestranda. Ela se calhar... Eu, com muito mais facilidade porque trabalhei com metalurgia, ia obter esses dados. E dei à menina. Ela não pediu nada. Eu dei-lhe. E eu faço isso.

Há dias estava um professor aqui, ia ser entrevistado pela televisão. E, ele queria fazer uma experiência com água, porque ele é de hidráulica. Ele já é reformado. Já é aposentado, o professor. Embora conste o nome dele aqui, mas está como aposentado aqui no Departamento. A água transparente na televisão não chama tanto a atenção. Então ele, o que é que usou? Ele pegou numa coisa daquelas dos vasos sanitários, daqueles desinfetantes...

Investigadora – WC Pato, ...

M. - Sim, isso. Só que não saiu o azul que ele queria. Ele queria a água azul. E eu ia a passar. Ele conhece-me. Nós tivemos pouco contacto aqui, porque entretanto ele já se tinha aposentado. Eu passei e perguntei:

“_ Ó professor, o que é que vai fazer aí?

_ Não, é que eu vou fazer uma entrevista para a televisão e não consigo pôr a água assim com uma cor azul, porque isto aqui não dá a cor azul que eu quero!”

E eu fiquei com aquilo na cabeça, e ia almoçar. Peguei no meu carro, fui almoçar. Pelo caminho lembrei-me. Já sei como é que eu faço!

Investigadora – Comprou um corante?

M. – E é uma coisa muito simples Fui lá comprei. Vim aqui, pus no laboratório e fui almoçar. Telefonei. Pedi o telefone dele que eu não tinha:

“_ Professor, em cima da máquina que o Sr. vai trabalhar, está lá um papel crépon azul. O Sr. pede à sua assistente para pegar um balde de água, e ir molhando o papel. O papel vai largar tinta Se quiser mais escuro, joga aquele papel fora, pega noutro e mergulha também. Vai mudando.”

Comprei cinco embalagens. O filme apareceu um dia destes na televisão, na RTP1. Com a água azul. Ele disse:

“_ A prática... Quem tem prática, tem prática. Parabéns!”

Porque eu sou... Era isso que queria dizer há pouco. Sou apologista... Só que isso é meio utópico. Não vou por utopia, mas eu gostaria que a ciência fosse universal. Tudo aquilo que eu descobrisse, ou que tu descobrisses, fosse partilhado com toda a gente. Claro que, todos nós precisamos de viver e quando se fazem descobertas, quando se fazem invenções, a pessoa tem de ser ressarcida e tem de ser recompensada. Tudo bem. Mas se todos vivêssemos, suficientemente, já não digo... Acho que a ciência devia ser universal. Eu faço isto, o Doutoramento, é para isso. Desde que eu era novo que eu digo... Que eu digo isto que vou dizer agora.

Eu fui acusado de, no Brasil, por colegas portugueses, de:

“_ Tu ensinas tudo aos brasileiros!”

Eu estava a transferir tecnologia. Era a minha obrigação! Até moral. Mas técnica era. E eu disse:

“_ Olhem meus amigos, eu ensino tudo a qualquer pessoa e só há duas maneiras das pessoas me ultrapassarem: ou porque eu durmo, ou porque elas são inteligentes

tes. Agora, meus amigos, eu dormir não durmo, e se eles forem mais inteligentes do que eu, só tenho de lhes dar os parabéns.”

E ainda hoje continuo a pensar assim. Tudo o que eu souber, eu transmito a quem não sabe. E não gosto de protagonismo.

Eu tenho... Eu tenho uma voz muito estridente. Parece que estou a discutir. A minha voz é muito alta. Mas, não. Eu dou a minha camisa. Eu dou a minha camisa. E, ainda tenho tempo para... Eu fiz do jardim do prédio uma horta!

Investigadora – Consegue conciliar o tempo que despende com o Doutoramento e com outras atividades?

M. – Eu consigo! Eu arranjo tempo para tudo. Eu durmo quatro horas por noite. Mas isso...

Investigadora – E tem o apoio da família?

M. – Tenho! A minha esposa já não me diz nada, porque eu durmo pouco, eu acho que tem alguma coisa a ver com hereditariedade, porque a minha mãe também dormia pouco, desde que eu era criança. A minha mãe sempre dormiu muito pouco. Não sei se tem, se não tem. Inclusive, antes de eu vir do Brasil, em noventa e dois... aliás, agora em dois mil e doze, porque eu vim em noventa e dois, mas depois, em dois mil e nove voltei. Agora em dois mil e doze, um médico disse:

“ _ Pá, isso não é problema nenhum, porque tu sentes-te bem. Não tens doença nenhuma. É pá, e há pessoas que são assim. Há pessoas que precisam de doze horas para dormir. À medida que se vai envelhecendo, quando o velho começa a ter que dormir muito, não é bom sinal. É sinal de que está pronto, a decair. Está na fase descendente. Mas a pessoa não tem necessidade, se for ativo... Se ele estiver plenamente ativo, não tem necessidade de dormir tanto. Então, como às vezes dormito no sofá, durmo quatro horas por noite. O resto a cabeça está sempre a funcionar. Eu estou a almoçar e a minha mulher:

“ _ Estás a pensar em quê?”

Eu estou com a cabeça constantemente a funcionar. Sempre.

Investigadora – Há uma autora, a Maria João Rosa que tem um livro chamado “Envelhecimento da sociedade portuguesa” e ele refere que antigamente estava em

vigor um modelo de ciclo de vida constituído por três fases: primeira, de formação, a escola. A segunda, a vida dedicado ao trabalho e, a terceira, a reforma, a última fase da vida. Porém, devido às mudanças que têm ocorrido na sociedade, ela propõe agora um novo modelo do ciclo de vida, em que a aprendizagem, a formação, a educação só na primeira fase, está ao longo... Comporta todas as fases da vida. Qual é a tua opinião sobre... Sobre essa proposta de modelo de vida?

M. – Não... Eu acho correta. Eu acho correta. E nós, todos os dias aprendemos. E aprendemos com aqueles nos que parecem ser mais ignorantes do que nós e aprendemos com os que tem mais prática porque a inteligência, para mim é subjetivo. Eu acho que a maioria dos seres, salvo alguns problemas mentais... Acho que o ser humano... Existem. Realmente, existem os superdotados, ou génios, ou assim. Mas de resto, a inteligência existe em cada um de nós. Só que há pessoas que conseguem fazer desenvolver e outras não. Porque o agricultor que nunca saiu da terra dele, da aldeia, ele é que não mexeu a cabeça. Ele não exercitou. Mas, ele é capaz de ter uma inteligência tão grande quanto a minha. E, eu acho que a... Deviam... Nós aprendemos em todas as fases da vida e devíamos fazer força para isso.

Investigadora – Não há um tempo específico para aprender, na vida?

M. – Não. Não.

Investigadora – Pode ser ao longo...

M. – Pode ser ao longo da vida. Pode ser ao longo da vida. Eu já aprendi tanta coisa com sessenta e cinco, sessenta e seis, sessenta e sete anos

Investigadora – E a adaptação foi fácil aqui à Universidade?

M. – Foi, porque eu gosto de me dar bem com toda a gente. Eu bato nas costas de toda a gente. Eu sou por natureza extrovertido. Quando o meio de é... Me é agressivo, como eu tive, infelizmente, de suportar xenofobia quando cheguei a Portugal, à minha terra natal. Eu era engenheiro formado no Brasil, vim para aqui trabalhar, e eu não era bem olhado. Eu sofri xenofobia. Mas, quase, quase... Eu não sou muito dado às letras, embora quando era miúdo lia alguns bestsellers, e tudo, porque era bonito. Nós conversávamos com os amigos e amigas. Então, se eu ia falar de um livro do Eça de Queirós com uma amiga ficava mal eu não saber. Então, eu lia os Maias, como lia os Lusíadas, como li livros do Tolstói. Pronto, li alguma coisa. Mas,

não sou muito... Eu não gosto muito de ler. Não gosto muito de ler. Agora, sou obrigado, mais a investigar. Mas, eu às vezes imprimo, porque eu não gosto muito de ler no computador.

Eu agora quase que me perdi... Quase que me perdi, não. Perdi-me.

Investigadora – Estava a falar da adaptação.

M. – A adaptação, para mim, foi fácil. O ano passado eu já comecei a conviver com as pessoas e este ano...

Investigadora – A relação com os colegas...

M. – A relação com os colegas é excelente. Eu por exemplo, há dias, levei um moço aqui que era da Argélia, e hoje há uma certa coisa pelos árabes que são muçulmanos que eles próprios... Religião muçulmana ou religião islâmica seria a mesma coisa. Eles hoje, os próprios muçulmanos não gostam que usem a palavra islâmica porque ela tornou... Modificou o sentido do Islão. Modificou o sentido da própria religião deles. Cada um tem a sua. Eles também têm um só Deus a quem chamam de Alá. Os católicos chamam Deus, outros chamam Jeová. Mas, é um só. Prontos. É pá,...

Mas eu próprio recebi o rapaz aqui. Eu sou um... Sou um dos melhores amigos dele.

Agora há dias vi um tunisino que acabei por descobrir que é do Instituto de telecomunicações, no supermercado e eu fui falar com ele.

Investigadora - Então fez amigos aqui?

M. - Eu fiz montes de amigos! O pessoal de Angola com quem eu vivo. Eu sou... Eu sou completamente antirracista e antixenofobia. O Brasil tem muitos defeitos. Aquele país tem muitos defeitos. No aspeto do racismo, uma das atitudes mais corretas que eu vi num governo, já não me lembra qual deles foi, que eu cheguei lá no tempo da ditadura e depois mudou, foi a lei que eles criaram: a Lei do Racismo. Um de nós chama preto a um negro, é preso, não tem fiança. Não tem fiança. Se chama mulato, se chamar índio, se fizer conotação pejorativa, é preso e não tem fiança. É crime inafiançável. Assim é que devia ser.

Então, chego aqui há dias, saí do Departamento de Materiais, e uns negros, que estavam lá, abriram a porta:

“ _ Faz favor senhor!”

“ _ Senhor?! Qual senhor?! O senhor está no céu! Então, mas fala-se...?!”

“ _ Não, mas...”

Depois, lembrei-me que, realmente, os colonizados pelos portugueses mantiveram algumas das coisas que aqui em Portugal se mantinham na altura. Ainda... Em alguns lugares ainda se usa o “vossemecê”! Então, lembrei-me que realmente ainda existe isto. Depois, meti conversas com eles:

“ _ De onde é que tu és?”

Diz ele:

“ _ De Angola.”

“ _ De Angola já eu sei! Essa cor... Só se for da praia da Barra!”

Então eu falei assim. Comecei na brincadeira com eles. Então, eu faço assim. Depois, lá fui falar e eles também com alguma vivacidade, eles disseram:

“ _ Eu sou de Sá da Bandeira.”

“ _ Não, tu és do Lubango. Sá da Bandeira era, quando era colónia.”

“ _ Ah, você sabe...”

E diz o outro:

“ _ Eu sou de Silva Porto.”

“ _ Ah, Silva Porto foi onde eu casei.”

Que agora se chama Cuíto. Pronto, e isto, eu próprio... É que é assim: eu cheguei a uma altura que acho que as pessoas têm que se libertar. Eu já fui muito complexo. A minha mulher é que me ajudou. Eu, hoje, se tiver um problema vou falar com o Sr. Reitor. Não tenho problema nenhum. E, já tive necessidade de ir. E ele concordou comigo. Concordou com o que lhe disse porque era uma coisa lógica. Mas, às vezes as leis são feitas... Ou melhor são interpretadas por pessoas que...

É pá... Interpretam muito à luz da... E elas podem ser interpretadas de forma diferente. Às vezes as leis são dúbias. Então, eu tento conversar com toda a gente. Eu converso com todos os professores daqui.

Investigadora – Tem uma boa relação com os docentes?

M. – Ótima!

Investigadora – Que sugestões tem de melhoria para a Universidade de Aveiro?

M. – A Universidade de Aveiro é assim: a Universidade de Aveiro padece dos problemas que muitas das universidades padecem aqui em Portugal. Elas precisavam de ter mais dinheiro. O governo... Hoje, elas modificaram a forma de gestão. O governo não tem... Não pode gastar mais dinheiro. Não vou entrar nas questões políticas se tem, se não tem. Mas, se calhar não tem. Estamos a viver uma crise. Eu não vou dizer de quem é a culpa. Poderíamos estar melhor? Isso, eu sei que poderíamos. Mas a universidade não tem dinheiro. Isso, ela padece. Há um exemplo que depois vou comentar, que aconteceu no Brasil. Também uma atitude de um governador de Estado, que foi a única atitude dele. Ele era um safado! Toda a gente conhece. Tem muitos processos em tribunal. Mas, foi a única atitude certa que ele tomou na vida. Mas, a Universidade de Aveiro, ela, padece como todas as outras desse problema. Então, é pá, nem tudo o que ela poderia dar... Ela não dá. Por exemplo, o caso dos Doutorandos, quando não são financiados pela Fundação Ciência e Tecnologia ou por outras instituições, que não é o meu caso, pago propinas, que são dois colegas que as pagam, e sabe que não é pouco: são dois mil setecentos e cinquenta, fora o desgaste que eu tenho. Parte das propinas não vem, das minhas, porque eu pago propinas... Devia vir para o Departamento, para se comprar equipamento. Não é repassado esse dinheiro. Mas, não é que a reitoria não queira. A reitoria não tem dinheiro. Também é daquelas coisas. Não se pode falar muito bem, que eu conheço um pouco da organização. Porque, por exemplo, se a reitoria repassasse metade do dinheiro das propinas de cada aluno, também são poucos de Doutoramento que estão a fazer como eu, pagas, de resto são de Fundações. O Departamento também era obrigado a pagar aluguer do espaço, à própria reitoria. E, a reitoria não cobra aluguer, está a ver? Então, eu acho que a universidade tem... As universidades, elas têm que se fazer incrementar um pouco mais. Elas já começaram a fazer isso. Incrementar um pouco mais para tentar penetrar um pouco mais na colaboração com a indústria. Mas claro, ser de alguma

forma compensada, com serviços, com... Até pode ser financeiro. É pá, se faz um trabalho científico... Um trabalho científico... Se eu for mandar fazer um trabalho científico eu pago! Se um empresário mandar fazer à Universidade, tinha que o pagar. Que não seja um valor, é pá! Que custa uma coisa dessas?! Mas que haja um entrosamento, uma comparticipação. Pode até ser feito na própria empresa, mas por investigadores daqui. Eu acho que isso devia ser mais incrementado. A outra melhoria que a Universidade, aqui, esta, que eu não sei das outras, que não as conheço, seria... Esta Universidade tem uma série de departamentos com condições muitíssimo boas. Poderia ser melhor? Poderia. Mas, também não precisamos de pedir tudo. Acho que falta um pouco. Aquilo que eu consigo fazer sozinho, que já lhe disse há pouco: vou aos departamentos, entro, falo com uma pessoa. Essa pessoa que eu conheço ou que me dão conhecimento acaba por colaborar comigo e fala com os outros que são da área e eu consigo penetrar nos departamentos, como estou no departamento de mecânica através do Sr. Diretor, e dos outros professores, como estou no departamento de Materiais e Cerâmica, como estou na Física. Eu consigo ter acesso às máquinas, aos equipamentos. Se essas valências todas, ao nível interno da Universidade, mas oficial, fosse implementado... Quer dizer, um entrosamento. Chama-se no Brasil, entrosamento.

Investigadora – Uma articulação...

M. – Uma articulação mais livre, menos formal entre os Diretores dos Departamentos:

“ _ É pá, o meu aluno Tal precisa de fazer isto. Vai ao teu Departamento...”

Isso aí... A universidade, se ela já é boa, ela seria muito melhor. Tem uma potência muito mais... Porque agrega os vários Departamentos para fazer, por exemplo, um trabalho. É isso que eu acho. Sugeri... A um senhor sub-reitor... vice-reitor, e o trabalho que eu estou a fazer, vai servir precisamente como uma das minhas sugestões. Eu sou do Conselho... Sou representante dos Doutorandos no Conselho do Departamento de Engenharia Civil. Pronto, elegeram-me e o próprio... Mudou agora a Direção, saiu o professor Cachim, e o Diretor do Departamento passou a ser o professor Paulo Vila Real, catedrático. O professor Paulo Vila Real que era Diretor do programa Doutoral, pronto, cedeu esse cargo e o professor Cachim, que era Diretor ficou com esse cargo. De qualquer maneira, eu já me dava bem com os dois. E continuo a dar. É a mesma coisa. Mudou. Pronto, é a administração. É a adminis-

tração. Ao próprio professor Rui, ao próprio professor Paulo Vila Real, e isso para mim é como se fosse um agradecimento, disse-me:

“_ Eu preciso da sua ajuda.”

E ele tem lá. Ele tem lá sugestões minhas. Há umas que custam dinheiro, outras podem não custar. Sugestão a gente dá. Às vezes podem ser mais difíceis de implementar, e eu compreendo isso. Já passei por muitos anos de vida. Então, compreendo. Já não sou aquele intransigente. E então, o que eu acho da Universidade é assim: Nós podíamos ser... Ela pode vir, e se Deus quiser há-de ser, uma potência.

Investigadora – Quais são as suas aspirações? O que é que deseja fazer no futuro?

M. – Eu não tenho... Olhe, como eu não posso trabalhar... Não posso trabalhar. Vou tentando colaborar com o que posso. Eu posso lhe dizer que uma coisa que é anónimo, mas eu não me importo de citar. Eu colaboro com os alcoólicos anónimos. Anónimo. E, eles têm um... “Aquilo que tu viste aqui, que ouviste aqui, fica aqui”. Não é para passar para fora. Há um anonimato. Eles querem anonimato. Eu não me importo. Eu colaboro desinteressadamente.

Investigadora – Como voluntário?

M. – Como voluntário.

Investigadora – É uma das atividades que tem?

M. – É uma das atividades que tenho. Além da Universidade Sénior, além da minha horta, além de...

Investigadora – Há mais atividades?

M. – Não, é que a minha horta era o jardim do prédio onde eu moro, que é a passagem para as garagens, que as garagens são atrás do prédio. Aquilo no início era arranjado. Deixou de ser arranjado, porque as pessoas não queriam pagar... que o condomínio aumentasse. O valor do condomínio mensal. Depois mudou para lá um vizinho, e o pai dele mudou para o prédio do lado. Como era reformado, o senhor cuidava dos jardins. O senhor morreu, nunca mais se cuidou. Nessa altura, estava no estrangeiro. Eu vi aquilo ao abandono, falei com a administradora do condomí-

nio, que é minha vizinha de andar, são só dois apartamentos por andar, eu disse-lhe:

“ _ Olhe, eu vou cuidar do jardim.”

Até nem fui eu que falei com ela, foi a minha mulher.

“ _ O Anselmo vai tratar do jardim. Mas, aquilo não é só jardim, vai fazer uma horta para nós.”

“ _ Tudo bem, desde que esteja arrumadinho!”

Eu mantenho as flores, ponho as minhas alfaces, a salsa, o que lá tiver. Há dias... Ah, no ano passado uma vizinha minha brincou comigo. Eu estava a regar no verão, estava tudo seco. Estava a regar:

“ _ Ó vizinho, o senhor vai afogar as couves!”

E depois, quando eu já estava quase a entrar em casa, diz ela:

“ _ Olhe, a gente vai às vezes ao supermercado e esquece. Se eu precisar de um raminho de salsa posso vir aqui tirar da sua?”

“ _ Pode à vontade!”

Resultado: do lado... no jardim que é do outro prédio, mas que é encostado, eu fiz um canteiro de salsa para as vizinhas. Agora, esta última vez, depois de passar o inverno, eu fui cavar o meu, o meu jardim/horta e eu olhei para o do lado, todo cheio de urtigas. O único lugar era da salsa que eu tinha posto. Cheio de urtigas. Eu parei o meu. Fui arrancar as urtigas todas do outro. Limpei aquilo tudo e voltei para o meu. Às tantas, vou assim:

“ _ Não. Já que eu limpei vou cultivar. E agora pus pimentos e pus... Pronto, eu gastei quatro ou cinco euros nas sementes e está lá para toda a gente. É uma diversão. Alivia o espírito.”

Investigadora - Quer acrescentar mais alguma informação sobre a temática que abordamos, para finalizar?

M. – É pá, não tenho. Prefiro que me perguntem que propriamente dizer. Não.

Transcrição da Entrevista n.º 5

Entrevistado: C.

Idade: 68 anos

Sexo: feminino

Data: 14 de maio de 2015

Local: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Hora: 16h

Investigadora – Pode fazer uma apresentação breve sobre si, a nível pessoal, profissional e académico?

C. – Bom, o meu nome é C., eu sou professora numa universidade pública no Brasil, no estado federal de Alagoas. Mas antes eu tive passagens por escolas secundárias e por escolas agrotécnicas federais, então, sempre na área do magistério... o meu caminho foi sempre no magistério.

Investigadora – Neste momento encontra-se a residir cá, em Portugal?

C. – Sim, sim.

Investigadora – Há muitos anos?

C. – Eu estou em Portugal há um ano e meio. Fiz a seleção para o doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais. O ano passado em Junho eu tive que voltar ao Brasil (...) e retornei esse ano em dezembro e fico até julho, onde a gente faz a defesa do projeto e tese. Nesse período, a partir de amanhã, a gente já tem aula exatamente para isso, para a elaboração desse projeto. Nós fizemos o pré-projeto que foi entregue na segunda-feira e agora já vamos para o projeto final para a qualificação. Aqui a metodologia é um pouco diferente do Brasil. Enquanto no Brasil você faz a qualificação que é um ano depois mas aqui é muito menos que isso (...), aqui se corre muito mais...

Investigadora – E a sua família encontra-se cá consigo?

C. – Não, o meu marido ficou em Pernambuco, Recife. O marido, os filhos tudo no Brasil. De princípio, tinha um filho que era contra eu vir porque achava que eu não deveria vir porque ficava longe da família. Entendia que era melhor se participasse num doutorado no Brasil, como São Paulo e alguma coisa assim, pois assim eu estava mais perto do meu Estado que é Pernambuco. Mas eu tinha informação daqui, da qualidade do curso, além de que tenho antecedentes portugueses... então minha avó era portuguesa e os meus avós eram do Funchal... e eu tive sempre essa

impressão de querer conhecer o país e a gente só conhece quando começa a viver um certo período. Então e apesar de ter que enfrentar, digamos assim, uma barreira muito forte da distância familiar. Mas hoje com as novas tecnologias, a gente prevalece disso e (...) fala com o filho, vendo os netos, essas coisas todas...

Investigadora – Sim, também é o meu caso...

C. – Sim, dou graças a Deus... então esse final de semana o meu marido está chegando do Brasil, chega no sábado e só vai retornar quando eu voltar.

Investigadora – Tem o apoio da família, exceto do seu filho?

C. – Não, mas ele depois... ele mudou porque tem preocupação comigo porque eu sou hipertensa... Tomo medicação e então, o cuidado que ele tem porque todo o dia liga para mim (...) a preocupação dele relativa a minha saúde é muito grande, isto do meu filho mais velho. O mais novo não é assim. Eu tenho dois filhos e o mais novo diz, a mãe vá... acha que eu tenho espírito de cigano porque realmente eu gosto muito de conhecer coisas novas, para mim, não gosto muito de rotina... e para mim, é uma experiência fundamental e salutar e muito boa.

Investigadora – Quais foram as motivações que a levaram a estudar, a realizar o doutoramento?

C. – Olhe, o doutoramento sempre estive na minha... eu sempre gostei de estudar. Sempre. Mas a vida, às vezes, nos impõe essas barreiras e uma delas que eu tive que conviver foi... primeiro criar os filhos. Tive que dedicar aos filhos. Era professora de escola pública (...) e os meus filhos chegaram quando eu já não era muito jovem... foi uma decisão minha... (...), foi tudo planejado como eu queria. Então eu quis dar conta deles, ficar com eles. Depois disso tive minha mãe que era viúva - eu perdi muito pai muito cedo, aos dez anos – e minha mãe teve cancro da mama... e com esse cancro da mama ela ficou em minha casa... e eu não tinha coragem nem para fazer outro curso nem tinha condições porque ela ficou muito dependente... ela não aceitava a doença, ela não aceitou... mas ela não morreu dessa questão (...). Ela ficou na minha casa e então eu não podia viajar para outro país até que... decidi ficar com ela... mas não tinha muita cabeça porque ela exigia muito da gente... era só eu e minha irmã, e é minha irmã a sua filha especial. (...) E eu só tenho filhos homens, você sabe que é mais difícil... quando a gente tem filhas mulheres no aspeto da mãe e nessas questões, é melhor... Então eu tive que apará-la na minha casa e depois disso, dela falecer, outra irmã minha teve cancro também, de

mama e foi outro trauma... outra derrubada... mas ela está passando bem, está superada. Mas minha mãe não morreu de cancro, ela morreu mesmo idosa com oitenta e cinco anos e com a cabeça ainda boa, mas... sempre rejeitava qualquer tratamento, qualquer terapia... ficou sempre muito difícil de conviver, (...) eu não tinha como abandonar. Eu fechei, tudo o que era meu, de desejos de coisas, eu fechei. Guardei. Quando ela faleceu, foi quando eu recomecei... pensei, vou dar continuidade porque este projeto vem desde os anos 80 (...). Um dia eu chego lá. E aí vim fazer esse doutorado.

Investigadora – Quais foram as principais diferenças ao nível das metodologias numa sala de aula que acabou por verificar entre Portugal e o Brasil?

C. – Olha, muito diferente. Porque no Brasil, nos doutoramentos, primeiro o professor chega e passa os textos para você estudar e você discute com o grupo aquele texto, os artigos. Aqui não há essa discussão. O professor não participa nessas discussões. Esse só faz é mandar. Eu percebo que aqui é muito tradicional. É tarefas e mais tarefas mas ele não vai mastigar, discutir o artigo para criar um contexto (...). Eu acho que falta muito isso. E isso um dos professores me disse que (...) isto aqui é muito diferente do Brasil, não tem aquela discussão não. Mas aquela discussão é rica. Outro, eu não sei se aqui em Educação tem isso, mas lá no ICPD há uma ameaça constantemente... cuidado que você é reprovado na avaliação, na defesa do projeto e tese... quer dizer, há muitas ameaças...

Investigadora – Relativamente à avaliação?

C. – Sim.

Investigadora – Então como é que se sente à avaliação?

C. – Eu me sinto injustiçada. Inclusive com um professor, eu falei com ele recentemente, que é o diretor do curso, eu fiz um trabalho, que eu considero um trabalho bom e ele colocou nove vírgula nove. Eu refiz o trabalho (...) foi sobre motivação que é uma coisa que eu gosto e ele depois do nove vírgula no, colocou dez... nunca com este professor, eu estou no nível que ele quer. Já conversei pessoalmente com ele, ele participou de um *workshop* que houve aqui sobre (...) a questão da avaliação, porque a avaliação tem de ser formativa porque se você não souber trabalhar é claro que não produz (...), tem que se verificar as dificuldades, as barreiras... eu acho que não é fácil avaliar. E essa avaliação não deve ser só de trabalho escrito, bom, o trabalho escrito, mas há outras barreiras, dificuldades que tem de

ser vistoriadas... e não é assim. Só vai em cima daquilo e às vezes, sabe, outra coisa, eu percebi e nós brasileiros percebemos isso: os portugueses sempre têm melhores notas.

Investigadora – Acha que há diferenças ao nível das nacionalidades?

C. – Sim, sim, há, há. E eu percebi isso numa disciplina que eu participei aqui em Educação e que era um grupo de brasileiros e só tinha uma portuguesa. As brasileiras ficaram com uma avaliação de quinze e a portuguesa ficou com dezasseis ou dezassete... num trabalho de grupo acho que isso não se justifica... A minha carreira foi toda no sentido de magistério sabe, eu entendo e já vi muitos alunos bons que não eram excelentes profissionais. Não é aquela nota alta que vai dizer que é um bom profissional, certo... então eu vejo que aqui há essa discriminação contra os brasileiros e isso ficou evidente e os brasileiros já têm consciência disso. Todos os brasileiros já conversam e sabem disso. Deve ser terrível, deve ser terrível porque se chegar no Brasil não existe isso, muito pelo contrário, a gente recebe muito bem o estrangeiro que lá chega...é muito bem recebido.

Investigadora – Relativamente a esse assunto, tem sugestões de melhorias para apresentar à Universidade de Aveiro, nomeadamente à Universidade de Aveiro?

C. – Eu acho que os professores através de um trabalho da pós-graduação, da graduação, não sei se pós-graduação se graduação, fazer *workshops* no sentido de que esses professores trabalhem com novas metodologias de ensino não é... que verifique que a avaliação não é só um trabalho que se faz, tem de se ter em conta a participação do aluno na sala de aula, as colaborações... essa metodologia de só mandar e de não trabalhar textos, não discutir textos, é muito... eu vejo um vazio muito grande nisso, até para construção do trabalho científico. Porque você veja o seguinte, os grandes laboratórios de pesquisa, há uma troca de conhecimento e eu acho que o doutoramento é uma troca de conhecimento... ele está ali como tutor mas é importante que ele discuta tudo aquilo ali em cima dos artigos, em cima dos textos... então isso não existe, isso não existe... eu acho que não pode continuar assim. Bom, essa é a minha visão de brasileira, de pessoa que está assim, que participa da educação há muito tempo...

Investigadora – Qual foi o seu percurso académico até aqui?

C. – Eu fiz graduação no Brasil, fiz ensino técnico, estudei Economia Doméstica de nível médio, que era um excelente curso no Brasil, depois eu parti para a gradua-

ção em ciências sociais – eu sou socióloga – depois eu fiz especialização em Comunicação Rural porque antes dos dezoito anos eu queria mudar o mundo, queria acabar com a pobreza e ainda trabalhei na questão rural... e a questão rural continua... os sem-terra e esses pobres todos... Depois eu fiz mestrado, noutra Estado, foi em Biblioteconomia (...), dentro do mestrado em Biblioteconomia existia uma cadeira, uma linha de pesquisa que era Informações e Sociedades... e a leitura que eu fazia das bibliotecas era que as bibliotecas viviam muito para si, não para divulgar informação... informação em questão de saúde, em questão de direitos individuais e coletivos. Então, como na época eu trabalhava num colégio agrícola onde havia o regime de internato e no colégio a biblioteca era fechada e os meninos ficavam vendo televisão à noite... Então que é que eu fiz? Abri, pedi para abrir a biblioteca e ficava com a biblioteca aberta e os alunos iam estudar em vez de ficar vendo televisão. Foi daí que certa vez eu (...) vi que ele tinha esse curso e foi quando resolvi fazer o curso da biblioteca. Mas não pensava em trabalhar em curso de biblioteca (...), entrei na universidade rural (...) onde trabalhei com as sociologias e as (...) humanidades (...). Depois eu me aposentei...

Investigadora – Com que idade?

C. – Eu me aposentei com cinquenta e um anos... isto porque o Fernando Henrique fez uma mudança em que a gente ia perder vários direitos (...) aí eu nem queria mas me aposentei. Aí eu voltei a trabalhar e houve um concurso que eu fiz para professora fora de Pernambuco, em Alagoas que é onde trabalho, aliás, esse concurso eu nem queria ir, era para indicar uma colega minha mas quando eu falei essa colega era de Brasília e disse que não iria... aí a diretora, a fundadora do curso... o curso de Biblioteconomia já estava no quarto ano e não tinha um professor efetivo. Então, ou contratavam um professor naquele ano ou o então curso fechava e os alunos iam ser direcionados (...). Então, eu fui, ela me aceitou, eu fiz o concurso e daí eu fiquei. E aí eu me dediquei tanto ao curso, à minha vida académica de curso que tenho residência em Alagoas e o meu marido fica em Recife. Tenho o quartel montado em Alagoas e eu estou vindo para cá (...), não vim aqui para passear, não é. (...), e eu estou nessa vida desde 2001. Desde 2001 que eu resido em Alagoas sendo professora do curso de Biblioteconomia.

Investigadora – Foi quando começou a trabalhar...

C. – Sim, foi exatamente. Agora é engraçado, foram cinco anos depois. Eu cheguei a esse curso com 55 anos lá. Então, como vê, trabalhar para mim é uma paixão. E

a Educação para mim é uma paixão. Adoro quando sei que... agora mesmo recebi um email de um aluno ontem que está esperando que eu chegue para orientar ele (...). Eu gosto de estar ajudando (...), mesmo agora, sei bem o quanto isto é importante...

Investigadora – O que eu agradeço... No âmbito da educação ao longo da vida, o que acha sobre esse tema? Há alguma idade específica para aprender?

C. – Não, não acho isso. Eu acho que não tem idade para aprender, não tem idade para casar, para ter filhos... eu acho que é uma questão de cabeça... eu acho que tem de ter entusiasmo, isso motiva até a não adoecer. Você tem de ter alguma coisa, sonhar com alguma coisa porque isso te faz crescer, viver e esquecer essa acomodação (...). Por exemplo, chegando aos setenta anos eu quero cultivar. Não vou parar. Eu digo sempre, não vou parar. Se não vou estudar e fazer outro curso de graduação. Então não vou parar e quero sempre que o Senhor me dê saúde, isso é importante, e que esse entusiasmo me leve até ao final. E outra coisa, eu acho que é muito importante essa experiencia para os meus filhos...

Investigadora – Quantos tem?

C. – Eu tenho só dois. Um com trinta e um e o outro com trinta e dois. Eles chegaram na minha vida, quer dizer, eu me casei, passei quatro anos sem querer filhos, quer dizer, foi tudo assim muito planeado, não é. Aliás, eu nem me queria casar, eu tinha medo de casar e que não desse certo... essas coisas assim, não é. A minha geração toda casou com vinte anos, se não casasse era solteirona... mas nunca tive isso como dor de cabeça, sempre fui muito aberta...eu acho que sempre fui aberta para o século XXI sabe, Marisa...

Investigadora – É louvável...

C. – Exatamente, eu vejo assim. Sabe que, não tem idade para nada. Eu acho é que é importante você superar essas barreiras que a própria sociedade impõe. Quando engravidei dos meus filhos muitas médicas disseram que a minha idade não é boa e tal... olhe tive meus filhos de partos normais... e os meus filhos são normais. Enquanto minha irmã, mais jovem vinte e quatro anos teve uma filha especial... Está entendendo... E hoje as mulheres com trinta e cinco, trinta e seis, na minha época era um absurdo e eu entrei nessa fase (...). Hoje mulheres com quarenta, trinta e nove, vão tendo filhos...

Investigadora – É o que me vai acontecer para o segundo filho... eu ainda quero mais um...

C. – Pois faz bem em ter outro, nunca tenha só um... eu tive só dois e hoje me arrependo porque não tive um terceiro... porque eu gosto de dois muito pouco... o mais novo que casou primeiro (...) tem a Clara com dois meses e só vejo de foto. Mas eu digo para ele esperar um pouco, ele tem três anos como professor também no Instituto Tecnológico (...) mas graças a Deus está tudo bem e se eles acham que deve ser assim, então, querem ser pais jovens (...) eu, graças de Deus me considero uma pessoa feliz.

Investigadora – Acha que é um exemplo para os seus filhos?

C. – Eu acho e inclusive para muitas pessoas conhecidas minhas no Brasil, que dizem, menina como você tem essa coragem de sair daqui e atravessar o Atlântico, ir para o outro lado do mundo e deixar o marido com quem está casada há trinta e seis anos... Como tens coragem? Eu gosto de aventura e ele não pôde vir não é, mas a gente se comunica com as novas tecnologias, talvez isso há trinta anos atrás fosse muito mais difícil... mas hoje não é uma barreira. Você tem um exemplo, você e o seu marido...

Investigadora – Sim, eu faço o mesmo... Todos os dias, todos os dias falamos apesar da diferença horária que são mais seis horas na Tailândia...

C. – No Brasil são menos quatro...

Investigadora – Lá são mais seis e mesmo assim tentamos arranjar sempre um bocadinho para falar...

C. – Isso aí. Porque às vezes a gente está perto e está distante... outras estão distante mas muito mais perto...

Investigadora – Sim, todos os dias falamos ou trocamos mensagens. Não há um dia que não fale com ele...

C. – Eu faco isso três ou quatro vezes por dia também... Agora mesmo eu vinha para aqui e falei para ele que estava vindo para Aveiro... ele sabe tudo, tudo, tudo, tudo...

Investigadora – Porque é que escolheu a Universidade de Aveiro e a do Porto?

C. – Não fui eu que escolhi. É o curso que um ano é oferecido no Porto, primeiro a seleção foi no Porto, como eu deixei por fazer cadeiras como (...) aí (...) depois a

matrícula foi em Aveiro... e eu não conheci-a a Universidade de Aveiro, e agora sou apaixonada. Gosto dessa cidade de mais. Sinceramente, eu não recomendo o Porto. Acho tudo muito distante nas universidades, na cidade é outra história, não estou falando da cidade. Estou falando só da universidade eu recomendo muita mais aqui... e especialmente gostei do curso de Educação. Estou encantada com o curso de Educação aqui.

Investigadora – Porque é que escolheu o curso que está a frequentar?

C. – Porque o curso está ligado ao curso em que eu trabalho no Brasil.

Investigadora – O de agora... ultimamente estava a trabalhar em que área?

C. – No de Biblioteconomia...(…), e como lá é Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, essa questão de plataformas abordam muito a área da Biblioteconomia. Mas na realidade quando eu vim ver a grade e a metodologia de trabalho...

Investigadora – A grade é o currículo?

C. – Sim, é o currículo. Então quando eu verifiquei (...) o currículo e a metodologia é o mais importante... e quando se deparou com a metodologia, é um pouco diferenciada do currículo... então isso cria as frustrações não é. Porque nem sempre o currículo está lá (...) mas como esse professor vai proceder é o que importa. Como é que ele se vai comunicar? Acho que é tudo uma questão da comunicação... (...) quando eu cheguei não conhecia a Universidade de Aveiro... se eu conhecesse e soubesse, pois nem tive essa preocupação nem de olhar porque hoje nem se justifica (...), mas eu tinha uma colega que fez recomendações, mas de Aveiro não falou nada. Do Porto sim, porque eu tinha colegas que fizeram o ICPD e que tiveram o curso reconhecido no Brasil. Como eu tinha pouco tempo e tinha que aposentar aos setenta anos, que é obrigatório no Brasil, eu não tinha como perder tempo a ir para uma universidade que não reconhecesse o meu curso.

Investigadora – Os cursos de Aveiro são reconhecidos atualmente no Brasil?

C. – São, são porque eu tive colegas do Brasil fazendo Multimédia... e eles vieram de universidades brasileiras... quer dizer, se eles não reconhecessem eles não teriam vindo. Depois eu comecei a ler alguns trabalhos e hoje sou apaixonada por este curso de Educação. Existe aqui o curso de Biblioteconomia que gostaria até de fazer... depois dos setenta eu apareço aqui!

Investigadora – Então não pensa voltar ao Brasil?

C. – Depois que terminar a tese, sim, daí eu venho...

Investigadora – Depois quando acabar o curso...

C. – (...) então eu pretendo voltar aqui já para fazer o outro curso que tem aqui sobre bibliotecas... mas eu vou... se Deus me der saúde.

Investigadora – Quanto tempo falta para acabar? Encontra-se em que ano?

C. – Eu me encontro no segundo ano e vou adiantar a tese para que trabalhe logo e me apresente... (...) isso eu já conversei com o meu orientador, que é uma pessoa, por sinal, espetacular. Foi uma pessoa, de todos eles, foi uma pessoa iluminada. Está dentro desse país, dentro das dificuldades que eu encontrei... e, conheci ele há um mês atrás por indicação de uma menina brasileira aqui da Educação e ela me falou sobre esse professor do ICPD mas eu não conhecia... olhe, é uma pessoa iluminada... estou sendo orientada por uma pessoa fantástica.

É uma pessoa humana de mais, estou muito grata...com tantas dificuldades, houve essa... que é muito importante – o orientador. É uma pessoa altamente motivadora, está sempre bem com vida... isso é muito importante num orientador. Há pessoas que estão sempre bem com a vida, outros que estão um dia assim outro está mau. Aí eu não gosto, gosto de pessoas que sempre estão bem. Acho isso muito importante e com o orientador, é fundamental que não se leve os problemas de casa para o trabalho (...).

Investigadora – Tem outras atividades que realize a par do estudo que encontra-se a fazer? Outras atividades de lazer?

C. – Bom, eu tenho... as atividades de lazer que faço são as caminhadas, pratico desportos, vou ao cinema, vou ao teatro que eu gosto muito.

Investigadora – Fez amigos? Já fez muitos amigos cá?

C. – Sim, já. Tenho bastantes amigos aqui. Participo no Facebook... são ferramentas modernas e eu tenho há muito tempo já... não tenho tabus, a expressão tabu comigo não existe. Nem tenho tabus na alimentação nem em nada da minha vida. Não me sinto menor do que ninguém. Eu acho que isso é muito importante... e apesar de ter perdido o meu pai muito cedo que foi uma frustração muito grande, perdi o meu pai com dez anos devido a um enfarte fulminante... Com dez anos... fui criada pela minha mãe, com uma educação muito rígida, muito rígida mesmo

sabe... aí, eu acho que cada um tem o seu temperamento, sua maneira do viver o mundo.

Investigadora – Temos uma autora portuguesa, Maria João Rosa que diz que, antigamente o ciclo da vida baseava-se em três fases: a fase da formação – a escola; a segunda fase era a fase do trabalho – vida ativa; e a terceira fase – a reforma, a fase do lazer. Porém, atualmente, ela apresenta outro modelo de vida, mais atual, em que estas fases não são estanques, ou seja, por exemplo, a formação é ao longo da vida. O lazer também deve ser ao longo da vida. Qual é a sua opinião sobre o ciclo da vida e sobre estas fases da vida?

C. – Eu concordo com essa última versão dela. Porque a gente vê jovens tão mal-humorados que são jovens com trinta anos, com vinte, assim sem esperança... eu sei que o modelo económico no mundo está desajustado (...), mas eu nunca olhei para esse lado. Sempre fui uma pessoa que sempre sonhei, acho o sonho muito importante... o sonho alimenta a gente. Então eu tenho um projeto que daqui para a frente (...) que é construir uma casa... porque nós moramos em apartamento e estamos sempre viajando, ele em Recife e eu em Alagoas... Mas eu quero ir para a frente com o meu projeto e construir essa casa. Eu acho que você tem que ter sempre um projeto. Eu tenho um filho mais velho que eu acho, assim, meio pessimista... ele é muito fatalista (...), isso que estou vivendo serve de exemplo para ele. Eu acho que a diversão tem de ser ao longo da vida, o lazer ao longo da vida... a aprendizagem é fundamental. Existe uma expressão interessante: Aprender a aprender. Eu acho que a gente nunca está completamente formado, a gente tem de aprender sempre. Eu tinha muita dificuldade em trabalhar com o sistema operacional de trabalhar a internet, com o Google, com o computador... e o que aprendi foi comigo mesmo, lendo livros e indo lá, buscando (...) e é assim que eu trabalho. Essa motivação, que é uma coisa que vem de dentro, é fundamental... essa esperança num mundo melhor (...), isso não pode ruir. Tem de partir de cada um e é importante cultivar nos nossos alunos, graças a Deus eu faço isso... que a gente deve acreditar que tem tempo para tudo na vida e nunca achar que a idade é um fator limitante. Nem a doença mesmo, nem a doença. Você vê pessoas portadores de deficiência estudando, trabalhando e participando com alegria imensa. Você, às vezes, vê uma pessoa com toda a saúde, mau humorado e sempre na negativa... acho que a aprendizagem é ao longo da vida, acho que o lazer também é ao longo da vida e outra coisa, acho que a gente tem de aprender a colaborar. Quando você

colabora, você está sendo participativo, está ajudando. Acho que a juventude de hoje é muito egoísta. Eu percebo isso em algumas pessoas.

Investigadora – Em Portugal, no Brasil, ou em ambos os países?

C. – Eu vou falar pela experiencia brasileira. Eu percebi nesse curso que fiz, algumas brasileiras foram terríveis comigo... em não colaborar, em não ajudar... Teve uma menina que foi terrível que não queria que eu entrasse no grupo porque o grupo já estava formado... e uma portuguesa não, muito pelo contrário, foi muito boa... eu acho o português muito solidário (...), eu tenho percebido isso.

Investigadora – Por isso não sentiu preconceitos em relação aos colegas portugueses?

C. – Não, não... também não foram todos os brasileiros, foi apenas uma brasileira...

Investigadora – E o que acha? É da personalidade? Qual a razão?

C. – Eu soube que ela é uma professora de universidade no Brasil mas que é muito complicada... são essas pessoas que já são complicadas que creio vem da personalidade. Infelizmente, se não fosse uma brasileira eu teria perdido essa disciplina porque fui passar o Natal na minha residência no Brasil e quando voltei uma disciplina foi antecipada. Ela não mandou nenhuma informação por email (...) e se eu não fizesse essa disciplina eu não poderia avançar, estava reprovada e não podia mais fazer o curso. Isto é uma coisa grave, muito grave. Se não fosse uma menina portuguesa, que eu escrevi desesperada para ela, ia haver condições para isso... porque a professora deu quatro textos para três pessoas e que um texto ia ser dividido e eu fiquei com esse texto... e só tomei conhecimento na sexta-feira para apresentar esse trabalho na segunda-feira. Eu falei o tempo todo com ela para me colocar e ela disse que não me colocaria porque o grupo já estava avançado... foi terrível, sabe, foi terrível mesmo. Mas enfim, ela ficou na dela e (...) eu acho como educadora que ela não apresentou uma atitude positiva. Porque ela é uma professora, ela é uma técnica e considero que existe o professor que é aquele que transmite o conhecimento e existe o educador que é o que motiva... estimular o aluno e suas competências... então, ela pode ser boa para transmitir mas... Eu também conversei com uma colega dela que é da mesma instituição e confirmou que ela tem vários problemas... é uma pessoa competente e talvez se ache competente acima de todo o mundo.

Investigadora – Estas experiências ocorreram no seu primeiro ano de doutoramento?

C. – Sim, sim.

Investigadora – Além disso, tem conhecimento das universidades seniores que existem em Portugal? Já ouviu falar?

C. – Eu ouvi falar mas eu nunca pesquisei. Eu não sei quais são as universidades que trabalham isso... inclusive, isso me surpreendeu... não sei se no Brasil isso não se chama Universidade Aberta. É o que se chama de Universidade Aberta?

Investigadora – Talvez Universidade de Terceira Idade?

C. – Não, não... Eu já ouvi falar da Universidade Aberta mas não sei se é essa dos seniores...

Investigadora – Em Portugal existe a Universidade Aberta, em que o ensino é à distância.

C. – Só isso? Não é exclusivo dos seniores?

Investigadora – Não...

C. – E como é essa dos seniores que você falou aí?

Investigadora – São instituições que, tem como resposta para pessoas a partir dos cinquenta anos, pode ser respostas educativas, a nível social, de convívio... ocupam o seu tempo com disciplinas como informática, inglês... estas duas disciplinas, segundo alguns estudos, são as mais procuradas, mas também têm outras disciplinas. Contudo, é um contexto não-formal, não há certificação, não há um diploma no final, não há faltas, não há um caráter formal, é informal. Também existe programas universitários, por exemplo, a Universidade do Porto, a Faculdade de Letras tem um programa universitário de pós-graduação só para seniores, só para pessoas a partir dos cinquenta anos em que exigem a licenciatura.

C. – É bom isso, é ótimo...

Investigadora – Mas você escolheu o doutoramento numa universidade em que tem pessoas de todas idades... que é que acha dessa diferença entre grupos homogêneos, em que nesse caso, as universidades seniores são grupos a partir dos cinquenta anos e relativamente à idade, relativamente à idade são homogêneos, claro que em relação às características são heterogêneos... mas comparativamente com

a Universidade de Aveiro em que os alunos são heterogéneos relativamente à idade, que é que acha em relação à idade?

C. – Olhe, eu acho muito positivo misturar jovens com pessoas de mais idade. Não gosto muito de... dessa historia de ficar idoso só com idoso. Eu até por experiencia familiar, minha irmã teve cancro, ela ia muito para reuniões de pessoas que fazem terapia... e ela falou, eu não quero saber disso, eu quero conviver com pessoas que não tem esse problema... não quero mais saber disso (...) então para mim, eu quero gente jovem para saber que é que eles estão fazendo e aprender com eles e eles comigo. Acho que é uma troca, acho mais salutar misturar...mas também não sei se todos os idosos vão aceitar... mas se a gente começa a trabalhar com essa questão idoso-jovem, eles começam a respeitar mais, a conviver, a aprender e todos fazem essa aprendizagem. Por exemplo, se eu estou com dificuldade no celular eu pergunto, não tenho barreira nenhuma (...). Às vezes o pessoal jovem até tem vergonha de perguntar... Outra coisa, eu tenho uma sobrinha especial e no Brasil se fala muito em colocar a criança só junto dos portadores especiais... mas eu sou contra. Acho que se devia misturar com as crianças normais... mas as escolas lá não aceitam... eu acho que o mundo, a cultura são feitos de pessoas diferentes, então essas barreiras que vemos é a sociedade que cria. Eu acho que estamos em época de acabar com isso e tem de ser a educação a fazê-lo e tem feito na medida do possível. Não é fácil derrubar preconceitos (...) desde a infância... o *bullying*... sempre acho que família tem muita responsabilidade nessa educação dos seus filhos. Se ele faz na escola é porque faz em casa ou ouve fazer... muita coisa é o espelho da família, vai fazer lá o que fez em casa...

Investigadora – Quais são as vantagens, os benefícios que acha que pode ter com o estudo que está a desenvolver? Vantagens pessoais ao nível de...

C. – Eu acho que as vantagens pessoais são novas aprendizagens, novos conhecimentos... conhecer novas pessoas, um outro mundo... eu acho que só tem coisas positivas e também fazer uma avaliação das minhas limitações que podem ser superadas. Acho isso muito importante e é isso aí que eu vejo... não sei se respondi ao que você queria...

Investigadora – Sim, sim. Quer acrescentar alguma informação sobre esta temática de educação ao longo da vida?

C. – Eu acho que essa temática deve ser trabalhada em termos de ser em todas as universidades e ser publicado e divulgado também através da imprensa... acho

muito importante isso aí, para que mais pessoas tenham conhecimento desse trabalho que está-se fazendo. Porque essa questão do número de nascimentos diminuir, isso está no mundo inteiro não é caso só da Europa, no Brasil também... (...) então é preciso que vocês publiquem esses trabalhos, apresentem em congressos e tenham divulgação nas páginas das universidades, da televisão... acho que quanto mais essas informações forem divulgadas mais pessoas (...) perto dos setenta ou oitenta não vão pensar em morrer... porque isso também é foco para a doença.

Investigadora – Nunca é tarde para aprender...

C. – Nunca é tarde, muito pelo contrário. Sempre, a gente tem que aprender sempre.

Investigadora – Acha que estas histórias têm de ser divulgadas para dar incentivo a outras pessoas, para terem objetivos na vida...

C. – Exatamente. Para mostrar que outras pessoas tem a coragem de superar e não venham com frustração (...). Estou aqui com você que é uma menina e tento mostrar que querer sempre aprender é fundamental em tudo. E às vezes as pessoas têm vergonha de aprender. Eu já ouvi dizerem que já não tem mais idade para isso... nossa, isso a pessoa não pode dizer. Não existe idade para nada. A idade para aprender está aberta. Eu digo sempre que tem de abrir as crianças desde pequenas (...). Desde o início fiz questão de participar dessa sua pesquisa e se puder acrescentar alguma coisa com a minha experiência, então para mim eu já estou fazendo uma boa caminhada...

Investigadora – Sim e agradeço, vivamente, imensamente o seu contributo. Sem ele é impossível realizar o meu trabalho e é louvável a sua persistência, a sua força... e não considera a idade limitativa, nunca é tarde para aprender...

C. – Exatamente. Eu apenas quero que quando terminar sua tese, saber os resultados e como é que foi e essas coisas e divulgar o seu trabalho. Porque eu acho que é muito relevante nesse mundo pós-moderno.

Investigadora – Obrigada e agradeço-lhe imenso e que tudo corra bem. Muito obrigada.

C. – Obrigada Marisa e foi um prazer estar com você.

Anexo 6**RELATÓRIO DA ENTREVISTA COLETIVA**

Moderadoras: Marisa Machado e Professora Rosa Madeira

Cooperante: Elsa de Almeida

Estudantes Participantes: G., Brasilino da Costa Godinho (B.) e Manuel Anselmo Figueiredo Gomes Vieira (M.).

Data: 22 de maio de 2015

Local: UINFOC na UNAVE da Universidade de Aveiro

Hora: 15h 30m

Objetivo geral: aprofundar dimensões da experiência dos estudantes sénior sobre o contexto académico tradicional e as suas práticas bem como sobre outras propostas educativas.

Apresenta-se, seguidamente, a descrição das informações adicionais às entrevistas individuais dadas pelos estudantes na entrevista coletiva, conforme a tabela seguinte.

ESTUDANTE	INFORMAÇÕES ADICIONAIS
G.	<ul style="list-style-type: none">- Contou uma situação particular que ocorreu devido a uma disciplina em que teve dificuldades. Pelo que andou 4 semestres para realizar essa disciplina. Ela falou com o professor e este disse-lhe: “G. és igual aos outros. Não és especial”. Chegou a referir ao docente que não ia exercer a profissão de psicóloga. Perante as dificuldades que sentiu, foi a única disciplina que teve de recorrer à experiência profissional para solicitar a sua acreditação.- Não escolheu a Psicologia Clínica porque já tinha trabalhado, toda a sua vida nesta área. Pelo que selecionou a Psicologia Forense.- Praticava voluntariado regular à segunda e à quinta-feira de cada semana.- Realizou voluntariado, em Ílhavo, durante 2 anos.- Interrompeu o voluntariado devido ao facto de se encontrar a fazer obras em casa.
B.	<ul style="list-style-type: none">- B. distinguiu a sua situação de estudante de outras situações. Existem pessoas com mais idade a estudar, mas já possuíam um determinado curso universitário. Enquanto ele começou a estudar o curso de licenciatura, pela primeira vez, aos 77 anos.- B. referiu que, segundo um estudo realizado, as crianças consideram os idosos inexperientes, pessoas sem competências, “são um zero à esquer-

	<p>da". Pelo que, é da sua opinião que se deve começar na instrução primária a falar sobre as gerações mais velhas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Referiu que apresenta dificuldades auditivas que por vezes dificultou o processo da aprendizagem. Contudo, estas foram superadas pela receptividade encontrada pelas pessoas. - Nas aulas, por vezes, sentiu hiatos no acompanhamento das aprendizagens. Pelo que teve necessidade, no fim das aulas, de solicitar apontamentos aos seus colegas. - B. declarou que o facto de estar na universidade com a idade que tem está a prestar um dever cívico à sociedade. Deu como exemplo uma situação ocorrida entre ele e uma colega na casa dos 20 anos que lhe disse " _ Brasilino, já estive para desistir do curso. Mas lembro-me de si e vou em frente". "Foi uma das coisas mais gratificantes que recebi na Universidade." - No 3º ano da instrução primária teve que fazer uma redação. Pediu ajuda ao seu pai. Porém, este disse-lhe que no 4º ano ele iria fazer um exame e que o pai não estaria ao seu lado, nesse dia, a fazer-lhe uma redação. - Relatou uma única situação incorrecta que sucedeu, na universidade, com uma diretora. - Contou uma situação que se passou quando realizou a licenciatura, altura em que o seu caso foi muito citado na imprensa, e na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, inseriram os comentários de estudantes. E há um comentário que diz o seguinte: "Felicito o Brasilino. Resta saber quantos anos ou décadas ele levou para tirar o curso". "Isto afeta o estado de espírito da mocidade relativamente aos idosos, quer dizer são uns coitadinhos... andam ali 20 ou 30 anos para tirar um curso". - Reforçou que a Universidade Sénior é para entreter o tempo e que não concorda com a designação "Universidade Sénior".
M.	<ul style="list-style-type: none"> - Sentiu complexos de inferioridade porque, em 1992, durante a construção da Via do Infante, ele era diretor e tinha um vencimento inferior à pessoa que, na hierarquia da empresa, desempenhava uma função abaixo dele, por a sua licenciatura ter sido feita no Brasil e não ser reconhecida na Ordem dos Engenheiros." Fez um escudo invisível". Na Universidade o tratamento é diferente. - Está a existir uma abertura no Departamento de Engenharia Civil.

	<ul style="list-style-type: none">- A designação “Universidade Sénior” não o incomoda, porém M. partilha a opinião de B. quanto a este assunto.- Relatou uma experiência que teve de, a pedido de uma docente, ter dado uma aula a 14 mestrados. Esta experiência não vê a acontecer noutras universidades. É da sua opinião que isto deveria ser repassado para fora.- Partilha o que faz na Universidade de Aveiro com as pessoas que são suas alunas na Universidade Sénior de Cacia.- É uma pessoa ansiosa. Tinha um trabalho de Estudos Avançados de Engenharia para entregar e já o entregou. Tinha ainda 3 anos para o entregar.- Viveu um caso negativo e quase desistiu da Universidade. “Eu matriculei-me e pedi equivalência a uma série de cadeiras porque eu já as tinha feito.” E porque tinha currículo profissional e trabalhos académicos. Verificou que não recebia emails da Universidade e nem dos professores. Descobriu que o Programa Paco bloqueou porque houve uma cadeira que pediu equivalência por duas vias, pela via profissional e pelos estudos realizados na Universidade de São Paulo. <p>Pelo que ficou com cadeiras por fazer e teve que tratar da situação. Entretanto, disse ao Reitor: “um rapaz ou uma moça de dezoito anos, vinte ou vinte e um pode deixar para o próximo semestre. Eu não sei se vou viver até defender a minha tese. Então, eu não tenho tempo para perder tempo”.</p> <ul style="list-style-type: none">- Agora é uma pessoa mais paciente do que quando trabalhava.
--	---

Não se verificou diferenças nos testemunhos dados nas entrevistas individuais comparativamente com as declarações efetuadas na entrevista coletiva.